

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

THAMIRIS MAGALHÃES DE SOUSA

IGREJA CATÓLICA NO MUNDO DIGITAL:

**As tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de
relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de mediação
religiosa**

São Leopoldo, RS

2013

THAMIRIS MAGALHÃES DE SOUSA

IGREJA CATÓLICA NO MUNDO DIGITAL:

As tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de mediação religiosa

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientador: Dr. Pedro Gilberto Gomes

São Leopoldo, RS

2013

S725d Sousa, Thamiris Magalhães de.

Devoção em caracteres : Igreja Católica no mundo digital : as tensões entre discurso e prática da Igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de midiatização / Thamiris Magalhães de Sousa. – 2013.

188 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, 2013.

"Orientador: Dr. Pedro Gilberto Gomes."

1. Círio de Nazaré. 2. Redes de relacionamento. 3. Internet. 4. Cibercultura. 5. Midiatização. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

THAMIRIS MAGALHÃES DE SOUSA

“IGREJA CATÓLICA NO MUNDO DIGITAL: AS TENSÕES ENTRE DISCURSO E PRÁTICA DA IGREJA NA ERA DA INTERNET E AS REDES DE RELACIONAMENTO DO CÍRIO DE NAZARÉ, EM BELÉM DO PARÁ, COMO FENÔMENO DE MEDIATEZADAÇÃO RELIGIOSA”

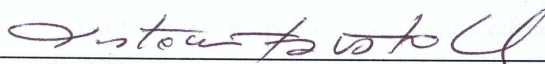
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Aprovada em 22 de abril de 2013

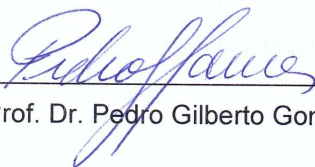
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Regina de Fatima Mendonça Alves – UFPA



Prof. Dr. Antonio Fausto Neto – UNISINOS



Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes – UNISINOS

Dedico este trabalho a Sergei Tadeu P. de Sousa e

Irani Magalhães de Sousa.

Por serem tudo em minha vida.

Por terem me proporcionado a oportunidade de chegar onde cheguei.

Por acreditarem e apoiarem meus sonhos.

Pela compreensão e paciência, necessárias muitas vezes.

Por serem excelentes pais.

Por me amarem incondicionalmente.

Por acreditarem em mim, mais do que eu mesma.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me concedido o dom da vida, força e dedicação para que concluísse com dignidade esta dissertação.

Aos meus pais Sergei Tadeu e Irani Magalhães, por sempre me apoiarem em minhas decisões e terem me apoiado na difícil decisão de sair de casa e do estado do Pará, apesar das dificuldades surgidas no meio do caminho, para cursar e concluir o mestrado com louvor.

Ao meu irmão Sergei Rodrigo, pelo apoio e incentivo na realização da pesquisa.

Ao meu orientador, professor Dr. Pedro Gilberto Gomes, por acreditar na contribuição deste trabalho para o campo comunicacional e teológico, e por não ter medido esforços para que esta pesquisa pudesse dar certo.

Ao professor Dr. Antonio Fausto Neto, pela sempre generosa acolhida, incentivo e apoio durante toda a realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Jairo Ferreira, pelo estímulo e por ter me ajudado sempre que foi preciso.

Ao professor Dr. José Luiz Braga, pelas importantes contribuições feitas à pesquisa, durante todo o curso e pela disponibilidade em sanar dúvidas e auxiliar este trabalho sempre que solicitado.

Ao Programa de Pós-Graduação (PPG) em Ciências da Comunicação da Unisinos, pela compreensão e apoio durante toda esta jornada. Em especial, agradeço a Lilian e as meninas da secretaria, por ter me oferecido contribuição generosa no PPG, sempre que requerido.

À professora Dr. Regina Alves, por ter aceitado o convite em avaliar esta pesquisa.

A Henrique Guilherme Carlos Heidtmann Neto, pelo apoio, incentivo e por acreditar nesse trabalho, orientando-o quando era ainda um projeto para seleção.

Ao amigo Enderson de Oliveira, por estar ao meu lado sempre e nunca esquecer de compartilhar suas descobertas intelectuais comigo, bem como por vibrar com o amadurecimento desta pesquisa.

Ao eterno orientador Mauro Celso Feitosa Maia, por acreditar, desde a graduação, na capacidade desta iniciante pesquisadora, e por compartilhar comigo as suas descobertas, seus anseios e materiais. Além de, é claro, não ter medido empenhos para ajudar a contatar a pesquisadora Regina Alves, para que avaliasse esta dissertação.

A Adriano da Cunha Flores, pelo companheirismo, por ter acreditado neste trabalho e compartilhado comigo a vitória da conclusão deste curso.

Aos amigos Gabriela Mendes Fontana e José Francisco da Silva Martinez, por terem me dado apoio e suporte emocional, nos momentos em que mais precisei.

Aos grandes amigos Íris Jatene, Igor Oliveira e Felipe Viero, pela parceria nesta caminhada de curso e por terem estado ao meu lado nos momentos mais oportunos.

A todos os padres que fizeram parte da pesquisa, por terem disponibilizado parte do pouco tempo que têm para me conceder entrevista.

A minha família e a todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos que dividiram comigo deste sonho e vibraram comigo durante a realização do mestrado e para que este trabalho acontecesse.

E, ainda, a todos aqueles que acreditam que eu posso continuar trilhando o caminho da pesquisa em Mídia & Religião, com dignidade e competência.

Muito obrigada!

*Você não sabe
O quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas
Antes de dormir
Eu nem cochilei
(A Estrada - Cidade Negra)*

*O caboclo Plácido,
que achou Nossa Senhora de Nazaré,
depois de refeito dos traumas da ressurreição,
pediu para conhecer a Basílica.
Foi também ao Museu do Círio,
onde assistiu a um vídeo com imagens da procissão.
Quando viu a arrebentação da corda
chegando ao largo de Nazaré,
emocionou-se diante do significado
que seu gesto simples de recolher a pequena imagem
na floresta passou a ter na vida de tanta gente.
(...) Falando alto, se perguntou:
Meu Deus!
E se eu naquele dia tivesse tomado
uma outra bifurcação do caminho,
quem cuidaria desse povo?
(Flávio Nassar apud Regina Alves, 2002)*

RESUMO

Este trabalho busca analisar os processos de interação entre fiéis e igreja, mais especificamente nas redes de relacionamento da maior procissão católica da América Latina: O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, realizado todo segundo domingo de outubro na capital paraense, Belém do Pará. As redes sociais digitais do Círio e dos internautas, mais especificamente o Facebook, são estratégias ainda recentes utilizadas pela igreja para evangelizar, nas chamadas mídias digitais, originárias da web 2.0 e da cibercultura, em uma sociedade em vias de midiatização. Nessas novas plataformas comunicacionais, a religião começa a alterar seus modos de se comunicar, sendo que os fiéis passam a ter papel central e relevante neste novo cenário. Nesta análise, são discutidas que mudanças começam a surgir no discurso e na prática da Igreja Católica Apostólica Romana proporcionadas pela inserção da igreja no mundo digital, bem como as tensões encontradas ao longo deste percurso entre o dizer e o fazer da instituição religiosa. São percebidas, ainda, as divergências encontradas nas opiniões dos próprios padres, com relação ao uso, objetivo e outros detalhes quanto à evangelização no meio digital. Como estudo de caso, são analisados os discursos dos internautas nas mídias digitais do Círio de Nazaré, percebendo se há uma alteração no modo de ser e fazer religião e um novo modo de ser religioso que começa a emergir nas redes de relacionamento da internet, com a crescente midiatização da sociedade.

Palavras-Chave: Redes de relacionamento. Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Web 2.0. Cibercultura. Midiatização. Tensões.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the processes of interaction between faithful and church, specifically in social networking largest Catholic procession of Latin America: The Candle of Our Lady of Nazareth, held every second Sunday of October in the capital of Pará, Belém do Pará. The networking of the Candle, specifically Facebook, are still recent strategies used by the church to evangelize, digital media on calls originating web 2.0 and Cyberculture, in a society in the process of mediatization. In these new communication platforms, religion begins to change their ways of communicating. And the faithful? These are replaced and relevant central role in this new scenario. In this analysis, are discussed changes that begin to emerge in the discourse and practice of the Catholic Church provided by the insertion of the church in the digital world as well as the tensions encountered along this route between saying and doing the religious institution. Are perceived, yet, the differences found in the opinions of the priests themselves, regarding the use, purpose and other details regarding evangelization in the digital medium. As a case study, we analyze the speeches of Internet digital media in the Candle of Nazareth, seeing if there is a change in the mode of being and doing religion and a new way of being religious that is emerging in social networking Internet, with the increasing mediatization of society.

Keywords: Networking. Candle of Our Lady of Nazareth. Web 2.0. Cyberculture. Mediatization. Tensions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Berlinda de Nossa Senhora de Nazaré	76
Figura 2 – Corda do Círio de Nazaré.....	78
Figura 3 - Brinquedos de Miriti	79
Figura 4 - O Almoço do Círio.....	80
Figura 5 – Declaração no Facebook	86
Figura 6 – Relato de internauta no Twitter	87
Figura 7 - Relato do perfil oficial do Círio de Nazaré no Twitter	87
Figura 8 - Relato do Jornal O Liberal no Twitter	88
Figura 9 – Relato de internauta.....	88
Figura 10 – Fluxo de informações sobre o Círio no Twitter	89
Figura 11 – Twitti do Jornal O Liberal	89
Figura 12 – Declaração de internauta	90
Figura 13 – Declarações no Twitter.....	91
Figura 14 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré.....	94
Figura 15 - Declaração no Twitter.....	95
Figura 16 - Questionamento de internauta no Twitter.....	95
Figura 17 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré.....	95
Figura 18 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré.....	95
Figura 19 - Informação divulgada pelo perfil do Círio de Nazaré no Facebook.....	96
Figura 20 - Informação divulgada pelo perfil oficial do Círio de Nazaré no Twitter...	96
Figura 21- Camiseta do Círio	97
Figura 22 - Camiseta do Círio 2	97
Figura 23 - Camiseta infantil do Círio	97
Figura 24 - Produtos do Círio	98
Figura 25 - Café Santa Clara homenageia o Círio.....	98
Figura 26 - Mãe de geladeira com a Imagem de Nossa Senhora	99
Figura 27 - Declaração de internauta no Twitter	99
Figura 28 - Afirmação de internauta no Twitter	100
Figura 29 - Postagem de imagens na página do Círio de Nazaré no Facebook.....	100
Figura 30 - Declaração de jornalista no Twitter	101
Figura 31 - Declaração no Twitter.....	101
Figura 32 - Declaração no Facebook	102

Figura 33 - Declaração no Facebook	102
Figura 34 - Brincadeira no Twitter	103
Figura 35 - Cartaz do Círio 2011	104
Figura 36 - Cartaz do Círio 2012	106
Figura 37 - Ilustração da Imperatriz Leopoldinense no carnaval 2013	108
Figura 38 - Promessas, do site oficial do Círio.....	109
Figura 39 - Divulgação do Twitter do Círio pelo Facebook oficial da festa	111
Figura 40 - Página inicial do site oficial do Círio.....	112
Figura 41 - Página do site oficial do Círio.....	113
Figura 42 -Página do site oficial do Círio.....	113
Figura 43 - Página do site oficial do Círio.....	114
Figura 44 - Página do site oficial do Círio.....	114
Figura 45 - Página do site oficial do Círio.....	114
Figura 46 - Página do site oficial do Círio.....	115
Figura 47 - Página do site oficial do Círio.....	116
Figura 48 - Vídeo localizado no sítio oficial do Círio	117
Figura 49- Imagem localizada no sítio oficial do Círio.....	117
Figura 50 - Imagem localizada no sítio oficial do Círio.....	118
Figura 51 - Imagem localizada no sítio oficial do Círio.....	118
Figura 52 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio.....	119
Figura 53 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio.....	119
Figura 54 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio.....	120
Figura 55 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio.....	121
Figura 56 - Twitti do Jornal O Liberal sobre o Círio.....	124
Figura 58 - Twitti do Círio oficial	132

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Um breve relato	14
1.2 Dos porquês que justificam esta pesquisa	15
1.3 As mudanças repentinas	18
1.4 Escolha do tema	19
1.5 Das inquietações que norteiam a pesquisa <i>Igreja Católica no Mundo Digital</i>.....	20
2 DAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS.....	25
2.1 Breve contexto da Igreja Católica nos Meios de Comunicação.....	25
2.2 A inserção da Igreja Católica no mundo digital e suas consequências.....	31
2.3 Mdiatização e Religião	36
2.4 Mdiatização, Dispositivos e Circulação	40
2.5 Cibercultura	42
2.5.1 Cibercultura e Mdiatização	45
2.6 A Mdiatização e o Jornalismo	48
2.6.1 O Acontecimento Jornalístico	49
3. TENSÕES.....	50
3.1 Entre o dizer e o fazer da instituição religiosa.....	57
3.1.1 O Papa Emérito no Twitter	57
3.1.2 Conflitos de opiniões entre membros da Igreja Católica.....	59
3.1.3 Há o surgimento de uma religiosidade - virtual?.....	68
3.1.4 Utilização pelos padres	70
4 DAS APROXIMAÇÕES AO OBJETO EMPÍRICO.....	73
4.1 No mês de outubro, em Belém do Pará.....	73
4.2 A terra da Santa.....	82
4.3 As redes de relacionamento como fenômeno de mdiatização religiosa	84
4.4 Cultura da Convergência Religiosa	92
4.5 Novidades	104
5 SOBRE A TEORIA E AS PRÁTICAS.....	109
5.1 O site-portal	112
5.2 Reflexões	121
5.3 O Jornalismo e o Círio de Nazaré	124
5.4 O Círio e a Reconfiguração da Teoria do Agendamento.....	126

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	136
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PADRE ANDRÉ TELES 2010	141
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PADRE ANDRÉ TELES 2013.....	147
APÊNDICE C - ENTREVISTA COM PADRE ARI ANTÔNIO DA SILVA.....	159
APÊNDICE D - ENTREVISTA COM PADRE CLÁUDIO PIGHIN.....	163
APÊNDICE E - ENTREVISTA COM DOM DIMAS LARA BARBOSA.....	170
APÊNDICE F - ENTREVISTA COM PADRE GIOVANNI INCAMPO	175
APÊNDICE G - ENTREVISTA COM PADRE GLAUDEMIR DE LIMA	176
APÊNDICE H - ENTREVISTA COM PADRE JOÃOZINHO.....	178
APÊNDICE I - ENTREVISTA COM PADRE PEDRO GILBERTO GOMES.....	187

1 INTRODUÇÃO

1.1 Um breve relato

O V Mutirão Brasileiro de Comunicação – “Comunicação e Amazônia – Fé e Cultura da Paz”, realizado no Centro Cultural Tancredo Neves - Centur, em Belém do Pará, no período de 15 a 20 de julho de 2007, foi o grande impulso inicial de inquietação desta pesquisadora em estudar a relação entre Mídia & Religião.

Estava iniciando a graduação em Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade da Amazônia, em Belém do Pará, e mal sabia o que me aguardava nos quatro anos de faculdade que viriam pela frente. Era muito jovem e imatura, com apenas 16 anos de idade. No entanto, tinha – e continuo tendo – ânsia pela aprendizagem, pelo conhecimento e pelo desafio. Conhecer coisas novas a cada dia me fascinava na faculdade – e continua até hoje, ao finalizar mais uma etapa da minha vida, o mestrado, tão almejado por mim.

A sede pelo conhecimento e pela aprendizagem foi o que motivou a minha participação no V Mutirão Brasileiro de Comunicação. Como católica praticante e admiradora das teorias do jornalismo que sou, não poderia ter ficado de fora do referido encontro, uma vez que unia os dois assuntos que sempre me interessaram: a comunicação e a religião. Mesmo que inconscientemente, sabia que o encontro era demasiado relevante para o meu amadurecimento como pessoa. O que eu não sabia, ou, ao menos, não imaginava, era o que ele representaria para a minha jornada acadêmica, pessoal e profissional. O fato é que, hoje, divido a minha jornada acadêmica e meu desenvolvimento intelectual em antes e depois do Mutirão.

O encontro foi, ainda, um momento importante que fez com que eu conhecesse renomados nomes que estudam a relação Comunicação & Igreja, como Joana Puntel (que é citada neste trabalho); padres, seminaristas, religiosas, estudantes e profissionais da comunicação, que muito contribuíram para o meu amadurecimento pessoal e acadêmico.

Tudo mudou depois daquele Mutirão. Comecei, então, a ler, analisar e pensar, dentro da Paróquia Santa Paula Frassinetti, em Ananindeua, Região Metropolitana de Belém, no Pará, onde era paroquiana; em casa e na faculdade, com relação a tudo o que havia sido refletido no encontro. Produzi alguns artigos científicos sobre a Igreja Católica e as mídias digitais durante a jornada acadêmica e realizei o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: *Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?* que, no entanto, não findou os estudos, reflexões e projetos que possuía para

continuar a pesquisa em Comunicação, Mídia e Religião que, já naquela época, muito me interessava. Percebi, mesmo que muito ingenuamente ainda, naquele tempo, que havia bastante que se estudar e descobrir sobre este campo tão frutífero de estudo, que é o de Mídia & Religião...

Ademais, naqueles anos, entre 2007 e 2010, na Universidade, já havia percebido que o conhecimento ia muito além de sentar em uma cadeira dentro de sala de aula. E o mestrado me mostrou com mais evidência isto: que ler, conhecer pessoas, culturas, valores, viajar, trabalhar e ser livre para pesquisar é muito mais enriquecedor ainda. Tudo isto tive a oportunidade de concretizar durante os dois anos bem vividos, em que realizei mais um sonho de, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, de São Leopoldo/RS, concluir com grande satisfação e empenho o Mestrado em Ciências da Comunicação que, sei, porém, não finaliza minhas inquietações, dúvidas e anseios com relação a este tema tão complexo, que, ainda hoje, possui mais perguntas que respostas prontas, que é o da Igreja Católica na era digital. Há muito que se estudar e descobrir, nos próximos anos, sobre esta temática tão enriquecedora e que, infelizmente, no cenário brasileiro, ainda carece de pesquisadores que almejam se debruçar para entender um pouco mais a relação entre Mídia & Religião.

Continuo com o sentimento de quando concluía a graduação: o de que mais uma etapa se vai, com o término do mestrado, mas que outras permanecem, com muitas brechas, dúvidas e anseios ainda por serem superados. E que venha mais uma etapa muito em breve, para que outras e novas descobertas sejam realizadas.

1. 2 Dos porquês que justificam esta pesquisa

Durante o Trabalho de Conclusão de Curso citado anteriormente, foi realizada pesquisa de campo, sendo distribuídos 600¹ questionários à comunidade católica (praticante ou não) de Belém e Região Metropolitana, para saber seus posicionamentos em relação à utilização das mídias sociais pela Igreja Católica. Nosso objetivo era indagar acerca da realização adequada da comunicação *on-line* pela Igreja Católica, se atraía mais fiéis para o templo e/ou fixava a permanência dos já praticantes. Além disso, almejávamos saber se as

¹ Cálculo do tamanho amostral mínimo usando a referência da população alvo. Como não há apenas uma variável de exposição principal, optou-se por utilizar o cálculo amostral pela seguinte função: $n = \frac{N \cdot no}{N + no} \cdot \frac{1}{E^2}$. Onde: N é o tamanho da população; No é a primeira aproximação do tamanho amostral; E é o erro máximo tolerável. Atribuindo um erro máximo de 5% e usando como referência uma população de 200 000, teremos aproximadamente 600.

pessoas entrevistadas conheciam o trabalho da instituição religiosa no mundo digital (se visitavam o Blog, Twitter da igreja, os acessava e/ou seguia etc.).

O cálculo da amostra seguiu o método da amostragem aleatória simples sem reposição, por ser a metodologia mais simples entre as várias existentes na bibliografia estatística, para estimar parâmetros utilizados no cálculo da amostra e, ao mesmo tempo, verificar a adequação do questionário.

O questionário foi direcionado para católicos com idade a partir de 14 anos e sem limite máximo. Foram excluídos da pesquisa os analfabetos e consideradas apenas pessoas com a escolaridade variando de ensino fundamental incompleto até doutorado. Como o objetivo era analisar a opinião dos fiéis sobre a utilização da internet, foi perguntado no questionário, inicialmente, se o entrevistado costumava acessar, e com que frequência, a grande rede de computadores. Posteriormente, tentamos descobrir com que assiduidade as pessoas acessavam os sites católicos e o que buscavam quando acessavam. E, para finalizar, perguntamos qual a opinião dos fiéis sobre a utilização desses novos meios; se eles conheciam esses sites e onde seria o melhor lugar para se informar sobre os conteúdos católicos.

Outrossim, foram realizadas entrevistas com padres, para saber os seus posicionamentos, bem como os da igreja, em relação à evangelização *on-line*. Além disso, foram realizadas pesquisas bibliográficas, em livros de comunicação, mídia, religião e afins para conhecimentos mais amplos e consistentes durante a realização do trabalho. Autores como Pedro Gilberto Gomes e Joana Puntel foram indispensáveis para o desenvolvimento do trabalho.

Para melhor entendimento do assunto, bem como saber o que pensam os membros da comunidade eclesial, foram feitas visitas a algumas paróquias, bem como à Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, para a realização das entrevistas com os padres. Também foi realizada visita ao Seminário Pio X, em Ananindeua, para entrevista com o padre André Teles.

A entrevista com o padre João Carlos Almeida foi feita quando este esteve em Belém para participar do Círio Musical. Já a com o pesquisador Pedro Gilberto Gomes foi realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos – de São Leopoldo/RS, em visita realizada à instituição, em setembro de 2010. A com o sacerdote Giovanni Incampo foi realizada em Belém, na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

A entrevista, ainda, com Pe. Glaudemir de Lima ocorreu na Paróquia de Santa Paula Frassinetti, na Cidade Nova VI, em Ananindeua. E a com Dom Dimas Lara Barbosa foi concedida por e-mail em novembro de 2010.

Já as entrevistas com os padres Cláudio Pighin e André Teles, foram realizadas duas vezes. As primeiras em 2010, em Belém, para o Trabalho de Conclusão de Curso, e a segunda oportunidade aconteceu novamente em Belém, em janeiro de 2013, para atualizações de informações para esta dissertação, com um significativo amadurecimento intelectual desta pesquisadora.

Por fim, a conversa com o Pe. Ari Antônio da Silva aconteceu em junho de 2012, em Nova Petrópolis/RS, para o mestrado.

Todas as entrevistas, bem como os estudos em livros e análise do discurso das 600 pessoas que entrevistamos durante o preenchimento do questionário, deram-nos o embasamento necessário para que chegássemos a conclusão de que a Igreja Católica utilizava a mídia para aproximar a relação entre fiel e igreja, havendo, inclusive, o incentivo do atual Papa, Bento XVI, para que os sacerdotes utilizem as mídias sociais digitais. Mas o que percebemos, durante a entrevista realizada com os dez padres citados neste trabalho, foi que alguns membros da própria comunidade eclesial têm dificuldades em utilizar as mídias virtuais.

Constatamos durante a referida pesquisa, para obtenção do grau de Jornalista, que não havia cursos de capacitação para a utilização adequada da internet aos membros da igreja, como padres, seminaristas, religiosas, diáconos etc., o que, talvez, fosse mais um motivo que tenha causado a falta de interesse das pessoas em acessar os conteúdos virtuais da igreja. Como os próprios membros da comunidade eclesial não eram treinados para utilizar esse tipo de meio de comunicação, muitas vezes, quando o faziam, acabavam utilizando de maneira equivocada, usando linguagem inacessível àquela mídia. Um sacerdote, inclusive, afirmou que não conhecia, naquela época, a existência das mídias digitais da Igreja Católica; outros, até conheciam, porém, não sabiam trabalhar com as mídias digitais disponíveis na *web* ou diziam não terem tempo para acessá-las.

Tivemos muita dificuldade para encontrar sacerdotes atuantes no Pará que utilizassem as redes de relacionamento. Foram entrevistados dez padres e todos afirmaram que as mídias atuais são importantes para a evangelização. No entanto, poucos faziam uso da mesma.

Logo, foi averiguado que a igreja ainda era “estranha” ao mundo virtual. Percebemos que a instituição religiosa almejava, de qualquer forma, estar na internet e nas mídias sociais digitais, evangelizando também nesses novos meios. Só que, pelo que analisamos, ela não utilizava estratégias eficazes de divulgação desses veículos, para que as pessoas conhecessem e acessassem as suas redes.

O que confirmou esta análise foi o fato de que, dos católicos entrevistados que se consideravam praticantes, 50,18% conheciam as mídias sociais da igreja, mas não participavam; 35,13% nem sabiam que existiam essas mídias e apenas 14,70% conheciam e participavam ou tinham adicionada a igreja em alguma rede de relacionamento.

Os dados se tornaram ainda mais interessantes quando analisamos os resultados dos questionários das pessoas que disseram ir de vez em quando ao templo. 67,20% delas desconheciam as mídias atuais da igreja. E, das que não frequentavam, 62,99% afirmaram também não conhecerem o trabalho da Igreja Católica *on-line*.

Com todas essas análises, percebemos que a igreja, apesar de estar no mundo virtual, não conseguia, em 2010, propagar a sua mensagem satisfatoriamente para boa parte da população de Belém e Região Metropolitana que, ou não conhecia o trabalho, ou não se interessava em acessar, por exemplo, um site católico, adicionar um Blog religioso e/ou seguir, no caso do Twitter, padres, igrejas e comunidades religiosas, de modo geral etc.

Constatamos, à época, que talvez estivessem faltando para a Igreja Católica estratégias mais eficazes de comunicação e divulgação de suas mídias digitais. A ausência de formação para a internet dos membros da igreja poderia, de fato, ter ocasionado no desinteresse das pessoas em querer acessar as mídias virtuais da igreja.

1.3 As mudanças repentinas

Após a realização da trabalhosa pesquisa de 2010, tudo começou a mudar logo no início de 2011, ano que ingressava no Mestrado na Unisinos e começava a tomar forma esta dissertação. Tal transformação imediata lembra que as Tecnologias das Informação e Comunicação (TIC's) mudam repentinamente e cada ano corresponde a uma nova alteração tecnológica.

O referido Trabalho de Conclusão de Curso ofereceu embasamentos de suma importância para o amadurecimento intelectual desta pesquisadora e, por conseguinte, desta pesquisa. Porém, o que estava em jogo, já no início de 2011, não era mais saber se as pessoas conheciam as mídias digitais da Igreja Católica e a acessavam ou não. O que evidencia esta constatação é o fato de que logo após a conclusão do trabalho, um dos integrantes de uma das Paróquias pesquisadas, em que muitos de seus membros haviam afirmado que não conheciam e muito menos acessavam as redes de relacionamento da igreja, criou uma página no Facebook da referida igreja, atualizando cotidianamente com informações sobre cursos, palestras, novidades, orações etc., do referido templo ou da Igreja Católica de maneira geral.

A questão, que rendeu a esta pesquisadora o interesse de estudar durante dois anos no Mestrado, e que, por conseguinte, estava em curso já naquele momento era outra. Não mais o conhecer e acessar, mas, sim, quais as consequências deste conhecer e acessar, sendo que já em 2011 e com muito mais intensidade e 2012, a Igreja Católica estava totalmente inserida no meio digital e as igrejas, ou seus membros, sejam eles padres, religiosos, diáconos, freiras, membros de pastorais, comunidades ou movimentos, já possuíam, em número significativo, uma página no Facebook e/ou uma conta no Twitter.

Porém, a problemática passa a ser outra a partir de então. Nestes três últimos anos, o importante é perceber o que muda na relação fiel – Igreja Católica, no momento em que esta última se insere no mundo virtual. Que espiritualidade uma pessoa exerce diante de uma tela de um computador? Há uma nova maneira de ser religioso, com novas formas de comunicação? Ou trata-se da mesma que o fiel desempenha presencialmente na comunidade cristã? Que ambiência está se formando nesse novo mundo digital, para a religião e para os indivíduos? Como analisar as maneiras de ser crente, na contemporaneidade, com novas plataformas comunicacionais e rituais, antes apenas sendo realizados presencialmente, agora podendo ser realizados em um só clique?

Todas essas indagações começaram a tomar forma com mais intensidade e amadurecimento, a partir de 2011, principalmente após a leitura dos autores Pedro Gilberto Gomes e Joana Puntel, que muito contribuíram para o amadurecimento destas questões e deste trabalho, que se concretiza com esta dissertação, no início de 2013, mas que, todavia, não finda as inquietações que ainda permeiam esta pesquisadora, bem como a relação, complexa, entre Mídia & Religião.

1.4 Escolha do tema

Por ser natural de Belém do Pará e residir durante 20 anos em Ananindeua, Região Metropolitana de Belém, conhecia, naturalmente, a maior procissão católica da América Latina, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Mas, o que fez realmente com que eu acreditasse no potencial de pesquisar com maturidade o Círio de Nazaré, no âmbito comunicacional, foi uma conversa, até então banal, com o professor Antonio Fausto Neto. Foi ele que, com a sabedoria que é uma de suas principais marcas, indagou-me a respeito de por que não analisar a referida festa católica, uma vez que ela é tão rica, conhecida e complexa, sendo bastante pesquisada, porém, ainda com questões a serem descobertas e averiguadas.

Logo após a conversa com o docente, percebi que, de fato, se trataria de algo novo, uma audácia intelectual, uma vez que, pesquisando na internet, descobri que, de fato, existia muita pesquisa, dissertações e teses sobre a festa católica. Porém, a maioria delas, tratava do âmbito antropológico, sociológico e/ou cultural, relacionado à identidade regional amazônica da festa. Quando se referia à questão comunicacional, o Círio era abordado relacionado aos principais meios de comunicação, como a televisão, o rádio ou o jornal – e muito inicialmente com relação à internet e às mídias digitais. E, aliás, era normal que fosse assim, uma vez que, como avaliado anteriormente, a inserção da Igreja Católica e, por conseguinte, da festa do Círio nas redes digitais, é bastante recente.

Portanto, senti-me na obrigação de realizar, enfim, um trabalho no âmbito comunicacional, do Círio de Nazaré. Porém, com uma especificidade: tratando do tema com relação à mídia digital, sendo as redes de relacionamento Facebook, Twitter (e os discursos dos internautas nelas), bem como o site oficial da festa do Círio, as plataformas comunicacionais escolhidas para avaliação, sendo este, então, um dos primeiros trabalhos que analisa a procissão católica de Belém neste campo de investigação.

1.5 Das inquietações que norteiam a pesquisa *Igreja Católica no Mundo Digital*

As relações entre Mídia & Religião estão sendo cada vez mais enriquecidas com estudos e trabalhos, no campo comunicacional, teológico, entre outros. Com relação à comunicação, isto se torna cada vez mais evidente, uma vez que a pesquisa se enriquece porque se insere em um cenário complexo contemporâneo, em que os dispositivos tecnológicos, como a internet, sinalizam uma atividade específica desenvolvida pelo campo religioso a partir de estratégias singulares de captura ou manutenção dos fiéis. São atividades que demandam ofertas tecnodiscursivas elaboradas através de processos de mídiatização que garantam visibilidade ao campo religioso e, ao mesmo tempo, proximidade junto aos seus fiéis. E as redes de relacionamento da internet surgem para revelar isto de uma maneira exponencial.

Esta pesquisa, além de trazer conceitos, muitos já sólidos, outros em fase de consolidação, descreve e analisa os objetos empíricos, que são a festa do Círio de Nazaré e os discursos dos fiéis nas redes de relacionamento da internet, sendo o Facebook e o Twitter as duas redes sociais digitais utilizadas neste trabalho, bem como o site oficial do Círio, para sinalizar que está havendo uma mudança, já em curso, com relação à religiosidade dos fiéis nessas redes.

Além disso, averiguamos que, juntamente com esta mudança, a Igreja Católica reflete sobre estes meios digitais atuais e suas redes de relacionamento e prática, muitas vezes, de maneira divergente, sendo percebida uma tensão com relação ao que ela propõe e o que realmente se pratica. Exemplos disto podem ser lidos neste trabalho, com entrevistas realizadas com alguns padres, sendo analisado que, até mesmo entre eles, há divergência com relação a pontos específicos da instituição e sua utilização das mídias digitais na contemporaneidade.

Além de referenciais teóricos, com embasamentos em livros, textos e demais documentos, inclusive os oficiais da Igreja Católica relacionados à evangelização *on-line*, foram realizadas pesquisas netnográficas², principalmente no período de realização do Círio de 2011 e de 2012, com coletas de conteúdos das redes de relacionamento Twitter e Facebook e do site oficial do Círio de Nazaré.

Foram analisados, ademais, os movimentos realizados pelos internautas durante o evento religioso, percebendo as mudanças ocorridas nessas redes. Além disso, foram realizadas entrevistas com padres e membros da igreja, em Belém e no Rio Grande do Sul, no período de 2010 a 2013, verificando a percepção (ou não) da própria instituição, bem como seu posicionamento, diante deste novo cenário que começa a emergir da internet. Percebeu-se, com isso, que entre o dizer e o fazer da instituição religiosa diante deste novo cenário tecnológico há uma ponte muito ampla que ainda precisará ser rompida.

A pesquisa tem caráter qualitativo e descritivo, pois o percurso metodológico abrange consultas bibliográficas, observação do objeto empírico, análise entre o fazer e o dizer da Igreja Católica Apostólica Romana e suas respectivas tensões. Por meio da coleta de imagens diretamente da tela do computador e explicações textuais, descrevemos os discursos dos internautas – fiéis ou não – nas redes de relacionamento do Facebook e Twitter, bem como os procedimentos percorridos pelo fiel internauta na participação e interação com o ambiente virtual. Sendo assim, a pesquisa está dividida em seis capítulos:

Na introdução do trabalho, apresentamos um breve relato desta pesquisadora; dos porquês que justificam esta pesquisa; as mudanças repentinas; escolha do tema e as inquietações que norteiam a pesquisa *Igreja Católica no Mundo Digital*. No segundo, são demonstrados os referenciais teóricos. Investigamos o contexto da Igreja Católica nos Meios de Comunicação; a sua inserção no mundo digital e as consequências, bem como verificamos algumas perspectivas da mídiatização e sua relação com a religião, com os dispositivos e a

² Netnografia é o ramo da Etnografia que analisa o comportamento de indivíduos na internet. Acredita-se que o termo foi empregado pela primeira vez por R.V. Kozinets (1997).

circulação, para termos uma amplitude significativa dos conceitos, trazendo-os para a prática. Além disso, abordamos brevemente o conceito de cibercultura; a sua relação com a midiatização e desta com o jornalismo, explicando resumidamente o que é acontecimento jornalístico, relacionando-os ao estudo de caso, o Círio de Nazaré.

No terceiro capítulo, apresentamos as tensões da Igreja Católica entre o que diz e faz com relação à utilização da internet no meio digital. No próximo, realizamos a aproximação das teorias ao objeto empírico, descrevendo o objeto, e, em seguida, analisando-o, mostrando a questão das redes de relacionamento como fenômeno de midiatização religiosa, exemplificando com os dois últimos cartazes do Círio, do ano de 2011 e 2012, bem como com as coletas dos discursos dos internautas nessas redes. Além disso, mostramos a ligação do religioso com o profano no carnaval 2013 de uma Escola de Samba do Rio de Janeiro, em que o Círio faz parte do enredo. Por fim, sugerimos um novo conceito: o de Cultura da Convergência Religiosa, para entendermos melhor o fenômeno em curso.

No quinto capítulo, refletimos a questão da teoria e das práticas, analisando a utilização do site do Círio e suas brechas, encontradas durante a análise do portal. Ainda manifestamos sobre o jornalismo e o Círio de Nazaré e sobre como, na procissão, estas questões aparecem, alterando até mesmo uma teoria do jornalismo – a Teoria do Agendamento ou *Agenda Setting*. Por último, apresentamos as considerações finais do trabalho.

Nesta pesquisa, outrossim, verifica-se como estão ocorrendo as novas formas de evangelização da Igreja Católica no mundo digital, principalmente analisando as interações e os discursos nas redes de relacionamento do Círio de Nazaré. É analisado ainda que essas novas formas de evangelização estão fazendo surgir um novo modo de ser religioso, um ser proativo e interagente. Buscou-se responder a questionamentos como: que modo de ser religioso as pessoas que acessam o site do Círio, bem como suas redes de relacionamento, estão expressando? Além disso, percebe-se que há um novo modo de ser/celebrar/fazer o Círio de Nazaré, uma vez que o mesmo se encontra cada vez mais midiatizado.

Ademais, a pesquisa proporcionou a compreensão de que, com as redes de relacionamento, a maior procissão religiosa do Brasil sofre alterações devido ao surgimento e fortalecimento, a cada ano que passa, dos dispositivos digitais móveis, que, juntamente com os romeiros, acompanham a procissão, fazendo com que estes não mais “apenas” assistam e acompanhem ao Círio, como outrora, mas que também passem a “participar ativamente” da romaria, como será visto neste trabalho com a demonstração dos exemplos coletados.

Assim, as questões centrais e proposições de pesquisa, que organizam esse processo de trabalho, são as seguintes:

Nível 1. De relações observadas e descrições: entre o dizer e o fazer.

Verificou-se questões direcionadas ao **dizer** dos religiosos e ao **fazer** da instituição. Dois níveis sobre os quais recaem as referidas reflexões do trabalho.

Além disso, a pesquisa analisa que nova ambiência está se formando no mundo digital, questionando: Há um novo modo de ser religioso? Que novo modo de ser religioso é esse? O que isso altera no quadro da religião/religiosidade?

Nível 2. Inscrição das questões do nível 1 no âmbito das hipóteses sobre a mediação.

Analisou-se que a mudança de dispositivo altera a discursividade da religião/religiosidade, bem como os interesses da instituição religiosa e dos fiéis, causando o surgimento de uma religiosidade nova, originária da era digital.

Nível 3. De inferências sobre os conceitos de interpretação.

Em termos de inferência, como desdobramento da investigação, buscou-se incidir sobre o seguinte contexto reflexivo: Que nova ambiência se forma? Como se pensar essa ambiência com as reflexões sobre a Cibercultura? De fato, notou-se: há uma nova ambiência se formando na sociedade, com o surgimento e fortalecimento das tecnologias digitais.

Ademais, os **problemas** da pesquisa convergem no fato de saber o que muda na relação fiel – Círio, no momento em que este último passa a fazer parte das redes de relacionamento e se media. Que nova ambiência se forma? Que novo modo de ser no mundo se estabelece na mídia digital, com o Círio de Nazaré? E analisar as tensões existentes entre o dizer e o fazer da Igreja Católica, com relação às práticas devocionais na internet, refletindo sobre algumas declarações de membros da instituição religiosa.

Levamos como hipótese de trabalho o fato de a Igreja Católica considerar a comunicação não como um problema, mas como uma solução, pois para ela o importante não são os meios, e sim a transmissão da mensagem.

Essas perguntas são correlatas a uma premissa, citada logo em seguida, que será investigada, sendo colocada em evidência a questão da tensão existente entre o discurso e a prática de membros da própria instituição católica, ao analisarmos os relatos de alguns padres que, apesar de documentos da Igreja Católica citarem, até mesmo já na época de João Paulo II, (como será lido neste trabalho), uma “nova ambiência” ou nova cultura, percebe-se que os membros religiosos ainda se encontram, em sua maioria, na “antiga”.

Outro fator interessante que será investigado é o fato de, mesmo a igreja insistir na utilização dos meios digitais, ela, principalmente no estudo de caso que este trabalho analisa, ainda permanece em uma antiga ambiência, na *web 1.0*. Esta afirmação poderá ser vista nesta pesquisa, que avalia o site oficial de uma das festas mais populares do mundo, o Círio de Nazaré, ao perceber que o site ainda possui pouca interatividade.

Abordamos ainda a midiatização da sociedade, que se torna mais evidente quando percebemos que, na contemporaneidade, são inúmeros os exemplos que poderíamos abordar quando tratamos de inserção da religião no espaço midiático. No entanto, para esta análise, deter-nos-emos na questão da midiatização do Círio de Nazaré, bem como sua repercussão e peculiaridades nos sites de relacionamento da internet e sua tímida inserção na *web 2.0*.

Nossa premissa é de que os impactos da “abertura” da Igreja Católica para essa nova era decorrem de que as pessoas deixam de ser meras receptoras, ouvintes passivas da mensagem religiosa, tornando-se participantes do meio, produtoras de informação, de conhecimentos e ocupantes de um lugar na mídia. Percebe-se que a comunidade eclesial e a população, de uma maneira geral, não são mais apenas receptoras das informações divulgadas pelos meios de comunicação social. Elas agora passam a ter um papel determinante dentro dos veículos comunicacionais.

2 DAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

2.1 Breve contexto da Igreja Católica nos Meios de Comunicação

*Se Jesus estivesse na terra,
utilizaria os modernos
meios de comunicação de massa.*

A frase acima poderia ser proferida hoje por grande parte da comunidade eclesial que, no século XXI, não só aceita como utiliza demasiadamente os meios de comunicação, e as tecnologias digitais, para divulgar e anunciar a palavra de Deus – para evangelizar.

Logo, antes de analisarmos nesta pesquisa se há uma mudança no modo de ser religioso das pessoas e buscarmos compreender a maneira como elas manifestam a fé nas redes de relacionamento do Círio de Nazaré¹², em Belém do Pará, bem como as tensões entre o dizer e o fazer da Igreja Católica no mundo digital, também encontradas nas redes digitais da procissão, faz-se importante, primeiramente, abordar de forma resumida o contexto da Igreja Católica Apostólica Romana nos meios de comunicação, sua relação com a midiatização da sociedade e, por conseguinte, da religião.

A Igreja Católica Apostólica Romana, desde muito tempo, antes mesmo da grande popularização da internet, já vinha demonstrando preocupação com a utilização dos modernos meios de comunicação social, como demonstra a instrução pastoral *Communio et Progressio*, de 1971¹³, que frisa que “os modernos meios de comunicação social dão ao homem de hoje novas possibilidades de confronto com a mensagem evangélica”, abordando temas como a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão.

Percebe-se que vários papas vêm ressaltando a importância dos meios de comunicação para a igreja. Por exemplo, o Papa Paulo VI afirmou que “a Igreja viria a sentir-se culpada diante do seu Senhor, se não lançasse mão destes instrumentos de evangelização”¹⁴. Já o Papa João Paulo II definiu os *mass media* como “o primeiro areópago dos tempos modernos”, afirmando que “não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o

¹² Etimologicamente, a expressão “círio”, do latim “cereus”, significa uma grande vela de cera. Em suas origens portuguesas, os círios representavam um ajuntamento de pessoas que se organizavam para, em romaria, ir ao santuário de Nossa Senhora de Nazaré, em Portugal.

¹³ Disponível em: <http://migre.me/dH95k>.

¹⁴ PAPA PAULO VI. EXORTAÇÃO apostólica Evangelii Nuntiandi do Papa Paulo VI ao episcopado, ao clero aos fiéis de toda a igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html.

Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pelas modernas comunicações”¹⁵.

Só que nem sempre foi assim. Quando se examina a história da comunicação da igreja, numa perspectiva social ou das relações entre ela e a comunicação, pode-se identificar, segundo Puntel¹⁶, quatro fases, bem definidas. No momento atual, a autora ousa acrescentar em tal trajetória uma quinta etapa, explicada mais adiante.

Tais fases são colocadas no contexto dos novos instrumentos de reprodução simbólica, iniciando com a imprensa no século XV, de maneira que os novos meios de transmissão do saber vão sendo absorvidos, utilizados e instrumentalizados de acordo com o paradigma de comunicação da época. Acompanhando, então, as mudanças históricas que forçaram transformações na estrutura organizacional, tanto na sociedade como na igreja, dá-se um confronto da instituição eclesial com os meios de comunicação. Assim temos a primeira fase, caracterizada por um comportamento da Igreja orientado para o exercício da censura e da repressão. Período extenso e intenso projetado através da Inquisição. Nesta fase, a Igreja é a intermediária entre a produção do saber (não somente o teológico) e a sua difusão na sociedade¹⁷.

Percebe-se, portanto, que a igreja possuía o domínio dos meios de comunicação. Porém, há uma mudança a partir da segunda fase, em que modificações profundas começam a ocorrer, caracterizadas pela aceitação desconfiada dos novos meios. A comunidade eclesial começa, por exemplo, a ter o controle sobre a imprensa, o cinema e o rádio. Porém, a sociedade começa a se adaptar aos novos tempos e a pressionar a instituição católica, que acaba aceitando, ainda que com desconfiança, os meios eletrônicos.

Já na terceira etapa, encontramos um ritmo veloz. É a velocidade com que as transformações sociais e tecnológicas acontecem. “O imperativo para a igreja ‘acertar o passo’ e adaptar-se ao mundo contemporâneo apresenta-se sob a necessidade imperiosa de ‘aggiornamento’¹⁸ que emerge do Vaticano II.” (PUNTEL, 2008). No campo da comunicação, dá-se uma mudança brusca de rota, se comparada ao comportamento anterior.

¹⁵ Carta Encíclica *Redemptoris missio*, 37. Disponível em: http://www.vatican.va/edocs/POR0071/_INDEX.HTM.

¹⁶ Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/comunicacao-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>.

¹⁷ Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/comunicacao-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>.

¹⁸ Aggiornamento é um termo italiano utilizado durante o Concílio Vaticano II e que o Papa João XXIII “popularizou como expressão do desejo de que a Igreja Católica saísse actualizada do Concílio Vaticano II”. Por outras palavras, o aggiornamento é a adaptação e a nova apresentação dos princípios católicos ao mundo actual e moderno, sendo por isso um objectivo fundamental do Concílio Vaticano II.

“Trata-se de, até certo ponto, um ‘deslumbramento ingênuo’, segundo Marques de Melo, porque a atitude da Igreja moldava-se na recusa da comunicação.” (PUNTEL, 2008). De repente, ela assume a postura de que é preciso evangelizar, utilizando os modernos meios de comunicação. Admite que a tecnologia da reprodução eletrônica pode ampliar a penetração da mensagem eclesial.

A quarta fase refere-se, sobretudo, à América Latina e se distingue pelo “reencontro do povo pela igreja”. “Revela uma ‘redescoberta da comunicação, em toda a sua plenitude’. Dá-se a superação do ‘deslumbramento ingênuo’.” (PUNTEL, 2008). A igreja adota uma postura crítica, repensando a comunicação, e deixando de acreditar que a tecnologia pode resolver os problemas da ação evangélica. É neste momento que os meios passam a ser a voz dos que não têm voz.

O que não poderíamos deixar de considerar, entretanto, é o fundamental aspecto que constituiu (e constitui) a grande “reviravolta” da reflexão do magistério eclesial em relação ao mundo da comunicação, e que Puntel (2008) considera como a quinta fase da relação Igreja-Comunicação. Trata-se de uma significativa mudança de pensamento. A instituição católica começa a se expressar com mais clareza a respeito do impacto que os meios de comunicação têm na construção social. A novidade é que ela começa a refletir sobre o uso dos meios de comunicação não mais de forma restrita, mas referindo-se a um ambiente, por exemplo, no qual estamos imersos e onde todos têm o direito de participar, interagir. Trata-se de uma cultura. A cultura midiática.

Os documentos

De acordo com Dávila (2005), o primeiro documento oficial da Igreja Católica sobre comunicação social data de 1487. A preocupação moral, desconfiança política e suspeita ética recaía sobre a incipiente revolução de Gutemberg: a imprensa. O Inter Multiplices, documento do papa Inocêncio VIII, sinalizou a atitude defensiva como sendo a postura que a igreja adotaria nos seguintes 500 anos. Posteriormente, em 1559, diante das consequências de liberdade de circulação do conhecimento, a instituição católica manifesta-se contrária a qualquer edição textual, acusando de nocivos quaisquer pensamentos a serem difundidos sem sua autorização. O papa Paulo IV publicaria o Index, listagem oficial de livros proibidos, que só seria abolido depois de 407 anos, com o papa Paulo VI.

A postura da igreja só começa a mudar a partir do papa Leão XIII (1878-1903), abrindo-se para a imprensa, ao raciocinar assim: “opor o escrito com o escrito”, a “publicação com a publicação”. A partir daí, a instituição religiosa muda, paulatinamente, sua abordagem sobre a comunicação, passando de uma condenação acirrada para uma postura de suspeita

moral sobre o meio, de uma proibição a um uso com reservas. “Se, na primeira metade do século, a igreja mudou de perspectiva sobre os meios de comunicação, passando da condenação para a suspeita moral, na segunda dá-se outra inflexão: o interesse pelo uso evangelizador dos mesmos.” (DÁVILA, p. 206).

A valorização dos meios de comunicação será fruto do Concílio Vaticano II, cujo documento *Inter Mirifica* (04 de dezembro de 1963) promulga a aceitação oficial desses meios. Como avalia Soares (1988, p. 92), nenhum documento da Igreja Católica sobre a Comunicação Social foi tão exaustivamente citado, comentado e contestado como o decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II. “Neste breve conjunto de normas e preceitos há pontos que denotam, contudo, grande evolução na interpretação, por parte das autoridades eclesiásticas, dos fenômenos comunicacionais.” (SOARES, 1988, p.92).

Durante os anos que mediaram *Inter Mirifica* e *Communio et Progressio*, o decreto conciliar foi objeto de severas críticas, tendo sido usadas contra o texto oficial expressões como “clericalista”, “inócuo”, “inútil”, “mediocre”, “moralista”, “natimorto” etc. Segundo Soares (1988, p. 104), lamentou-se, em mais de uma ocasião, a completa ausência de leigos especialistas em comunicação nas reuniões das comissões preparatórias, cuja presença, solicitada pelo Secretário Geral da UCIP, Pe. Emile Gabel, fora expressamente proibida pela Comissão Central do Concílio, sob a alegação de que o “*motu proprio*”, de João XXIII, *Superno Dei Nutu*, que regulamentava a convocação dos membros das comissões, permitia apenas a presença de cardeais, bispos e eclesiásticos insignes.

Baragli reconhece, com Pe. Gabel e outros, que não era mistério para ninguém a escassa formação dos eclesiásticos no campo da comunicação ou sua formação apenas setorial ou prática. Na verdade, enquanto outras comissões do Concílio chegavam a convocar especialistas, mesmo fora do catolicismo, para auxiliá-las, a comissão que preparou o esquema sobre os meios de comunicação nunca ouviu ninguém que não fosse padre ou bispo. Pode-se acreditar que a Igreja foi colhida pela necessidade de produzir um documento sobre o uso das técnicas de difusão, e sentindo que não dispunha, dentro de seus quadros dirigentes, de especialistas que tratassem do tema com segurança, optou por uma solução prudente: falar pouco, sem comprometer-se e delegar a uma comissão a elaboração de uma instrução pastoral mais substancial. (SOARES, 1988, p. 104-105).

Pouco tempo depois, o papa Paulo VI emitiria sua instrução pastoral *Communio et Progressio* (Roma, 23 de maio de 1971), sendo uma das maiores referências, até hoje, para a igreja em matéria midiática.

A instrução pastoral *Communio et Progressio* da Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social apresenta as seguintes características:

- Amplia as conquistas do *Inter Mirifica*;

- Procura auscultar a sociedade, levantando questionamentos sobre a presença dos modernos instrumentos de comunicação no mundo moderno;
- Leva em consideração dados sobre a natureza do fenômeno da Comunicação Social, as peculiaridades de cada veículo e a situação psicossocial dos usuários na elaboração dos projetos de comunicação para a Igreja; e finalmente,
- Insere a Comunicação Social como elemento articulador de qualquer pastoral, ao reconhecer a necessidade e a legitimidade da formação de opinião pública dentro da Igreja.

O resultado disso tudo, segundo Soares (1988), foi um documento longo, minucioso, otimista, acolhido com elogios e entusiasmo, capaz de motivar os católicos para ações concretas. “Podemos acrescentar, também, que a *Communio et Progressio* manteve-se profundamente ideologizada e, em alguns momentos, superficial e contraditória.” (SOARES, 1988, p. 109).

Portanto, ambos os documentos registram o consenso de ver os Meios de Comunicação de Massa como aliados indispensáveis para a evangelização e o direito à informação como um direito da igreja em nome do bem social.

A história na América Latina

Outrossim, com o tempo, a igreja evoluiu para uma compreensão mais abrangente da comunicação. De acordo com Gomes (2010), assim como a educação põe ênfase no processo, destacando a transformação da pessoa e das comunidades, do mesmo modo a Pastoral da Comunicação (Pascom) vai se preocupar com o processo comunicacional que se estabelece entre as pessoas e na sociedade em geral.

Para o autor, a grande preocupação da Pascom vai residir em valorizar o PENSAR. Isto é, compreender os mecanismos sociais que impedem que os indivíduos e as comunidades sejam sujeitos ativos de sua comunicação. Gomes (2010, p. 135) frisa que, para chegar a isso, a reflexão eclesial caminhou muito, principalmente na América Latina. “Por isso, a Igreja constata, em Medellín, que ‘muitos destes meios estão vinculados a grupos econômicos e políticos nacionais e estrangeiros, interessados em manter o *status quo* social’.” Entretanto, foi em Puebla que essa consciência aflorou com mais vigor. Gomes (Idem) avalia que já em um documento preparatório, o Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) dizia que “a comunicação social na América Latina encontra-se sumamente condicionada por esta realidade sociocultural. Mais ainda, constitui um dos fatores determinantes que sustentam dita situação”.

Por outro lado, ainda de acordo com Gomes (Idem, p. 135-136), o Celam constata que:

... a comunicação social é um dos fatores em jogo na situação de conflito social que vive a América Latina. Os grupos de poder, político e econômico, que dominam os meios, obstaculizam a comunicação dos setores marginalizados e criam dificuldades para a expressão dos comunicadores responsáveis. Isso se manifesta na constante violação dos direitos humanos, a aplicação da censura, as arbitrariedades e os abusos econômicos aos que se vêm submetendo tanto as instituições quanto os profissionais da comunicação social comprometidos com a causa da justiça.

O Documento de Puebla se apoia neste documento para refletir sobre a comunicação social. Por isso, denuncia o controle sofrido pelos meios e...

... a manipulação ideológica exercida pelos poderes políticos e econômicos que se empenham em manter o *status quo* e em criar uma ordem de dependência-dominância ou, pelo contrário, em subverter esta ordem para criar outra de sinal contrário. (Gomes, 2010, p. 136).

Vale destacar, para esta análise dos meios de comunicação na história da Igreja Católica, o documento *Aetatis Novae*, publicado pelo Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. Gomes (2010) avalia que, em 1992, o documento realiza uma reflexão que parte da realidade, iluminando-a, a seguir, com a doutrina. “Isso é uma novidade. Para esse documento, o importante é o processo, superando-se o mero uso dos meios de comunicação. Mais que fazer, deve-se pensar.” (GOMES, 2010, p. 138).

Percebe-se, nesta pequena introdução, que a Igreja Católica, de início, reagiu, de imediato, ao avanço das igrejas eletrônicas¹⁹. Só que, nos anos 1980, quando é indiscutível a urgência da presença católica nos meios de comunicação e se inicia o Pontificado de João Paulo II – na verdade, o início do Pontificado de João Paulo II ocorreu especificamente em 1978 - de novo, no setor eclesial aflora a discussão da necessidade de investimento na área. Pouco a pouco, surgem as iniciativas lideradas por membros da Renovação Carismática Católica²⁰, concretizando esse ideal. Nos anos 1990, não houve mais dilema, somente a procura de fundos para investimentos. Assim, no campo televisivo, é lançada a Rede Vida, “o canal da família cristã” (1995); a Século XXI (1999), o canal televisivo Canção Nova (1989), ao mesmo tempo em que proliferam produtoras independentes de bens eletrônicos (Carranza,

¹⁹ “Igreja eletrônica” é aquela que faz uso de dispositivos técnicos e tecnologias de comunicação para atingir os seus fiéis. Por meio de uma série de programas específicos, essa igreja eletrônica consegue levar a sua doutrina e ensinamentos até os seus seguidores. Gomes, 2006 *apud* Borelli, 2010). Nesta fase, a igreja faz uso consciente e estratégico da mídia para atingir o seu público.

²⁰ A Renovação Carismática Católica (também chamada "RCC") é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana surgido nos Estados Unidos em meados da década de 1960, pela influência da Renovação Carismática episcopal, porém mantendo os dogmas do catolicismo romano. A prática da RCC baseia-se na experiência pessoal com Deus, especialmente pela força do Espírito Santo e de seus dons. O movimento procura oferecer uma abordagem inovadora às formas tradicionais de doutrina e renovar práticas tradicionais dos ritos e da mística da Igreja, mas sem desviar-se da doutrina e permanecendo fiel a todos os preceitos católicos romanos. Existem atualmente mais de 100 milhões de membros espalhados pelo mundo (comumente denominados Católicos Carismáticos).

2000; Della Cava, 1991 *apud* DÁVILA, 2005, p. 209), abrindo espaço para o catolicismo midiático, que, no início do século XXI, começa a mostrar seu espectro de participação religiosa nos meios de comunicação.

2.2 A inserção da Igreja Católica no mundo digital e suas consequências

A Igreja Católica utiliza constantemente hoje os *mass media*²¹ para evangelizar e anunciar o evangelho²². O próprio processo de evangelização utilizado por ela mudou ou está em permanente mudança. No entanto, percebe-se na atualidade que as missas, palestras, homilias, entre outros, que antes eram realizadas em ambientes fixos, passaram a ter lugar garantido também nas plataformas comunicacionais. Sendo propagadas inicialmente pelos meios tradicionais, televisão, rádio e jornal, hoje as mensagens religiosas estão se deixando influenciar pelas atuais tecnologias da comunicação. (YouTube, Facebook, Twitter, Blogs etc.).

Mas, quais serão os impactos da “abertura” da Igreja Católica para essa nova era, em que as pessoas deixam de ser meras receptoras, ouvintes passivas da mensagem religiosa, tornando-se participantes do meio, produtoras de informação, de conhecimentos e ocupantes de um lugar na mídia? Isso lembra uma das características da pós-modernidade, que é a expectativa da possibilidade de “voz” que fala Harvey (2003, p. 110) citando Huysens, quando afirma que a pós-modernidade tem especial valor por “reconhecer as múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais”. Uma vez que, em um passado não muito distante, as pessoas se satisfaziam com as palavras do sacerdote na missa, com sua homilia, sem questionamento algum. Elas não o indagavam e, muito menos, questionavam sobre os assuntos explorados pela igreja. Apesar de hoje ainda constatarmos isto, já percebemos uma significativa mudança na comunidade eclesial que começa a não só participar mais, como também questionar, elogiar, criticar e sugerir ações de dentro, e fora, da igreja.

²¹ Os *mass media* são sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação. Estes sistemas são geridos por empresas especializadas na comunicação de massas e exploradas nos regimes concorrenciais, monopolísticos ou mistos. As empresas podem ser privadas, públicas ou estatais. (Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-266.htm>).

²² Evangelização pode ser definida como qualquer forma de pregação e empenho, com fins de adquirir adeptos, produzir conversão ou mudanças de hábitos, crenças e valores. (Disponível em: <http://oevangelhonapratca.blogspot.com/2010/05/evangelizar-ou-fazer-proselitos.html>).

Além disso, o fato de as mídias atuais proporcionarem maior interatividade entre as pessoas, fazendo com que muitas ideias sejam conhecidas e difundidas por um número maior de indivíduos, lembra o conceito pós-moderno citado por Harvey: “A ideia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmos, com sua própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno”. (HARVEY, 2003, p. 52).

Percebe-se que a comunidade eclesial e a população, de uma maneira geral, não são mais apenas receptoras das informações divulgadas pela mídia. Elas agora passam a ter um papel determinante dentro dos veículos comunicacionais. Mas, como a Igreja Católica consegue fazer isto? Como a mídia pode ajudar a propagar informações religiosas, auxiliando no fortalecimento das estratégias da igreja? Que modo de ser religioso está emergindo da mídia, com os mesmos rituais, que antes eram realizados nas igrejas ou nas capelas, podendo ser realizados pela internet a qualquer hora e em qualquer lugar?

Uma coisa, porém, é fato: há uma significativa mudança no modo de ser e fazer igreja (cultos, novenas, homilias...) nos dias atuais. Estes eventos, há alguns poucos anos, poderiam ser “assistidos” apenas no templo, na igreja, junto com a comunidade, ou, ao máximo, poderiam ser assistidos pela televisão, ouvidos no rádio ou lidos no jornal. Hoje, no entanto, com o avanço da tecnologia, os eventos religiosos não têm mais fronteiras. Vistas e interagidas na internet, como em blogs católicos, onde o fiel pode comentar, sugerir, reclamar ou elogiar os assuntos ali tratados, as programações religiosas chegam a pessoas que antes tinham poucas chances de conhecê-las.

Pode-se perceber na pós-modernidade, segundo Azevedo²³, a banalização da fé e a mercantilização da graça.

A graça já não é concedida por Deus, ela é conquistada por um baixo preço através da manipulação de jejuns, ‘correntes de orações’, ‘cultos de descarrego’, ‘cultos da conquista’, das ‘novenas’ etc. Tem sempre uma ‘noite’ para cada necessidade. (...) A igreja já não é o lugar ‘aonde você vai para servir’. Ela se tornou a prateleira onde se vendem bênçãos, milagres, curas, CDs, DVDs, livros de todo tipo, objetos ungidos e sagrados e todo tipo de bugigangas que alimentam a volúpia de alguns que enriquecem enquanto prometem prosperidade para os outros²⁴.

Essas palavras lembram as de Gomes (2002, p. 10) quando este analisa a religião, em especial a Igreja Católica, na era do consumismo exacerbado. “[...] como o consumo é individual e solitário, a pessoa deve dar mostras de que está ligada, engajada”. Para o

²³ Aluno do Mestrado em Ciência das Religiões (Un. Lusófona / FATIN – Maceió).

²⁴ Disponível em <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>.

pesquisador, a expressão do compromisso dá-se por meio da compra dos livros e objetos anunciados. Segundo ele, “participa-se através das esmolas para que o programa possa se manter no ar”. E reforça:

Uma nova Igreja é criada, universal e virtual. Os templos são os próprios lares; os púlpitos são os aparelhos de televisão; o sinal da pertença ao grupo se expressa no consumo. Somente é fiel dessa Igreja aquele que possui capacidade de consumir alguns dos produtos por ela vendidos. Repete-se, no campo religioso, o que Canclini²⁵ aponta para o campo social e político: consumidores e cidadãos. Aqui, consumidores e fiéis. (GOMES, 2002, p. 10).

Na contemporaneidade, a ideia é a facilidade, a virtualidade. Segundo Azevedo, “a mídia trouxe o ‘*delivery*’²⁶ para as igrejas, na qual você liga e o guru de plantão envia a resposta para o seu problema”²⁷.

De acordo com Azevedo, “vivemos hoje o fenômeno da igreja virtual, conduzida por pessoas sem rostos, sem manifestação de afeto, que se conhecem apenas pela voz e pelo número da conta bancária onde estes depositam os recursos para manter os programas”²⁸.

Ainda com relação à igreja virtual, Gomes (2010) concretiza a afirmação de Neilton Azevedo, exemplificando a existência de uma diocese virtual, que possui adeptos no mundo inteiro:

Partenia é uma diocese virtual (www.partenia.org). Um bispo francês perdeu a sua diocese em função de um problema com o Vaticano. Para continuar exercendo a função de bispo, o Vaticano o nomeou como bispo de Partenia, que foi uma diocese da Ásia Menor, a qual acabou há dois mil anos. Os amigos queriam saber o que era a tal Partenia, e ele explicou que se tratava de uma diocese ‘virtual’. A partir disso, os amigos dele tiveram a ideia de criar uma diocese na Internet. O site deles funciona em espanhol, alemão, francês, inglês e português e tem fiéis no mundo todo. No momento em que eles criam uma diocese virtual e que esse bispo começa a interagir com todas essas pessoas, que religião emerge desse processo? Que Igreja é essa? Que tipo de religiosidade nasce? Se não nos preocuparmos com isso, estaremos gerando efeitos desconhecidos, e, por via das vezes, contrários ao que desejamos. Não sou contra esses sites, acho que eles são importantes, mas precisamos refletir sobre essas questões²⁹. (2010).

Tudo isto reforça a ideia de que, na contemporaneidade, vivemos uma mudança de comportamento. Estamos no meio de um processo, da mudança de uma “antiga ambiência”, caracterizada por um mundo analógico, de produtor, receptor e canal; para um “mundo novo”, uma “nova ambiência”, caracterizada pelo processo de midiaticização da sociedade, ainda

²⁵ N. G. CANCLINI. *Consumidores e cidadãos*, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

²⁶ Já existe também o drive-thru, onde motoristas são convidados a receber, em São Paulo, prece no estacionamento da Igreja Universal do Reino de Deus.

²⁷ Disponível em <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>.

²⁸ Disponível em <http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>.

²⁹ Disponível em: <http://migre.me/dH9oM>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2013.

pouco conhecida e explorada, mas que tem como uma de suas principais características o compartilhamento de informações, a participação.

A sociedade está se tornando cada vez mais midiaticizada. Segundo Gomes, “se um aspecto ou fato não é midiaticizado, ele parece não existir”. (2010, p. 163). Ou ainda: “Cada vez mais o fato, para ser reconhecido como real, deve ser midiaticizado. Tudo é feito eletronicamente”. (2010, p. 164). Essa afirmação se torna ainda mais evidente com o surgimento das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, (NTIC’s), que fazem com que a Igreja possua novas formas de evangelização, como a *on-line*, tornando-se cada vez mais midiaticizada e participativa.

Gomes analisa que, “aceitar a midiaticização como um novo modo de ser no mundo, coloca-nos numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal”. (2010, p. 163).

Nesse sentido, as organizações religiosas vêm procurando explorar novas ferramentas que as incluem no mundo virtual, como, por exemplo, a Igreja Católica, que começa a utilizar os diversos meios digitais para atrair e/ou manter os fiéis na instituição religiosa.

Essas mudanças no modo de evangelização da Igreja Católica lembram que vivemos hoje um processo de midiaticização da sociedade, em que, por meio das tecnologias digitais e da internet, uma nova relação fiel-igreja se torna expressiva e cada vez mais visível.

Além disso, há um desvio do olhar do fiel dos templos tradicionais para os novos templos digitais, que estimulam, sob novos formatos e protocolos, a experimentação de uma mesma prática religiosa doutrinária e devocional: algo que poderíamos chamar de discurso religioso – católico digital online – ou ‘narrativas [religiosas] digitais’, nas palavras de Coyne (*apud* FELINTO, 2005 *apud* Sbardelotto, 2010, p. 4-5).

“A partir disso, geram-se novos discursos, novas práticas discursivas que permitem também que o usuário seja um co-a (u) tor.” (SBARDELOTTO, 2010, p. 5).

Só que o que muitos fiéis-internautas não percebem é que, para que sejam realizados os referidos rituais religiosos on-line, faz-se necessário respeitar e seguir algumas regras institucionais e dos próprios sites, como, por exemplo, o limite de toques para que seja, de fato, publicada a intenção das velas virtuais. Tudo isso porque a técnica não é instrumento neutro. Ou seja, os meios de comunicação não são dispositivos transparentes, que servem unicamente como canal para divulgar e receber informações. Como diria McLuhan: “o meio é a mensagem”. O autor parte desta análise, pois, para ele, os meios técnicos não são simples máquinas e a técnica não é o outro do homem.

Como diz o filósofo Celso Azambuja:

os meios são extensões do homem. Meios e homens estão em simbiose e vivem de mútuas e múltiplas interdeterminações... As ideias do pensador, portanto, continuam atuais e são essenciais para compreender a tecnologia e os meios de comunicação. Elas nos fornecem pistas fundamentais para entender que a técnica não é apenas um instrumento neutro o qual manipulamos e que do conforto de nossos posicionamentos éticos e instrumentos conceituais, podemos dirigir para o bem ou para o mal. McLuhan sorria desta ingenuidade, desta superficialidade, desta cegueira que pretendia entender a técnica como um simples instrumento ‘neutro’³⁰.

O próprio McLuhan, ao afirmar que “o meio é a mensagem”, diz que isso “apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos”. (2002, p. 21). Segundo o autor, o “conteúdo” de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. Para ele, não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. (2002).

McLuhan (2002) avalia ainda que a nossa resposta aos meios e veículos de comunicação – ou seja, o que conta é o modo como são usados – tem muito da postura alvar do idiota tecnológico. O “conteúdo” de um meio é como a “bola” de carne que o assaltante leva consigo para distrair o cão de guarda da mente. De acordo com o autor canadense, o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu “conteúdo” é um outro meio.

O conteúdo de um filme é um romance, uma peça de teatro ou uma ópera. O efeito da forma fílmica não está relacionado ao conteúdo de seu programa. O ‘conteúdo’ da escrita ou da imprensa é a fala, mas o leitor permanece quase que inteiramente inconsciente, seja em relação à palavra impressa, seja em relação à palavra falada. (2002, p. 33).

Ademais, já se fala em vários “*cibers*” da Igreja Católica. Ciberteologia (que é também o nome de uma revista)³¹. Ciberigreja. Cibercatequese. E Ciberpastoral. Para exemplificar, Dom Claudio Maria Celli, presidente do Conselho para as Comunicações Sociais, assinalou na blogosfera a matriz de novas culturas. O padre jesuíta Antonio Spadaro revelou que já abriu um blog próprio de “ciberteologia”³². O Pe. Roderick Von-Hoegen,

³⁰ Disponível em: <http://migre.me/dH6WH>. Acesso em: 31 de agosto de 2011.

³¹ Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2013.

³² Disponível em: <http://www.cyberteologia.it/>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2013.

também jesuíta, lembrando que os apóstolos eram pescadores, disse que, “para pescar, é preciso a isca certa e, para os jovens de hoje, a isca certa é a Rede”³³.

Só que, como disse Gomes³⁴, mais importante que o conteúdo transmitido pelos meios de comunicação, deve-se parar e refletir sobre o meio na nova ambiência que muda todo o processo comunicacional. Ou seja, mais relevante que o próprio conteúdo disponibilizado na internet e nos sites católicos como o do Círio, é perceber o novo processo de estar o tempo todo conectado à rede, ou seja, o meio como sendo mensagem principal, “a nova ambiência e o novo modo de ser no mundo, caracterizado pelo processo de mediação da sociedade e que muda tudo”.

2.3 Mediação e Religião

Os meios de comunicação se transformaram e hoje possuem maior interatividade. Surgiram novas formas de sociabilidade, através dos novos ambientes tecnológicos, não somente os tradicionais. Entram em cena o real e o virtual.

Vivemos em tempos em que, através da mediação, é mais cômodo fazermos certas coisas, proporcionadas pelas novas tecnologias da comunicação. Vivemos “uma nova ambiência social”. De acordo com Fausto Neto (2009, p. 4):

A mediação consiste no desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos sócio-técnico-discursivos de produção, circulação e recepção de mensagens. Produz mudanças na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais.

Logo, a instituição religiosa não fica de fora deste processo. Segundo Gomes (2009, p. 10), a religião não pode deixar de trabalhar com todos os meios de comunicação, pois “eles potencializam a sua ação”. “O que as igrejas devem fazer é uma reflexão que transcenda o mero uso dos dispositivos tecnológicos, ou seja, ver esse fenômeno como uma nova ambiência, como uma nova cultura que está surgindo.” (Idem).

Estamos vivendo na era da informação. A sociedade está dentro de um sistema complexo, de rede e, portanto, está inserida em um grande processo chamado de *mediação da sociedade*. “Não é a sociedade da mídia, mas é a mediação da sociedade, ou seja, é a criação de uma nova realidade, da transformação de um processo, criando algo novo,

³³ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/43978-tempos-de-ciberpastoral>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2013.

³⁴ Em aula aos mestrados na Unisinos, em 2011.

mudando de patamar.” (Idem). Para ele, isso é completamente novo, “só comparado à invenção da escrita”, afirma.

Para Gomes (2009), a midiatização ajuda na construção de sentido social e pessoal. Segundo o autor: “[...] a tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto, que, embora tenha raízes no progresso anterior, representa a constituição de uma nova ambiência social”. (2009, p. 7).

Com relação à religião e às novas tecnologias da comunicação utilizadas pela igreja, ao mesmo tempo em que essa midiatização compartilha conhecimento, ela nos mostra um problema que Gomes (2009, p. 9) define como “individualismo religioso”. A partir do momento em que se passa a não ter mais tanta importância o convívio, a comunhão.

Com o surgimento de formas modernas de se comunicar, a Igreja Católica cada vez mais faz uso dos novos dispositivos tecnológicos. A instituição religiosa, por exemplo, está sempre se atualizando no uso dessas novas tecnologias. Conforme a evolução dos meios de comunicação, a igreja passou a utilizá-los para estreitar a comunicação com os fiéis:

No caso moderno, o importante é utilizar todos os instrumentos para fazer chegar a voz da Igreja a todos os rincões do mundo. Desse modo, à medida que os meios de comunicação foram se desenvolvendo, a Igreja foi se apropriando desses dispositivos tecnológicos como extensões de sua voz, imagem e ação. (GOMES, 2009, p.13).

Segundo Braga, a midiatização ou processos midiáticos abarca processos que acontecem mesmo quando não estamos diante da mídia. “A midiatização não acontece só quando se está produzindo e se está recebendo informação.” (2009, p. 20). Ele exemplifica: “você sai do cinema e, quando encontra seus amigos e sua família e fala sobre o filme, continua no âmbito da midiatização. Da mesma maneira aconteceu com o livro”. De acordo com Braga, nós vivemos ainda no mundo da escrita, “independente de estarmos diretamente trabalhando com materiais escritos”. (2009, p. 20).

Braga (2006, p. 2) afirma que, “dentro da lógica da mediatização, os processos sociais ‘da mídia’ passam a incluir, a abranger os demais, que não desaparecem, mas se ajustam”. Para o autor, a midiatização, portanto, seria o “processo interacional ‘de referência’”, o “organizador principal da sociedade”, que faz com que os demais processos – como o fenômeno religioso – funcionem ou passem a funcionar segundo suas lógicas.

Na realidade, vivemos hoje uma grande mudança. Mudança esta que abrange todas as instituições – midiáticas e não midiáticas. Trata-se “de uma nova forma de ambiente – sociedade da informação e da comunicação – que, mediante tecnologia, dispositivos e

linguagens trata de produzir um outro conceito, de comunicação”. (FAUSTO NETO, 2006, p.4). A partir de agora, as relações sociais não se estabelecem mais necessariamente através de laços sociais, mas de ligações sócio-técnicas.

Ademais, a internet provoca a comunicação instantânea, em tempo real. Através dela, pode-se ressaltar a influência da midiaticização no campo religioso. Com isso, tende a surgir uma nova manifestação do católico com a igreja, através de rituais *on-line*.

Segundo Sbardelotto, “uma dessas práticas mais difundidas em quase todos os grandes *sites* católicos são as chamadas Velas Virtuais, uma remodelagem de uma antiga tradição de acender velas a Deus em oração”. (2010, p. 2).

A versão digital das velas funciona assim: primeiramente o fiel deve preencher os dados pessoais para poder incluir o pedido de oração. Esse pedido poderá ser direcionado a Deus ou até mesmo sem destinatário explícito. Existe a possibilidade de o internauta escolher o formato desejado de vela, para depois clicar no botão “acender” ou “enviar”, para que a oração seja validada.

Cria-se, então, a possibilidade da manifestação da fé tendo um mediador, no caso, o computador, que passa a assumir um importante papel: o de mudança de hábitos do cotidiano. Entretanto, o internauta católico acaba utilizando formas diferentes de execução de algumas práticas religiosas populares neste processo.

Sobre mediação, Mendes (2007, p. 43) a conceitua como:

Um processo dialógico no qual o poder da enunciação não está especificamente no emissor, na mensagem, ou no receptor, mas no mecanismo da comunicação em si e na relação intercambiável, em que os papéis de enunciação e recepção se invertem e se complementam, criando um discurso pautado na troca de experiências e ideias.

No Portal do Círio de Nazaré³⁵, objeto de estudo deste trabalho, o internauta encontra o *link* “Acenda uma vela”.

Gomes³⁶, a partir de tais constatações, diz que há um novo modo de fazer religião. Porém, sua inquietação é que tipo de espiritualidade está emergindo das mídias digitais.

³⁵ <http://www.ciriodenazare.com.br/>.

³⁶ Entrevista concedida no dia 03.09.10, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em São Leopoldo/RS. Pedro Gilberto Gomes é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), especialista em Teologia pela Universidad Católica de Santiago. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde exerce o cargo de Pró-Reitor Acadêmico. É Diretor da Editora da Universidade. Ainda é membro da Equipe de Reflexão de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Quando o devoto do Círio de Nazaré deixa de ir à Capela acender uma vela para fazê-la virtualmente, que consequências têm isso? Que tipo de religiosidade desenvolve uma criança que passa todo dia em casa lendo a Bíblia pela Internet, sendo tudo virtual? A igreja não pode ficar de fora disso. Eu só acho que ela não está fazendo uma reflexão sobre como utilizar; pensando o que está surgindo; que modo de se fazer religião se estabelece; quais as consequências. Nesse momento, estamos dando um salto quântico, que faz parte da história, com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.

Em *sites* onde se encontram velas virtuais, há também outros serviços para os internautas, inclusive venda de produtos religiosos. Através dos *sites* católicos, existe um duplo fluxo comunicacional, onde a igreja se comunica com o fiel, que, conseqüentemente, comunica-se com ela.

Sobre a relação fiel e alguns *sites* católicos, Sbardelotto (2010, p. 3) ressalta que, por um simples clicar de botões, o indivíduo, acompanhando as ideias, falas, sons e imagens, é levado a experimentar uma vivência do Sagrado, de Deus.

Entretanto, para Gomes (2009, p.13):

O que a Igreja não acompanhou foi a reflexão sobre esse fenômeno, que transcende os meros dispositivos tecnológicos e aponta para a constituição de uma nova ambiência da sociedade. A Igreja não discute as consequências para ela do uso indiscriminado da mídia como se ela fosse neutra. Existem leis e processos que distinguem, substancialmente, o espaço religioso do midiático.

Nos dias de hoje, a maioria das nossas ações são mediadas por suportes eletrônicos. Prova disso é a procura por parte da sociedade em fazer algo diferente dos tradicionais costumes entre fiel e igreja. O uso desses produtos religiosos, como, por exemplo, as velas virtuais, tornam-se formas modernas para a propagação da fé na sociedade tecnológica.

Sodré, por sua vez, define midiatização como sendo a “articulação do funcionamento das instituições sociais com a mídia”. Para ele, trata-se de algo realmente novo, “fruto das transformações nos modos de urbanização e no advento das tecnologias da informação e da comunicação, vetorizadas pelo mercado capitalista”³⁷.

Braga insiste, citando Jesús Martin-Barbero, na necessidade de observarmos o receptor, trazendo uma proposta latino-americana:

Barbero fala da importância de entender as mediações, segundo as quais o receptor interpreta os meios. [...] De minha parte, creio que mais um passo seria dado pelo estudo das circulações sociais que os espectadores e usuários acionam após sua recepção – justamente através de um desenvolvimento dos dispositivos críticos. (BRAGA, 2009, p. 23).

³⁷ Disponível em: <http://migre.me/dH71g>.

Fausto Neto contextualiza o processo de midiaticização ao cenário religioso brasileiro e arrisca dizer que talvez o Brasil seja o país no qual mais o campo religioso tem permeado suas práticas pela presença de operações de mídia.

Penso que a 'economia do sensível', promovida pela emergência de linguagens técnicas e operações midiáticas, favorece uma nova 'cultura do contato' e que se expande até mesmo nos rituais em que o contato estaria a serviço do 'contrato', este como ofertador das condições sobre as quais organizávamos nossas possibilidades de crer. (FAUSTO NETO, 2009, p. 31).

Para Fiegenbaum, em razão de sua complexidade, a midiaticização é de difícil conceituação.

Contudo, o termo designa um aspecto fundamental das mudanças sociais da sociedade contemporânea. E, mais que isso, tem nos meios de comunicação um dos fatores mais importantes dessa mudança, ainda que o foco do problema da midiaticização se desloque dos meios para as mediações³⁸.

Segundo o autor, para entender esse processo, faz-se necessário compreender como se vão estruturando historicamente as relações entre os meios, as instituições sociais e os atores individuais. “Portanto, a midiaticização se dá na interação complexa entre instituições, meios e atores.”³⁹

2.4 Midiaticização, Dispositivos e Circulação

Quando se examina a midiaticização, não se pode deixar de citar e desenvolver algumas ideias do que seria o conceito de dispositivo. Ferreira (2010) vê os dispositivos como mediação central na integração e diferenciação dos mercados discursivos. Dispositivo está imbricado à ideia de comunicação. Para que haja comunicação, deve haver um ou vários dispositivos em circulação. E, comunicar-se, segundo Ferreira, “é construir zonas compartilhadas de sentido, em tensão com as diferenças, as estratégias, disputas e negociações”. (Idem, p. 2). Tais fatores devem ser pensados sendo configurados pelos processos de midiaticização.

Entendemos esse conceito – de midiaticização – como a unificação e diferenciação dos mercados discursivos a partir de três dimensões centrais, em relações de intersecções e mútuos condicionamentos: dispositivos midiáticos, processos de comunicação e contextos sociais (especialmente, a partir das relações entre instituições e indivíduos). (2010, p. 5).

³⁸ Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Fiegenbaum.PDF.

³⁹ Idem.

Nesse sentido, segundo Ferreira (2010), a comunicação face a face e de comunidade passa a ser uma abstração, embora mobilizada até hoje como referência ‘pura’ do que é comunicação. Com relação ao âmbito religioso, tal exemplo merece destaque, pois, de fato, a comunicação face a face está cada vez mais secularizada ou disputada com outras formas de ser religioso, com as interações de rituais religiosos católicos, antes sendo realizados apenas diante do altar, tendo presença garantida também – e muitas vezes, principalmente - na rede, na internet. Trata-se de uma religião cada vez mais midiaticizada; uma religião 2.0.

Além disso, Ferreira (2010) acredita que a midiaticização é uma perspectiva epistemológica. “Nosso entendimento é de que para compreender a midiaticização... é necessário pensá-la em termos de circulação, o que implica na construção de novos objetos, problemas, hipóteses, interpretações e conceitos.” (FERREIRA, 2010, p. 13).

Nesse sentido, é relevante destacar que a midiaticização se constrói em torno de uma nova problemática: a circulação inter-midiática, como diz Ferreira (Idem). Neste aspecto, o que ocorre é a perda de disparidade entre os papéis dos produtores e dos receptores. Portanto, produtores passam a ser consumidores de produtos midiáticos, e os indivíduos-consumidores passam a ocupar, principalmente nas redes de relacionamento digitais, posição de produtores. Situação esta que pode ser muito bem percebida nos sites católicos, onde os consumidores passam a ser produtores de rituais religiosos, seja acendendo suas velas, rezando seus terços digitalmente ou até mesmo produzindo alguma informação de interesse público – ou não – na rede.

Braga (2011) parte do mesmo princípio de Ferreira (2011) e acredita no dispositivo não como sendo a tecnologia, mas “o conjunto heterogêneo de materiais e de processos que não só ‘decorre’ da tecnologia, mas que, sobretudo, dá direção e sentido a seu uso”.

Para Braga (2011), o dispositivo é de suma importância para os estudos da midiaticização – “exatamente porque permite ultrapassar uma referência exclusiva aos ‘meios’ (tecnologias, empresas midiáticas e/ou a forma de seus produtos) ou apenas às circunstâncias muito concretas e imediatas de sua apropriação (a relação ‘direta’ de recepção)”. Segundo o autor, tratar de ‘dispositivos’ permite incluir as mediações que o usuário traz para a interação; as expectativas sobre o usuário, no momento da criação dos produtos – levando à ‘construção do leitor’, aos modos de endereçamento, às promessas e contratos; permite incluir os processos em geral que cercam a circulação mediática; e aí também os contextos significativos de produção, de apropriação e da ‘resposta social’ (sob qualquer forma em que esta ocorra). (Idem).

Logo, Braga (2011) acredita que “dispositivos de interação” são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; “mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais”. Braga aborda o termo de modo abrangente. E, para ele, resta sempre um espaço produzido na *singularidade* da própria interação. “Mais ainda: é na sedimentação do que vai sendo tentado, testado e selecionado nas interações sucessivas de um dispositivo que ele mesmo se transforma, assim como a seus componentes – produtos, linguagens, lógicas, tecnologias e invenções de uso.”

Gomes (2011), por sua vez, afirma que hoje estamos numa sociedade “em estado de mediação que socializa, com maior rapidez, os conhecimentos acumulados pela humanidade”. Segundo ele, o acesso às informações e a possibilidade de dizer a sua palavra estão hoje potencializados na enésima potência. Se não levarmos em conta, diz o pesquisador, que estamos vivenciando um ambiente qualitativamente distinto, perderemos a sintonia com esse novo tempo, com esse novo entorno, e não interagiremos com ele.

Estamos vivendo hoje uma mudança epocal, com a criação de um bios midiático que incide profundamente no tecido social. Surge uma nova ecologia comunicacional. É um bios virtual. Mais do que uma tecno-interação, está surgindo um novo modo de ser no mundo, representado pela mediação da sociedade. (GOMES, 2011, p. 10).

Gomes (2011) aborda, ainda, outra questão de suma relevância, relacionada ao dispositivo como não sendo apenas uma técnica neutra. Ele próprio exemplifica:

O simples fato de uma criança acessar um site com um conteúdo específico, não é o caso. O conteúdo não é o caso. O impacto se dá no fato de a criança estar inserida nesse novo meio, nessa nova ambiência. Como diria McLuhan, o que importa não é o conteúdo da televisão, mas sim o simples fato de ver TV. (GOMES, 2011, p. 11).

2.5 Cibercultura

Como consequência da constante mediação da sociedade e da cultura, não poderia deixar de ser abordado neste trabalho um dos conceitos que muito pode auxiliar na melhor compreensão desta análise sobre mídia digital e religião. Trata-se da Teoria da Cibercultura segundo a qual, para Rüdiger (2011), “os computadores e a Internet são já, eles mesmos, efeitos do que, estrito senso, se pode chamar de cibercultura”. (2011, p. 8). O autor cita Lévy ao afirmar que foi ele o mais direto e objetivo a definir a cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de

valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17 *apud* Rüdiger, 2011, p.9).

Para nós, o ciberespaço mesmo é já um efeito da cibercultura, como afirma Rüdiger. “... porque, falando estrito senso e com atitude reflexiva, esta, a cibercultura, pode ser entendida como o cultivo do mundo, nós incluídos, em termos cibernéticos.” (Idem. p. 9-10).

Para Ricciari (2012, p. 60), o mundo do ciberespaço deve ser pensado como o novo areópago moderno, do qual a internet constitui um novo ambiente, com uma multiplicidade de recursos e exigências que proporcionam perspectivas inéditas de crescimento pessoal e de evangelização, mas também riscos de marginalização e de desigualdade.

A cibercultura é a expressão que serve para designar o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciado ou promovido com o progresso das telemáticas e seus maquinismos.

Afinando o conceito um pouco mais, poderia bem ser definida como a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação. (Rüdiger, 2011, p. 10).

Na verdade, além de tudo isso, a cibercultura provoca o rompimento de um estágio. O fato de que a convergência começa a sair do âmbito do conhecimento especializado e passa a ser operacionalizada pela base. Isso devido à transformação dos computadores em equipamentos domésticos e, agora, portáteis, acessados e disponíveis por grande parte da população mundial.

Ademais, a palavra cibercultura surge para dar conta dos fenômenos que nascem à volta das novas tecnologias de comunicação.

A comunicação humana, recordemos, é sempre interativa, mas caem os termos desta última, quando ela deixa de ser imediata e passa a depender de outros meios que não a linguagem, quando, vindo por outro ângulo, se desenvolvem os meios materiais de comunicação. (Rüdiger, 2011, p. 12).

Segundo o autor, na nova mídia digital, a comunicação é interativa em sentido simultaneamente “específico” e “ampliado”. Rüdiger (2011) explica:

Ampliado, por um lado, porque permite a interação humana ativa e em mão dupla com os próprios meios e equipamentos que a viabilizam; específico, de outro, porque esta circunstância permite ainda a interação social ativa e em mão dupla entre os seres humanos, ao ensejar o aparecimento de redes sociotécnicas participativas que transcendem a sua pura e simples interligação social, como ocorria na esfera da velha mídia. (2011, p. 12).

Para Rüdiger, as redes sociais, portais e blogues, os videojogos, chats e sites de todo o tipo, os sistemas de troca de mensagens e o comércio eletrónico, o cinema, rádio, música e televisão interativos via internet são, realmente, apenas algumas das expressões que surgem neste âmbito e estão ajudando a estruturar praticamente a cibercultura. (Idem, p. 13).

Além disso, Marshall McLuhan anunciou nos anos 1960 uma revolução nas comunicações que, em seguida, contagiaria os vários profetas e porta-vozes da suposta sociedade da informação e da tecnocultura que o mundo estaria vendo nascer.

Embalado pelo espírito tecnológico que então passava a soprar mais forte, o pensador anunciou naquela época o surgimento de uma aldeia global, interligada através da comunicação eletrônica via os computadores. O progresso dos meios informáticos cria, segundo ele, um novo ambiente ou cenário histórico, em que passamos a pensar, agir e interagir de modo totalmente novo, mais livre, igualitário e expressivo. (Rüdiger, 2011, p. 24).

Na verdade, vivemos um momento em que a utopia torna-se realidade e podemos considerar a “imminente sociedade informática como uma utopia realizada”. (Schaff, 1990, p. 154 *apud* Rüdiger, 2011, p. 24).

Já para Nicholas Negroponte, estamos atravessando de uma sociedade baseada nos átomos para outra, baseada nos bits, e isso acarreta o surgimento de uma nova forma de vida, muito mais do que uma mera revolução tecnológica.

Resumindo, entramos em uma era digital que, como as forças da natureza, não pode ser detida e que, como processo, possuiria quatro qualidades poderosas, que resultarão em seu triunfo final: a descentralização, a globalização, a harmonização e a capacitação [da humanidade]. (1995, p. 231).

Lévy, por sua vez, define o ciberespaço como:

... o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (1999, p. 92-93).

O ciberespaço, como nos propõe Lévy (1999), é, portanto, um espaço de comunicação possibilitado pela interconexão mundial dos computadores e no qual as informações comunicadas são de natureza digital.

Segundo Jungblut (2004), atualmente, o ambiente mais popular do ciberespaço é a *web*. Segundo ele, o fato de que se diversificam as modalidades possíveis de interlocuções entre seres humanos através de avanços tecnológicos não pode ser ingenuamente tomado como sintoma de uma degenerescência desrealizante do mundo humano. Para o autor, a “realidade” não está se extinguindo e os simulacros tomando seu lugar porque um número crescente de pessoas passa a se comunicar mais por computadores e menos face a face. A “realidade”, antes sim, está tão-somente se complexificando tal como tem ocorrido durante todo o processo de desenvolvimento do conhecimento humano, a cada grande revolução tecnológica. (2004).

2.5.1 Cibercultura e Miatização

Após uma breve introdução sobre miatização, cibercultura e ciberespaço, partiremos para o tensionamento destas duas últimas teorias com a primeira, nosso campo de estudo, para entendermos como ambas se correlacionam e se amparam, para uma melhor compreensão da sociedade atual em que vivemos, e, por conseguinte, da religião.

Antes de mais nada, vale lembrar que o próprio nome “Religião” deriva do termo latino "Re-Ligare", que significa "religação" com o divino. Essa definição engloba necessariamente qualquer forma de aspecto místico e religioso, abrangendo seitas, mitologias e quaisquer outras doutrinas ou formas de pensamento que tenham como característica fundamental um conteúdo metafísico, ou seja, de além do mundo físico⁵⁰.

Religião, de acordo com Alves, é uma “teia de símbolos, rede de desejos, confissão da espera...”. (1984, p.22). Segundo ele, a religião não é composta de itens extraordinários. Mas, há coisas a serem consideradas: altares, santuários, comidas, perfumes, lugares, capelas, templos, amuletos, colares, livros... e também gestos, como os silêncios, os olhares, rezas, encantações, renúncias, canções, poemas, romarias, procissões, peregrinações, exorcismos, milagres, celebrações, festas, adorações. (Idem, p. 22-23).

⁵⁰ Disponível em: <http://www.xr.pro.br/religiao.html>.

Contudo, mais que isso, religião, nas palavras do padre Cláudio Pighin, “liga o ser humano à divindade”⁵¹.

Atualmente, na sociedade da cibercultura midiaticizada, para que o indivíduo esteja cada vez mais “conectado” ao divino, a Igreja Católica busca atingir mais fiéis, utilizando-se de diversos meios – como os digitais - para alcançar o seu fim principal.

Antes, porém, de ser analisado o fenômeno religioso no mundo digital da cibercultura midiaticizada, verificando os discursos dos internautas nas redes de relacionamento, e o que eles divulgam com relação ao Círio de Nazaré, faz-se relevante, primeiramente, realizar um esforço em entender ambos os conceitos.

Como analisa Ferreira⁵², a questão central é verificar que estruturas são essas específicas da midiaticização. Numa abordagem mais ampla, trata-se de verificar que códigos, estruturas e sistemas são construídos nas interações midiáticas que nos permitem falar de uma singularidade da midiaticização perante outros fatos comunicacionais já analisados pelas ciências sociais, da linguagem e abordagens técnico-tecnológicas.

Ferreira abordou um ponto de suma relevância, uma vez que a teoria da cibercultura trata justamente da questão do indivíduo não como sendo mais apenas consumidor, e sim produtor, principalmente nas redes digitais, onde pode colaborar e expor seus pontos de vista; criar blog, colocar notícias em sites apuradas por ele mesmo, entre outros. Ou seja, a questão, apontada por Ferreira, a respeito da singularidade da midiaticização perante outros fatos comunicacionais, é bastante pertinente, até mesmo para entendermos melhor o lugar da midiaticização e da cibercultura neste ambiente. Serão sinônimas? Uma está acoplada à outra? São coisas totalmente diferentes?

José Luiz Braga⁵³ responde a questão. A cibercultura, cultura da virtualidade, da Interação Mediada por Computador (IMC), da internet e de tudo o que implica desse novo ambiente da “digitalização” está inserida na midiaticização. Esta, por sua vez, é mais ampla, tratando o processo de forma macro e de maneira social. Em determinado âmbito, poderíamos até mesmo ousar afirmar que a cibercultura estaria mergulhada na midiaticização, inserida dentro dessa nova “ambiência” e desse “novo modo de ser no mundo”, como diz Gomes.

Clareando mais ainda, Fausto Neto (2008 *apud* SBARDELLOTTO 2010, p.7) afirma:

⁵¹ Entrevista concedida no dia 24. 09.10, na Organização Não-Governamental (ONG) Missão Friuli Amazônia, em Belém. Cláudio Pighin é sacerdote, jornalista italiano naturalizado brasileiro, doutor em Teologia, mestre em Missiologia e Comunicação.

⁵² Discussões realizadas em aula ministrada aos mestrandos em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 2011.

⁵³ Em conversa com a mestranda.

... preferimos aqui utilizar o termo ‘mídiaização’, ou seja, processos de interação social a partir do desenvolvimento e da intensificação da convergência tecnológica. Ou ainda um ‘novo bios midiático’ (GOMES in FAUSTO NETO, 2008 *apud* SBARDELOTTO, 2010, p.7), do qual a chamada cibercultura, a nosso ver, é parte constituinte, junto a outros fenômenos e manifestações comunicacionais.

Com relação à cibercultura, Sbardelotto, citando Felinto, dá algumas pistas para entendermos melhor como funciona esse processo. “A cibercultura é ‘uma forma de cultura na qual as novas tecnologias de informação e comunicação desempenham papel central’.” (FELINTO, 2005, *apud* SBARDELOTTO, 2010, p. 5). Além disso, a cibercultura “seria ainda ‘uma espécie de saber próprio do contemporâneo, o estudo de todos os fenômenos ligados à internet’”. (FELINTO, 2007, *apud* SBARDELOTTO, 2010, p. 6).

Além disso, a cibercultura representa um momento, como diz Erick Felinto (2006)⁵⁴, em que as tecnologias – especialmente as tecnologias de comunicação – se colocam como questão essencial para toda a sociedade e em todos os seus aspectos, dentro e fora da academia. Felinto acredita ainda que a cibercultura consistiria em uma formação cultural permeada pela lógica do “digitalismo”.

Felinto (Idem) diz que parece razoável tomar como hipótese inicial a ideia de que o “digitalismo” sirva como elemento capaz de assinalar a especificidade da cibercultura em relação a outros paradigmas tecnoculturais, bem como ferramenta epistemológica para desenhar suas fronteiras.

Ademais, o que deve ser avaliado é o impacto das novas tecnologias no modo de vida das pessoas comuns – incluindo a sua religiosidade, uma vez que, como dizia McLuhan, “o meio é a mensagem”. É extensão do homem. Diria mais. As tecnologias constituem-se como um ambiente que move a sociedade atual. Fazem parte da evolução natural.

Como diz Santaella:

Nenhuma tecnologia anterior havia penetrado em nós com tanta intimidade. Por isso, podemos deixar de notá-la com a mesma facilidade com que nos desapercibemos dos óculos que temos diante dos olhos e, mais ainda, de uma lente de contato na córnea. (2003, p.101).

É relevante destacar que Santaella (Idem) acredita que as culturas mais tradicionais, a oral, a escrita e a impressa, ainda se fazem presente atualmente, e com papel muito relevante em nossa sociedade. O que a autora afirma é que vivemos hoje um período de sincronização de todas as linguagens e de quase todas as mídias que já foram inventadas pelo ser humano.

⁵⁴ Citou em “Existe a ‘Cibercultura’? Indicações para uma Possível Cartografia do Mundo Digital”. In: Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

A autora cita a cultura de massas que, para ela, originou-se no jornal com seus coadjuvantes, o telégrafo e a fotografia. Acentuou-se com o surgimento do cinema, uma mídia feita para a recepção coletiva. Porém, foi só com a TV que se solidificou, segundo Santaella, a ideia do homem de massa junto com a de *mass media*. (Idem).

Máquinas de xerox, a distribuição universal de máquinas de fax, videocassete, videogames, segmentação das revistas e programas de rádio para públicos específicos, TV a cabo etc. Esses são alguns processos comunicacionais que Santaella denomina de “cultura das mídias”. (Idem).

Importante destacar que não há uma linearidade na passagem de uma era cultural para a outra, uma vez que elas se sobrepõem, misturam-se, criando, como diz Santaella (Idem), tecidos culturais híbridos e cada vez mais densos. Com a chegada da cultura digital, essa densidade estava fadada a intensificar-se.

Mas, também, há outro fator relevante. Com o surgimento da escrita, houve um grande salto na história da humanidade (tanto que surgiu a concepção do analfabeto a partir daí). No entanto, a partir da invenção da escrita, a sociedade se manteve em linha mais ou menos constante, ou seja, sem grandes transformações e saltos. Entretanto, com o advento da internet e da Sociedade em Rede, como diria Castells, há um salto quântico⁵⁵, nunca antes visto na história (a não ser, é claro, com o surgimento da escrita). A sociedade se midiaticiza.

Enfim, com a introdução dos microcomputadores pessoais e portáteis, os espectadores começaram a se transformar também em usuários. Mais. Começou a existir a interação, hoje totalmente existente nas redes de relacionamento. E a co-participação. Ou, como diria Jairo Ferreira⁵⁶, um consumidor-produtor de informação; por sua vez, o produtor passa a ser produtor-consumidor. As relações acabam se complexificando. As instituições midiáticas e não-midiáticas se misturam – e se confundem na mídia. E o poder, antes central do jornalismo e do jornalista, é enfraquecido.

2.6 A Midiaticização e o Jornalismo

Em uma sociedade em midiaticização, vários setores da vida cotidiana são afetados, dentre eles o jornalismo que começa a mudar de maneira rápida e bastante notória por todos. Agora, qualquer pessoa que possua uma ligação à internet pode ser proprietária de seu próprio

⁵⁵ Palavras do prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes.

⁵⁶ Em aula no mestrado em Ciências da Comunicação, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ano 2011.

órgão de comunicação, como criar e atualizar diariamente seu próprio Blog, por exemplo. Qualquer um pode elaborar e publicar notícias.

Hoje, qualquer um pode ser produtor de informação. Basta ter o que dizer, possuir um computador, a notícia e a foto. Até mesmo as grandes empresas jornalísticas já se deram conta desse fato. E elas mesmas acabaram criando seções nos seus sites, com conteúdos como: “Seu espaço”. “Mande sua Notícia”. “Colabore Conosco, mandando seu conteúdo” etc. Essa é a chamada cultura digital. Ou Cibercultura. “A terceira era midiática”, como diz Santaella, que vai se estabelecendo firmemente à medida que crescentemente usamos formas mediadas de comunicação digital. (2003).

Os comunicadores profissionais, por sua vez, continuam a ser uma parte importante, mas está a emergir um círculo mais alargado de interessados em elaborar e difundir material de tipo informativo.

2.6.1 O Acontecimento Jornalístico

Antes de partirmos para o debate do Círio e da reconfiguração de teoria do jornalismo, faz-se necessário, primeiramente, abordar, resumidamente, a questão do acontecimento. Pode-se arriscar dizer que o acontecimento jornalístico, segundo Berger & Tavares (2009, p.2 *apud* Zago, 2011, p. 4), “está na vida cotidiana, como objeto de referência, matéria-prima para os relatos do mundo da vida”. Os acontecimentos jornalísticos adquirem ainda mais visibilidade através dos suportes midiáticos. Para Zago (Idem), trata-se de um acontecimento cotidiano que, apesar de fugir da normalidade, ainda mantém relação com o que de fato aconteceu, ainda que possa estar envolto em uma narração jornalística.

Zago (Idem) cita Charaudeau (2006) ao tratar do acontecimento na mídia em função de seu potencial de “atualidade”, de “sociabilidade” e de “imprevisibilidade”. Mas, esta última não chega a ser um requisito imprescindível para o acontecimento jornalístico, muito pelo fato de que existem acontecimentos absolutamente previsíveis não deixando, logo, de serem acontecimentos. Este é o caso específico trabalhado nesta pesquisa: o Círio de Nazaré é um acontecimento totalmente previsível que, no entanto, irrompe na normalidade cotidiana dos paraenses e demais fiéis que acompanham (pelo rádio, TV, jornal, web, etc.) a procissão – no Estado, no Brasil ou no mundo.

3. TENSÕES

Feitas as percepções teóricas, apresentamos algumas declarações de documentos oficiais da Igreja Católica, bem como opiniões de membros da comunidade eclesial, referentes ao uso das mídias digitais pela instituição religiosa, uma vez que ela considera que a internet e as outras tecnologias da comunicação são essenciais para a propagação de suas mensagens, nos dias atuais, como analisado anteriormente.

O Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais no documento sobre a “Igreja e a Internet”, de 2002, diz: “a igreja tem declarado com frequência a sua convicção de que eles são, em conformidade com as palavras do Concílio Vaticano II, maravilhosas invenções técnicas que já contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas e podem fazê-lo ainda mais”⁵⁷. Sendo assim, a igreja tem reconhecido a importância dos meios de comunicação, em especial a internet, para difundir a sua mensagem. Citando a Carta Encíclica *Miranda Prorsus* (1957), do Papa Pio XII, a Instrução Pastoral sobre os meios de comunicação social *Communio et Progressio*, publicada em 1971, sublinhou que:

A Igreja encara estes meios de comunicação social como ‘dons de Deus’ na medida em que, segundo a intenção providencial, criam laços de solidariedade entre os homens, pondo-se assim ao serviço da Sua vontade ‘salvífica’. Este continua a ser o nosso ponto de vista e esta é a visão que temos acerca da Internet⁵⁸.

O sacerdote Antonio Spadaro⁵⁹ faz parte de uma minoria da comunidade eclesial que tem uma visão um pouco mais crítica dentro da instituição religiosa, ao afirmar que “a Internet não é meio de evangelização, é um *ambiente de vida*”. Também é “um novo contexto existencial, não um lugar específico no qual se entra em algum momento para viver online e do qual se sai para entrar novamente na vida offline”. Para ele, a internet não é uma simples “ferramenta” de comunicação que se pode ou não usar, mas um “*ambiente*” cultural que determina um estilo de pensamento, contribuindo para definir também um modo particular de estimular a inteligência e de estreitar as relações, e, mesmo, um modo de habitar o mundo e de organizá-lo.

⁵⁷ Disponível em: <http://migre.me/dH76b>.

⁵⁸ Documento oficial do Vaticano. Disponível em: <http://migre.me/dH77q>.

⁵⁹ Antonio Spadaro é editor da revista italiana *La Civiltà Cattolica* e professor de literatura da Universidade Gregoriana, em Roma. Formado em filosofia, teologia e comunicação social, é mestre em teologia pela Universidade Lateranense e doutor na mesma área pela Gregoriana. Entrevista disponível em: <http://migre.me/dH7zH>. Acesso em: 01.09.11.

Nesse sentido, Spadaro frisa que “a Rede não é um novo ‘meio’ de evangelização, mas, em primeiro lugar, um contexto em que a fé é chamada a expressar-se não por uma mera ‘vontade de presença’, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens”. Para o sacerdote, o desafio da Igreja não deve ser de que modo “usar” bem a Rede, como se acredita, mas é como “viver” bem na época da Rede.

A Internet é uma realidade destinada a ser cada vez mais transparente e integrada em relação à vida, por assim dizer, ‘real’. Este é o verdadeiro desafio: aprender a ser wired, conectado, de maneira fluida, natural, ética e, até mesmo, espiritual; experimentar a Rede como um dos ambientes da vida⁶⁰.

No entanto, nem todos os padres pensam da mesma maneira que Spadaro. Nas entrevistas realizadas com alguns padres em Belém e no Rio Grande do Sul, continuou em pauta a nova “ambiência” da utilização das mídias digitais pela instituição católica. E, percebeu-se que muitos deles ainda continuam na “antiga” ambiência, considerando importante apenas o conteúdo da mensagem divulgada no meio tecnológico, sendo este último algo secundário.

Para o Pe. André Teles⁶¹, as vantagens das novas tecnologias na evangelização são a aproximação das pessoas em qualquer parte do mundo.

Elas estão muito mais conectadas. Quebram barreiras para que possam, quem sabe, descobrir ou ter a oportunidade de conhecer certas coisas que, por metodologias tradicionais, precisariam ir a uma biblioteca, até mesmo viajar para poder, por exemplo, ir a uma biblioteca muito mais estruturada e fazer suas pesquisas e tudo o mais.

O sacerdote André Teles diz que uma das grandes vantagens da tecnologia é a aproximação maior do campo do conhecimento e da cultura. A desvantagem, de acordo com o padre, é a falta de personalização na relação com o outro. “Isso faz com que você acabe se

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Entrevista concedida no dia 16.11.10, no Seminário Pio X, em Ananindeua, para elaboração de monografia. André Teles é padre diocesano, pertencente à Arquidiocese de Belém do Pará. Tem 31 anos, há cinco é sacerdote. É bacharel em Filosofia, Teologia e Mestre em Literatura Clássica Cristã, que na linguagem específica chama-se Patrística, que é o estudo dos padres da igreja, do primeiro ao sexto século desta instituição, realizado em Roma. Tem Twitter, E-mail, Orkut, Facebook. Tem um programa na TV católica de Belém, a TV Nazaré, intitulado *Questão de fé*, que é um programa de entrevistas sobre temas relacionados à teologia, com especialistas e também pessoas ligadas à vida pastoral da própria Arquidiocese ou da igreja. Também é diretor de estudos de Filosofia e Teologia do Seminário de Formação para os Seminaristas. E, ainda, é pároco de uma Paróquia em um bairro de um município na Região Metropolitana de Belém, Ananindeua, chamado Distrito Industrial.

afastando, cada vez mais, das pessoas, assim, na relação concreta. Você não vê mais nos olhos das pessoas. Não senta para conversar, para perguntar: ‘como é que você está?’.”

Para Pe. Teles, uma pessoa pode muito bem estar dentro de seu quarto, criar o seu mundo, com a internet, onde tenha computador.

Você tranquilamente poderia ficar uma semana no seu quarto, conversando com todo o mundo, mas, sozinho, na tela de um computador. Então, um dos grandes perigos e ameaças é você acabar se desenvolvendo, na dinâmica de sua vida, de uma maneira que não tenha mais capacidade de olhar no olho do outro. Não ter mais capacidade de apertar a mão de alguém. De poder acreditar que uma amizade pode ser feita também desse modo, sentando, conversando junto, discutindo junto, mas, estando junto. Hoje, por exemplo, pergunta-se muito sobre a tendência de confissão on-line. Já vieram até me perguntar: ‘padre, eu posso, por exemplo, de repente, conversar com o senhor e confessar pelo MSN?’ Eu digo: ‘não.’ (Risos). Eu posso, talvez, responder alguma pergunta, alguma coisa. Ou seja, ainda a igreja insiste muito nessa questão da relação com o outro, concretamente.

Ademais, vários outros membros da Igreja Católica utilizam a internet para informar os fiéis sobre os eventos da igreja. O padre Fábio de Melo, por exemplo, tem mais de 500.000 seguidores no Twitter⁶², que é como são chamadas as pessoas que recebem automaticamente todas as atualizações feitas pelo usuário. O próprio Vaticano recentemente lançou um Twitter oficial, totalmente em português para os brasileiros⁶³.

Além do Pe. Fábio de Melo, o padre João Carlos Almeida (mais conhecido como Pe. Joãozinho) é um dos sacerdotes que mais utiliza as redes de relacionamento no Brasil. Para ele, o Twitter é a mais inteligente dentre as redes sociais, principalmente relacionado ao Blog.

O Twitter, relacionado ao Blog, aumentou na potência de 10 tudo que eu fazia antes, porque no micro-Blog, ao contrário do Blog, tudo é muito rápido, as pessoas se sentem mais próximas de você. No diário on-line, você tem que ponderar os comentários, lê-los e aprová-los ou não...⁶⁴

⁶² Em 2010, o número de seguidores era de 160.000.

⁶³ Disponível em: http://twitter.com/news_va_pt.

⁶⁴ Entrevista concedida no dia 15.10.10, em Belém. João Carlos Almeida – Pe. Joãozinho – é sacerdote há 21 anos. Mestre em Teologia Sistemática, Joãozinho é atualmente diretor da Faculdade Dehoniana, em Taubaté/SP e Dr. em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É sacerdote da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, os Dehonianos, que trazem em suas fileiras personalidades da mídia como Pe. Zezinho, que foi seu professor; Pe. Léo, que foi seu colega de estudos e Pe. Fábio de Melo, que foi seu aluno. Pe. Joãozinho já

O sacerdote afirma que o charme do virtual é o real, e que tudo tende ao real.

O virtual é real, só que ele tem limite de toque, de encontro, de abraços, de afeto. Então, eu percebo que as pessoas que têm uma assiduidade virtual, querem o real. É muito melhor a vela real. É muito melhor a voz e o violão ao vivo do que no twitcam. O real é melhor.

O padre, entretanto, frisa que o virtual não acaba com o real, pelo menos não deve acabar. “Apesar de que há pessoas que se tornam escravas do virtual e não querem sair do próprio quarto”, acrescenta.

Tais falas do Pe. João Carlos Almeida nos fazem refletir sobre o virtual, sendo que este, segundo Lévy (1996, *apud* Spadaro, 2012, p. 139), “é (...) uma entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar múltiplas manifestações concretas em momentos diversos e em lugares determinados, sem ser, todavia, por si mesma ligada a um espaço ou a um tempo particular”. Para Lévy:

a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. (1996, p. 15).

Segundo Lévy, “quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam”. (1996, p. 21). Para ele, “a invenção de novas velocidades é o primeiro grau da virtualização”. (1996, p. 23). O virtual, dessa forma, não implica desrealização, pois muitos dos atos produzidos pelos mecanismos de virtualização são fatos sociais concretos, já que produzem efeitos na realidade e, assim, não pertencem ao reino do imaginário, não desaparecem do universo das ações sociais tão logo sejam desligados os mecanismos tecnológicos que permitiram sua existência “virtual”. Segundo Jungblut:

falas digitalizadas que ocorram no ciberespaço podem desaparecer como sinais magnéticos momentaneamente armazenados em alguns computadores, mas os

efeitos concretos destas falas não desaparecem da mente dos interlocutores que as mantiveram, nem as decisões do mundo *off-line* que possam ser tomadas em função delas. Por fim, é de se perguntar se isso não ocorre exatamente da mesma forma em nossas conversas face a face? As conversas face a face não se esvanecem no ar tão logo tenham ocorrido? E, se assim o é, existe alguém que se arriscaria a afirmar, em sã consciência, que elas pertencem ao reino do imaginário? (2004, p. 102).

Nesse sentido, Jungblut afirma que o virtual que ocorre na internet depende, fundamentalmente, do tipo de comunicação experimentado pelos homens que operam esses computadores. (2004). “Logo, quando falamos em coisas como relações virtuais na Internet, não estamos falando propriamente em Internet, mas, sim, em ‘comunicação mediada por computador’ ou, como outros também chamam, ‘telemática’ (comunicação a distância através da informática).” (2004, p. 102).

Retomando às afirmações dos sacerdotes acima citadas, percebemos, porém, que estas não são de total aceitação por parte dos membros da igreja. Padre Glaudemir de Lima⁶⁵, por exemplo, diz não acreditar que as mídias digitais possam alavancar. “Vai demorar muito, pelo menos. A igreja nunca vai abandonar o púlpito. Além disso, é uma utopia da ciência dizer que um dia tudo será virtual.”

Para o padre Giovanni Incampo⁶⁶, a escola de hoje é imagem. “Antigamente, era somente a fala. Hoje, as pessoas querem ver, querem a imagem. A cultura de hoje é imagética. A igreja, portanto, não pode discriminar ou recusar as novas mídias.”

Percebe-se, nas declarações dos padres acima, que muitos membros da igreja veem os meios de comunicação apenas como dispositivos neutros, que servem unicamente como meio de divulgação de informação. Poucos deles, porém, fazem referência a um novo ambiente ou a uma nova cultura, que emerge da rede.

Porém, outro membro da comunidade eclesial entrevistado que vai um pouco além desta análise é Dom Dimas Lara Barbosa⁶⁷, que fala em “uma nova cultura”:

que a sociedade está cada vez mais midiaticizada ninguém tem dúvida e isso tem feito surgir o que o papa Bento XVI, e mesmo João Paulo II, já falava, ‘uma nova cultura’. Estas práticas que você cita em relação a expressões de fé são exemplo desta nova cultura. A fé, sabemos, não tem uma única

⁶⁵ Entrevista concedida no dia 30.09.10. Glaudemir de Lima tem 37 anos e há sete é sacerdote. Atualmente, é pároco da Paróquia de Santa Paula Frassinetti, na Cidade Nova VI, em Ananindeua.

⁶⁶ Entrevista concedida no dia 15.11.10, em Belém. Giovanni Incampo tem 78 anos. É natural da Itália e há 41 anos vive no Brasil. É padre e realiza atendimento diariamente na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

⁶⁷ Entrevista concedida por e-mail em novembro de 2010. Dom Dimas Lara Barbosa é bispo católico e arcebispo da Arquidiocese de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Foi considerado pela Revista Época um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009.

mediação e cada um de nós, a partir de sua maturidade de fé, a expressa de uma forma tendo necessidade de mediações diferentes.

Para o arcebispo da Arquidiocese de Campo Grande, “acender uma vela virtualmente ou lá na capela aos pés do santo é sempre uma mediação e, neste sentido, o valor é igual”. E completa:

outra coisa é a prática sacramental. Aí o virtual jamais se iguala ao real. Você pode ter, por exemplo, orientação e aconselhamento espiritual virtualmente, mas receber o sacramento da confissão, portanto, a absolvição, somente pessoalmente. Isso não vai mudar.

Reafirme-se que, mesmo reconhecendo o valor e a validade de práticas de piedade virtuais, Dom Dimas diz que ninguém está dispensado de ir à comunidade, afinal,

a Igreja Cristã se define a partir da comunidade, e uma comunidade real, onde as pessoas se encontram, trocam ideias, partilham alegrias, tristezas, esperança. Isso está muito claro no Documento de Aparecida, aprovado pelos bispos da América Latina e Caribe, em 2007, quando afirma: ‘os meios de comunicação não substituem as relações pessoais nem a vida comunitária’.

O fato é que, hoje, com essas mudanças significativas da sociedade “em vias de midiaticização”, em que as tecnologias se transformam em meios essenciais na vida das pessoas, as instituições já não podem mais ficar de fora deste processo – inclusive a religião. Na contemporaneidade, como frisou Gomes (2010), “cinco anos traz mais desenvolvimento para a vida humana do que séculos do passado”. Ou seja, “vive-se a realidade da plena transparência. Tudo pode vir a ser descoberto. A privacidade submete-se à ditadura dos interesses individuais. Privatiza-se o público e socializa-se o privado”. (GOMES, 2010). Com a religião não é diferente, principalmente nos rituais que antes eram realizados apenas presencialmente, em que, por exemplo, o indivíduo acendia a vela na capela para Nossa Senhora e fazia sua prece, com apenas as pessoas do lugar presentes ou até mesmo sozinho. Hoje, todo mundo pode saber, por meio dos sites católicos, quem realizou o (s) ritual (is) religioso (s).

Outrossim, há ainda uma questão não menos importante, levantada por Puntel (2005), que diz: “Não basta apenas dispor de meios ou de um treinamento profissional; é preciso uma formação cultural, doutrinal e espiritual, bem como considerar a comunicação mais do que

um simples exercício na técnica (...)”. (2005, p. 136). A encruzilhada, segundo Puntel, se dá no fato de que a igreja precisa da competência e prudência para não deslanchar somente no campo da potencialidade das novas tecnologias da comunicação, mas no discutir e refletir sobre suas implicações, e assim atuar com uma prática que se demonstra firme, convicta, competente, adequada e crítica, sabendo conjugar sua missão com as diferentes linguagens existentes no processo comunicativo. (Idem).

As palavras de Puntel acima coincidem com as de Gomes. Este, por sua vez, demonstra certa preocupação em a religião utilizar os meios apenas como dispositivos tecnológicos. Para Gomes (2010), como citado anteriormente, aqueles não são neutros. E diz:

Estamos vivendo uma nova lógica, que não é simplesmente a retomada da lógica tradicional. Gosto de dizer que começamos a viver uma nova ambiência, e quando as Igrejas entram para esses meios, elas pensam que os meios são apenas dispositivos tecnológicos e, portanto, elas estão pensando que devem retomar as pessoas e trazê-las para sua ambiência. Acontece que a ambiência que essa realidade está criando é outra e não a passada. Essa é a questão.⁶⁸

Puntel frisa que vivemos em uma nova ‘mídiaesfera’, ‘omnicomprensiva’ e global, que representa ‘a nova infraestrutura no interior da qual a humanidade está criando novas redes de comunicação e relação, e ao mesmo tempo está lutando para conservar certo senso de dignidade humana’⁶⁹. A autora afirma que se vive atualmente uma “mudança” na compreensão da relação entre Igreja Católica e mídia: “não mais desconfiança, nem simples lógica instrumental. A Igreja afirma o modo de comunicar de forma inculturada ‘na’ e ‘pela’ ‘cultura midiática’”⁷⁰. Esta é, segundo a autora, uma expressão que carrega um novo conceito, seja para o esforço e o estímulo em usar os *media*, como para disponibilizar cursos de formação para aprender a utilizar os novos meios. Trata-se, porém, de algo mais, um ir além: depois do período do “uso” (e do desprezo e rejeição por parte de alguns), chegou o momento de adquirir mais profundamente à cultura e à linguagem da mídia.

Portanto, a novidade dos últimos documentos da Igreja Católica consiste em compreender os meios de comunicação como uma cultura dos nossos tempos. Mas, para o padre Cláudio Pighin⁷¹, os documentos pontifícios, da igreja, que escrevem sobre essa relação

⁶⁸ Disponível em: <http://migre.me/dH7HZ>.

⁶⁹ Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/comunicacao-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.rccrj.org.br/index.php/comunicacao-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>.

⁷¹ Entrevista concedida no dia 03. 01.13, em Belém. Cláudio Pighin é sacerdote, jornalista italiano naturalizado brasileiro. Possui mestrado em missiologia e comunicação e doutorado em teologia. Tem vários artigos publicados sobre o tema internet e a nova era digital, como “Internet e Conhecimento”, disponível em <http://www.comunidadecaju.com.br/index.php/columistas-da-caju/97-conego-raul-tavares/528-padre-claudio->

mídia e meios de comunicação são, muitas vezes, genéricos demais, escrevem de uma maneira muito genérica. “Superficial. Tem-se que esmigalhar um pouco tudo.”

Gomes (2010) parte do mesmo princípio que Puntel (2005) e avalia como uma das principais dificuldades enfrentadas pela instituição religiosa o fato de, ao considerar apenas os dispositivos tecnológicos, ela perder a dimensão do conjunto e deixar de perceber o fenômeno mais amplo da midiaticização da sociedade. Para os autores, as igrejas permanecem e ainda permanecem na “antiga ambiência”, escapando-lhes a interpretação do novo que estava surgindo. (2010; 2005).

Para Gomes (2010), ao entrar no mundo da mídia, as igrejas não levam em conta que o processo mudou. “Os dispositivos tecnológicos são apenas uma mínima parcela, a ponta do *iceberg*, de um novo mundo, configurado pelo processo de midiaticização da sociedade.” (Idem, p. 24).

Além disso, como analisa Gomes, não importa a postura que cada igreja assuma. “A dimensão da midiaticização da sociedade igualmente coloca-lhes desafios. Na realidade, assim como indagávamos sobre que tipo de religião estava emergindo da mídia, é necessário inquirir sobre que sociedade e que religião emergem da midiaticização da sociedade.” (2010, p. 27).

3.1 Entre o dizer e o fazer da instituição religiosa

As declarações acima de membros da Igreja Católica com relação à utilização da internet são alguns exemplos a demonstrar que, com não pouca frequência, os próprios membros da instituição religiosa são divergentes com relação às novas práticas religiosas, nessas atuais plataformas digitais. Todavia, a questão ainda é muito mais complexa do que o já exposto.

3.1.1 O Papa Emérito no Twitter

Por exemplo, uma das questões difíceis para a Igreja Católica diz respeito à entrada do Papa Emérito Bento XVI em rede de relacionamento. No dia 12 de dezembro de 2012, o até

internet-e-conhecimento. É autor de *Símbolos da Santa Missa na ótica da comunicação*, (Cejud, 2005) e *Homilética e Comunicação*, (Salomão Laredo Editora, Belém-Pará, 2000). Atualmente, é coordenador da Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de Belém.

então pontífice desembarcou no Twitter, mas, imediatamente, avisou: não seguirá ninguém. Ter uma conta com zero seguidos, ou seja, não seguir nenhuma pessoa, é mais do que um erro: significa não ter entendido o sentido das redes sociais digitais.

Como afirma Riccardo Luna:

Aqui, a comunicação superou a modalidade clássica "de um para muitos", para passar para o "de muitos a muitos": seguir alguém em rede não significa perder autoridade, significa indicar pessoas de valor. Ao contrário, dizer que o papa não seguirá ninguém significa tratar o Twitter como se fosse um rádio. O papa fala, os outros ouvem⁷².

E continua:

É uma pena, porque, seguindo os outros, não só se chega muitas vezes antes às notícias, mas também se entende o atual clima de São Pedro. Na realidade, com relação ao rádio, está prevista uma caixa de correio pública, e aqui chegamos aos possíveis problemas de gestão: qualquer pessoa, nessa segunda-feira, foi convidada a postar perguntas ao papa, assinalando-as com a hashtag #askpontifex.

Na realidade, não é preciso uma permissão para fazer perguntas via Twitter, mas se você as chama desse modo corre o risco de ser arrastado por elas. Imediatamente, teve-se uma amostra do tipo de curiosidade a ser satisfeita: de todo o mundo, choveram chibatadas sobre a proibição dos preservativos, enquanto se morre de Aids, sobre os padres pedófilos e outras coisas semelhantes. Só falta a questão do IMU [imposto imobiliário italiano que a Igreja estava dispensada de pagar] e das escolas católicas, mas ela virá.⁷³

Ora, se o então Papa Bento XVI realmente respondesse a essas questões seria um imenso passo, mas ele pode realmente fazer isso? “Eu não acredito, mas, mesmo que o fizesse, desencadearia uma tempestade de réplicas sem censura e sem nenhuma possibilidade de gestão da conversação global”, analisa Luna.

Para o autor, o fato é que a vida real e a vida digital não são duas coisas separadas, mas estão ligadas entre si. “Você não pode pensar em se comunicar de um púlpito inacessível na vida real e, ao invés, não ter nenhum filtro na rede, porque, nesse ponto, a distância que você criou com o resto do mundo na vida real se transforma em uma pressão furiosa quando você está na web”, diz.

⁷² Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516145-bento-xvi-no-twitter-um-pulpito-inacessivel-e-sem-filtros-na-rede>.

⁷³ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516145-bento-xvi-no-twitter-um-pulpito-inacessivel-e-sem-filtros-na-rede>.

3.1.2 Conflitos de opiniões entre membros da Igreja Católica

Para o padre Cláudio Pighin, a igreja fez algumas reflexões sobre os modernos meios de comunicação, mas são reflexões, ainda, desencarnadas.

Ela está longe da realidade. Existem documentos incríveis, muitos, aliás, até com certa competência. Mas se vê que não consegue penetrar a vida das pessoas. Percebe-se que a instituição católica ainda não consegue evangelizar por meio desses dispositivos digitais e das novas linguagens. Ela tem dificuldade. Por exemplo, agora o Papa entrou no Twitter. Mas, isso demonstra também uma certa ingenuidade de quais as consequências de um twitti, de uma linguagem virtual, porque se é exposto. Boa intenção há, mas a Igreja Católica ainda é muito ingênua.

Segundo o sacerdote, ainda existe o aspecto legal. Todo mundo sabe que a documentação do Papa não pode ser manipulada. Segundo Pighin, na rede, elas estão sujeitas a serem lidas por muitos.

Quero dizer, as mensagens do Papa, no Twitter, se tornam de todo mundo e, portanto, podem ser manipuladas como quiserem depois. Por exemplo, posso usá-las até para fins de guerra. E os direitos autorais? Eles se perdem aí. Tudo isso demonstra que não se conhece profundamente toda a lógica da rede. Ninguém estuda isso. Se se estuda, é apenas uma aproximação muito superficial.

Outra tensão existente entre o discurso e a prática da Igreja Católica, sendo uma das principais questões que desafiam a instituição religiosa, diz respeito a questão dos sacramentos na internet.

No que diz respeito ao modo como recebemos os sacramentos, Pe. André Teles⁷⁴ explica que eles sempre têm que ser concedidos presencialmente.

Ou seja, existem sete sacramentos na igreja. Todos eles têm que entrar em contato por meio de uma simbologia, seja o óleo, a unção, a própria Eucaristia, que você oferece para a pessoa no momento da missa em que

⁷⁴ Entrevista concedida dia 08.01.13, em Belém do Pará, para dissertação.

you distributed the body of Christ. However, one of the things that perhaps are more discussible is the question of confession.

O fato é que a Igreja Católica insiste sempre no fato de que é impossível e antropológicamente errado considerar a realidade virtual “capaz” de substituir a experiência real, tangível e concreta da comunidade cristã visível e histórica, e o mesmo vale para os sacramentos e as celebrações litúrgicas. O documento *La Chiesa e internet* (2002), do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, foi bastante claro, como explica Spadaro (2012):

A realidade virtual não pode substituir a real presença de Cristo na Eucaristia, a realidade sacramental dos outros sacramentos e o culto assistido no seio de uma comunidade humana de carne e osso. Na internet não existem sacramentos. Mesmo as experiências religiosas que são possíveis ali pela graça de Deus são insuficientes, se separadas da interação do mundo real com os outros fiéis (n. 9). (*apud* SPADARO, 2012, p. 126-127).

Segundo Spadaro (2012), a declaração do Secretariado para a Liturgia dos bispos norte-americanos afirma que a celebração dos sacramentos exige a presença “física” e “geográfica”, a “presença da pessoa inteira em contato com a realidade (não simplesmente uma imagem ou uma ideia) da presença salvífica de Cristo”. Para Spadaro, as projeções eletrônicas “parecem carecer da capacidade de comunicar em nível de palavra, ação e percepção física naturais para aqueles que estão fisicamente presentes” e geram, portanto, uma “presença limitada”. Em resumo:

o evento litúrgico não é fruível de modo digitalizado, virtualizado: todo seu “escaneamento” (como um *scanner* que interpreta uma imagem em forma de pixels) resulta ineficaz. De fato, a liturgia “trabalha” sempre no corpo, organizando as esferas das emoções, da sensibilidade, da ação, de modo que tais esferas sejam a presença do sacro, do mistério de Cristo. (SPADARO, 2012, p. 133).

Aqui está em debate a questão da diferença entre realidade e informação. Ou seja, a realidade do evento litúrgico não é jamais redutível à informação que dela nós temos.

Por outro lado, é preciso acertar as contas com o fato de que as “máquinas de relações” vão se transformando de substitutas a extensões da sensibilidade, conforme explica Spadaro:

Os nossos sentidos biológicos não parecem mais adequados a se expandir na condição possível de relação que supera o ‘aqui e agora’. Sua expansão através das máquinas tende a assumir uma ‘normalidade’ pela qual, por exemplo, quando o celular está fora de área, tem-se a impressão de que uma forma importante de relação não seja mais possível e se observa um sentido de isolamento. Se a realidade

não pode ser reduzida à informação, continua verdadeiro que a informação permite certa forma de participação no evento. É preciso aprofundar esta participação no campo de ação litúrgico, que certamente é muito mais interativo e envolvente do que a pura fruição televisiva. (2012, p. 134-135).

Só que, sabemos, existem documentos da igreja que dizem que os sacramentos só podem ser realizados presencialmente. Mas, Pighin dispara:

Agora é assim. Mas ninguém está pensando, por exemplo, uma liturgia de uma missa para a televisão. O que eles fazem? Reproduzem uma missa celebrada na igreja. E isto eu mostrei na Itália, com artigos que escrevi, que desvirtua, porque o presidente não é mais o sacerdote, que é o celebrante. Quem é o presidente dessa liturgia é o diretor de imagens, porque ele escolhe as representações para colocar no ar. Então, há essa manipulação que desvirtua a liturgia.

Por fim, Pighin acredita que a era cultural da nossa sociedade está se transformando muito rápido. “E, se a comunidade eclesial não se preparar, ela vai se distanciando desse mundo cultural. É por isso que hoje se exige muito mais preparação do clero”, constata. Para ele, ademais, o sistema digital é numérico e, antigamente, o ponto de referência de uma religião era a igreja, a praça, sendo que todo mundo participava desse encontro. “Hoje em dia, não é mais o templo o ponto de referência. Eu sou o ponto de referência. Eu que vou atrás. Há alguns anos, era a estrutura igreja como referência, agora sou eu.”

Outro fator que gera controvérsias e conflito de opiniões por parte dos próprios componentes da instituição católica é a questão de haver ou não uma liturgia para a *web*. Para André Teles, não deveria haver esse tipo de liturgia. Ele diz que o que a igreja está fazendo agora, é justamente elaborando documentos mais precisos e mais claros, no que diz respeito ao modo como utilizar esses recursos na liturgia. No entanto, percebe-se que, na prática, ainda não encontramos esses documentos em lugar algum. Mas, ele frisa:

Como, por exemplo, hoje, utiliza-se o Datashow. Quer dizer, se está substituindo a folha de canto e projetando os cantos nas partes da missa, no Datashow, localizado na parede do altar. Já existem padres, hoje, por exemplo, que não utilizam tanto o breviário, que é o livro que os sacerdotes usam para fazer a leitura dos salmos durante o dia, e acabam o substituindo pelo Ipad, que já tem tudo lá. Além disso, são poucos, mas já têm padres que não usam mais o missal, que é o livro que o padre tem para poder ter todas

as fórmulas da missa. Agora, esses já possuem o Ipad, onde há todas as missas do dia; onde, ao invés de virar a página, ele passa o dedo.

Questionado a respeito do fato de existir problemas de ordem litúrgica, de um padre celebrar missa com um Ipad, por exemplo, Teles afirma:

Não, porque não influencia na essência. Quando uma coisa influencia na essência, aí sim há problemas. Por exemplo, o discurso que se faz sobre “é diferente fazer uma confissão pela Internet ou pessoalmente?”. É claro que sim, porque mexe na essência. Na essência do sacramento, você tem que estar presente diante do padre, para que o sacramento aconteça, em sua profundidade. Nesse caso, no que diz respeito a você ler o breviário, ou do livro ou do Ipad, não influencia na essência, mas na questão da forma, que é diferente.

Mas, a questão é bastante complexa, como ele mesmo admite:

Alguns sacramentos da igreja são um discurso. Você utilizar a mídia, hoje, e as redes sociais digitais para os sacramentos, ainda é muito discutível, porque influencia na essência deles. Vamos considerar aquele exemplo bem clássico e simples: o abraço do seu pai e da sua mãe não vai ser substituído com a imagem que você vê deles pela Internet. O mesmo discurso pode ser trazido para os sacramentos. Ainda hoje, mesmo com toda a explosão tecnológica das redes sociais digitais, essa essência dos sacramentos ainda não pode ser substituída pela virtualidade. Que é diferente de uma oração que você faz, onde você tem um meio, que é, por exemplo, um Ipad ou a Bíblia. Ou até mesmo um livro, que você pode comprar como um aplicativo, que não precisa tê-lo impresso, mas você tendo no Ipad, pode ler tranquilamente. Quero dizer: a leitura e a mensagem não vão ser influenciadas se você utilizar o livro como página, como mensagem, no Ipad.

Porém, Spadaro (2012) analisa a questão de maneira diferente. Segundo ele, a liturgia tende ainda a pensar a página sacra como um ícone. Ele diz:

A página do Evangelho, mesmo não sendo mais ricamente iluminada como antigamente, permanece parte integrante da ação ritual da comunidade cristã. Não é imaginável, cá entre nós, que se leve um *Ipad* ou um computador na procissão. Não

é imaginável que numa liturgia um monitor seja solenemente beijado e incensado. ‘Para o monge o livro é um objeto sacro que durante a liturgia se circula com grande solenidade, se glorifica com o incenso, se ilumina com um círio especial e do qual se beijam as letras capitulares em iluminuras antes e depois da leitura da passagem assinalada por tais imagens.’ (p. 143).

Já o padre Cláudio Pighin diz não saber exatamente se deveria de fato existir uma liturgia apropriada para a internet, “mas tem que estudar”, adverte. “Agora, tem que unir as várias disciplinas para tentar achar uma resposta: teólogo, litúrgico, comunicólogo, linguista e tudo o mais para poder, realmente, pensar, porque não estão pensando ainda que as últimas gerações não vão entender mais nada.” Segundo ele, elas entendem só este tipo de linguagem, a virtual. “Elas não entendem mais a nossa linguagem. Quer dizer, há evasão dos jovens da missa, da igreja. Tem só aqueles que são dos movimentos, mas, em geral, a maioria dos jovens acredita que é chatice ir assistir uma missa”, conta.

No fundo, Pighin acredita que deveria existir uma liturgia específica para a internet, pois, afirma:

não pensamos em uma liturgia para os diversos meios de comunicação, como a televisão, o rádio, a Internet etc. E há 25 anos digo isso: que nós precisamos estudar juntos as várias disciplinas para poder tentar estruturar uma liturgia apropriada a outros meios, que não pode ser a mesma, porque a liturgia que existe foi pensada para um determinado tipo de celebração. Não posso colocar, por exemplo, essa estrutura litúrgica depois para o mundo digital. Não tem nada a ver. Tem outro sentido. Eu não sou drástico. Creio que se pode fazer, só que tem que se preparar. Até hoje não encontramos uma resposta.

Spadaro (2012) indaga se a liturgia na rede é um evento litúrgico ou se, ao contrário, é uma “reprodução tecnológica” do próprio evento. “Se o exemplo da diferença entre um quadro e uma gravura não fosse suficiente, poderíamos também nos perguntar: se escutar num CD uma sinfonia no sofá de casa com um aparelho muito sofisticado de alta fidelidade de gravação, poderia dizer que tinha ‘participado daquele concerto’?.” (2012, p. 132).

Tais análises acima do padre jesuíta lembram as de Walter Benjamin quando trata da obra de arte e sua reprodução⁷⁵, ao frisar que “mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que

⁷⁵ A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica é um famoso e histórico texto de Benjamin, publicado oficialmente apenas em 1955.

ela se encontra”. (1994, p. 167). Para o autor, é nessa experiência única, e somente nela, que se desdobra a história da obra.

Logo, quando Spadaro (2012) cita o concerto, lembramos de Benjamin (1994), quando este afirma que o coro, executado numa sala ou ao ar livre, pode ser ouvido num quarto. Para o referido autor, mesmo que essas novas circunstâncias deixem intacto o conteúdo da obra de arte, elas desvalorizam, de qualquer modo, o seu aqui e agora. Embora esse fenômeno não seja exclusivo da obra de arte, ele a afeta em um núcleo especialmente sensível que não existe num objeto da natureza: sua autenticidade. Benjamin explica:

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquivava do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só esse testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele é a autoridade da coisa, seu peso tradicional. (1994, p. 168).

Para Benjamin, o conceito de aura permite resumir essas características:

o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. Eles se relacionam intimamente com os movimentos de massa, em nossos dias. Seu agente mais poderoso é o cinema. (1994, p. 168-169).

Então, com estas análises, relacionando-as à Igreja Católica, poderíamos sugerir que, quando uma pessoa deixa de ir a uma missa na igreja, receber uma bênção presencialmente ou de acender uma vela na capela, ela estaria, na avaliação de Benjamin, atrofiando a sua aura, pois a reprodutibilidade técnica, seja do rádio, da televisão (quando uma pessoa está assistindo uma missa) ou a mais nova delas, a internet, estaria eliminando a sua autenticidade e o seu aqui e agora, do momento presencial.

Ainda é importante perceber que, Walter Benjamin, já em 1936, quando escreveu *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, já oferecia indícios de uma iniciante midiaticização, quando o autor afirma que a diferença essencial entre autor e público está a ponto de desaparecer. (1994). Para Benjamin, ela se transforma numa diferença funcional e contingente. “A cada instante, o leitor está pronto a converter-se num escritor. Num processo de trabalho cada vez mais especializado, cada indivíduo se torna bem ou mal um perito em

algum setor, mesmo que seja num pequeno comércio, e como tal pode ter acesso à condição de autor.” (Idem).

De toda forma, dentro do tema Igreja Católica & internet, percebe-se como a instituição religiosa, não perdendo a sua essência, está tentando se adaptar a esta realidade de redes sociais digitais e de *web*, indagando: até onde a essência permanece e até onde ela pode, quem sabe, ser influenciada? Para André Teles, aí já são os riscos que se pode correr, porque...

teoricamente, a forma não influencia na essência, mas, quando isso acontece, ocorre um erro, que não está ligado à igreja mais. Já é subjetivo, que é a questão dos padres que descem com o Santíssimo, ou algumas outras práticas que se fazem que, infelizmente, até vemos na televisão que, na essência, sabemos, não deveria ser daquela forma.

Essa relação forma X essência na igreja vai sempre existir. Para Teles, é ela que vai ser o critério para você saber o que precisa ser adaptado ou não àquilo que se vive naquela realidade. Ele frisa:

Do ponto de vista dos sacramentos, a essência sempre é a presença. Você deve receber os sacramentos sempre estando presente. Não pode receber distante. Não pode receber o perdão dos pecados distante. Não pode comungar distante. Não pode fazer uma transubstanciação, ou seja, não pode transformar o Pão e o Vinho da Eucaristia, à distância. Tem que haver o momento presencial.

Existem outras coisas que, na igreja, não tocando na essência, mas dependendo da forma, esta última pode ajudar ainda mais na essência. Segundo Teles, essa é a questão da liturgia. Ele exemplifica:

os padres que utilizam o Ipad como breviário, como subsídio para oração. Isto se pode encontrar também no impresso, em um livro, ou algo do tipo. Porém, o livro e o Ipad não vão substituir o conteúdo e a essência que estão tanto em um dispositivo como em outro. Há o choque de gerações? Há. Mas, se um padre está utilizando a forma de acordo como é a forma canônica, que tem que ser feita, não mudando nada, não influencia na essência. Mas, é claro, com o tempo que vamos nos adaptando. Quem sabe, um dia, já não

vai ser estranho para nós vermos o Ipad substituir o missal ou o breviário e assim por diante, devido a mudança de gerações.

Nesse ponto de vista, para Teles, a igreja, então, por meio de documentos, tem que ser mais precisa no modo de como direcionar isso. Ele afirma: “Por enquanto, não existe uma voz oficial da igreja, dizendo assim: ‘Você pode ou não pode usar’.”

Percebe-se que há uma ausência de exatidão por parte da Igreja Católica Apostólica Romana, com relação a documentos mais precisos sobre esta nova modalidade de comunicação – a digital.

Toda essa questão nos leva a refletir a respeito de uma nova alfabetização, uma alfabetização digital. Mas, quem está ensinando uma alfabetização virtual? Segundo Pighin, ninguém. Para ele, “existe. Como há um alfabeto para a escrita, deve ter também um alfabeto para essa linguagem virtual. Somos profundamente ignorantes nisso. Somos analfabetos digitais, da televisão, do rádio, digitais pior ainda...”.

Outro fator que gera polêmicas é a confissão e de que maneira ela pode ser efetivada. Para o sacerdote André Teles, a grande confusão que se faz hoje é que, muitas vezes, as pessoas confundem o sacramento da reconciliação, ou chamado de confissão, que é o termo mais conhecido, com aconselhamento. São duas coisas distintas e que isso para a igreja é muito claro.

Padre Cláudio Pighin, por sua vez, ao ser indagado a respeito de como avalia a confissão pela internet, comenta:

Como garantir a segurança, visto que está tudo exposto? Para se ter uma ideia, conseguiram ter acesso até nos arquivos secretos. Agora, se pode eventualmente estudar maneiras para viabilizar como preparar esse tipo de confissão. Mas, não vejo reflexões a respeito.

O sacramento da reconciliação é, segundo Teles, o momento em que os fiéis são conscientes do pecado que cometeram, tendo o pecado uma dimensão comunitária.

Ou seja, quando eu peço, por mais que só eu saiba qual foi o meu pecado, espiritualmente sou ligado à igreja pelo batismo. Portanto, em qualquer lugar do mundo que eu for, se me digo católico, sou recebido como tal e entendem que eu sou um católico. Isso então me faz ter uma ligação espiritual. E tendo essa ligação espiritual, quando eu peço, por mais que seja um pecado pessoal e que só eu saiba, eu também levei toda a igreja

comigo. Fiz com que a comunidade eclesial, a assembleia, pecasse comigo. Então, o sacramento da reconciliação ou a confissão, é justamente esse momento em que eu, com o meu pecado, peço perdão àquele que é o representante, no caso, o sacerdote, que é a mediação entre a divindade e a humanidade, e a partir daí recebo esse perdão em nome de Deus. A partir do momento em que eu recebo esse perdão de Deus, eu me reconcilio com toda a igreja. Isso tudo tem fundamento teológico. Para que eu receba esse perdão, faz-se necessário que eu esteja, para recebê-lo, pessoalmente. Ou seja, o padre impõe as mãos e tem todo um critério de rito para que você possa receber aquele sacramento.

Para André Teles, o sacramento da reconciliação consiste no fato de que o fiel se arrepende dos seus pecados, faz o exame de consciência, procura um sacerdote, acusa esses pecados, e depois, então, recebe o perdão. Basta.

O sacerdote enfatiza:

Outra coisa é o aconselhamento. Fiz toda essa explicação para justamente demonstrar onde está a confusão. Quando há o aconselhamento, em que uma pessoa procura um padre, não existe um critério estabelecido pela igreja específico no que diz respeito a ele, porque pode ser dado, justamente, pessoalmente, quando a pessoa procura um sacerdote, como se fazia, aliás, muito antes dos e-mails e das redes sociais. Então, o aconselhamento no catolicismo é justamente isso: é quando o padre, ou de uma maneira pessoal ou à distância, pode aconselhar alguém.

Segundo Teles, a igreja não proporciona sacramentos nas redes sociais digitais. “Mas, oferece aconselhamentos, isso sim.” Para ele, uma pessoa que à distância precisa de alguma coisa, uma dúvida, um conselho, o padre oferece aquele aconselhamento. “Agora, no que diz respeito aos sacramentos, ainda não existe na igreja algo que possa substituí-los de uma forma à distância, por exemplo.”

Existem muitos outros aspectos. Porém, são detalhes. Teles exemplifica:

Por exemplo, hoje já se fala de uma bênção que pode ser concedida, seguindo alguns critérios, por meio de mensagens radiofônicas ou televisivas. Mas, isso requer alguns critérios. Exemplificando: pessoas impossibilitadas, enfermas, podem, dessa maneira, participar ou terem aquela presença, naquele momento, ali e, então, já se concede essa bênção.

Porém, sempre com critérios claros que a igreja explica antes. Ela, sempre quando faz alguma coisa, tem o cuidado de explicar antes aquilo que faz. Essa questão das bênçãos tem todos os critérios. Porém, não são substituições. Não substitui a presença.

Eu, por exemplo, posso ir para a missa no domingo, mas acordei indisposto e vou assistir a missa pela televisão. Esse ato não substitui o preceito dominical de você ir para a missa. Mas, é diferente daquele que está impossibilitado que, por exemplo, não pode se locomover ou enfermo, que não pode sair de casa por recomendações médicas, etc. Nesses casos, a igreja oferece a possibilidade dessa pessoa, acompanhando a missa pela televisão e recebendo o sacramento da eucaristia por um ministro, cumprir o preceito dominical.

3.1.3 Há o surgimento de uma religiosidade - virtual?

Uma das maiores controvérsias entre os membros da própria instituição católica é o fato de estar existindo – ou não – uma religiosidade, originária da internet. Spadaro (2012) acredita que “o fato de que tenham nascido na rede algumas formas de religiosidade virtual é o epifenômeno de uma transformação complexa e ampla na compreensão do sagrado” (p.38). Apesar de o autor não exemplificar que formas de religiosidade virtuais são essas, ele demonstra, de fato, que acredita existir essa nova “modalidade” de religiosidade na contemporaneidade, uma religiosidade virtual.

Pe. André Teles, por sua vez, acredita que a maneira como as pessoas de outrora manifestavam o seu modo de fé, de ser religioso, está sendo igual a forma de manifestação de hoje.

Do ponto de vista justamente da essência da identidade religiosa, é sempre a mesma coisa. O que considero que esteja acontecendo com essa nova realidade tecnológica é a intensidade, que é maior, em relação à sua espiritualidade religiosa, porque, antes, não existindo esses meios, tinham os devocionários, a Sagrada Escritura, a Bíblia e a missa. Hoje, por exemplo, se eu sinto que preciso ler um livro ou de alguma outra coisa que possa me ajudar na minha religiosidade, então, posso ter acesso à internet e favorecer ainda mais aquela minha espiritualidade para que ela possa se tornar mais intensa.

É nesse ponto de vista que eu considero que há, não uma nova religiosidade, mas uma intensidade maior no que diz respeito à sua espiritualidade e à sua religiosidade.

Para o Pe. Cláudio Pighin, a internet pode condicionar a maneira de se expressar. Ele diz:

O que é a religião? É o ser humano que tenta se unir com Deus. Então, a maneira de se expressar hoje é diferente e isso vai se manifestar na religiosidade. Agora, atenção: religiosidade é uma coisa; religião é outra e o credo é outra ainda. Um pode demonstrar a religiosidade e ao mesmo tempo não acreditar e não participar ativamente dentro da igreja. Eu posso ser religioso, por exemplo, e não frequentar a missa. Mas, tenho uma espiritualidade. Posso até concordar com a outra pessoa, mas depois faço aquilo que eu quero. E isso é típico da cultura digital.

Já o Pe. Ari Antônio da Silva⁷⁶ acredita que não esteja surgindo uma nova religiosidade, originária da internet.

Diria que o que está surgindo é uma atualização da forma de evangelizar. Se eu evangelizava até pouco tempo apenas via igreja, hoje eu saio pela praça e de outras formas, pelos telhados, como Jesus dizia. E os telhados são a Internet, a televisão, o rádio. Eu, por exemplo, dou bênçãos via telefone. Se nós temos os meios de comunicação, por que não usá-los? É válido? É claro que é.

Para o sacerdote Ari, uma pessoa que acende a vela virtualmente está apenas utilizando uma tecnologia nova. Para ele, todas as mediações têm o mesmo significado e a única coisa que não pode mudar é a essência da fé. E enfatiza:

Não há um novo modo de ser religioso, originário da Internet. A Igreja continua igual. Só as formas de a gente transmitir isso alteram, porque isso

⁷⁶ Entrevista concedida em junho de 2012, em Nova Petrópolis/RS, para dissertação. Pe. Ari Antônio da Silva é doutor em filosofia pela Universidade de Salamanca, a mais antiga da Espanha, escreve para um jornal e é autor de diversos livros religiosos. Ficou conhecido nacionalmente por, em junho de 2012, ter concedido entrevista ao G1, intitulada: “Padre abençoa fiéis pelo Facebook em Nova Petrópolis, no RS”, disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/06/padre-abencoa-fieis-pelo-facebook-em-nova-petropolis-no-rs.html>.

é secundário. O que não pode mexer é na essência teológica da fé. Isso não. E nisso sou muito firme.

Pelos relatos dos padres acima, percebe-se as tensões ainda em curso dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, com relação ao que de fato está ocorrendo com a religião e a religiosidade na era digital, bem como se há ou não uma religiosidade virtual.

3.1.4 Utilização pelos padres

Para a Igreja Católica, pelo que percebemos, estar inserida no mundo digital não é mais uma novidade. Porém, resta ainda saber como estão ocorrendo as utilizações e atualizações de seus membros nessas redes.

Para o Pe. Cláudio Pighin, “os padres estão utilizando essas mídias digitais mais por curiosidade, até por bons interesses, boa vontade, mas creio que eles não sabem ainda o que é realmente tudo isso; eles não têm ideia das consequências que isso pode ter”.

Tais falas de Pighin remetem às de Spadaro, quando este diz que, já na *Redemptoris missio* – ou seja, em 1990, um ano antes da “invenção” da web e três antes de seu efetivo e amplo uso – líamos que o empenho nas chamadas mídias (2012, p. 23):

[...] não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque a própria evangelização da cultura moderna depende em grande parte da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-las para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’ criada pelas modernas comunicações. É um problema complexo porque esta cultura nasce menos dos conteúdos do que do próprio fato de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas e novas atitudes psicológicas. (n. 37 *apud* SPADARO, 2012, p. 23).

Percebe-se, no entanto, que, como avalia Pighin, na prática não funciona desta maneira e a igreja ainda está caminhando lentamente para tentar, de fato, integrar a comunidade cristã nesta “nova cultura”, criada pelas comunicações digitais.

Pe. André Teles, por sua vez, diz que publica, de vez em quando, algumas mensagens no Facebook e já ouviu vários fiéis virem lhe dizer: “Padre, as suas mensagens são muito boas. Eu gosto delas quando o senhor coloca”. E comenta:

Ou seja, a gente percebe também a força evangelizadora que tem hoje as redes sociais. Muito mais do que ‘exorcizá-las’, a igreja já é consciente de que as redes sociais são uma espécie de faca de dois gumes. Ou seja, você pode utilizá-las para o bem mas também para o mal. Por isso que a

instituição católica insiste muito na questão da formação de como utilizar a rede hoje. Não mais dizer assim: elas não têm alguma coisa que possa ser útil. Pelo contrário. Agora, o discurso é: saiba utilizá-las de uma maneira cristã.

Como avalia Riccieri, a nova cultura da comunicação exige novas categorias mentais e novas linguagens, que demandam a posse de novas competências. “Como afirmado por Lévy ‘o ciberespaço poderá tornar-se um local de exploração de problemas, de discussão pluralista, de focalização de processos complexos, de decisões coletivas e de avaliações de resultados’.” (2012, p. 64).

Outrossim, com relação à tecnologia, uma coisa é fato: ela acaba tornando-se cada vez mais presente no cotidiano das pessoas em todas as áreas da atividade humana. A religiosidade, mesmo com a histórica tendência ao conservadorismo, não escapa dessa realidade. Nesse novo tempo pós-moderno, segundo Burity⁷⁷ (2010), cada vez mais a tecnologia é utilizada pelas religiões para se comunicar com os seus fiéis.

Riccieri (2012), citando Francesco Botturi, diz que este afirma que “a tecnologia só limitadamente é *meio* à disposição do homem segundo seus fins objetivos e revogáveis; ela é, todavia, mais um *ambiente* que precede e excede o sujeito e suas intenções” e que modifica necessariamente sua existência.

Já em 1991, de acordo ainda com Riccieri (2012), com especial antecedência, Carlo Maria Martini escrevia na carta pastoral *II lembo del mantello [A orla do manto]*:

As mídias não são mais uma tela que se olha, uma rádio que se escuta. São uma atmosfera, um ambiente no qual estamos imersos, que nos envolve e nos penetra de todos os lados. Estamos nesse mundo de sons, de imagens, de cores, de impulsos e de vibrações como um ser primitivo estava imerso na floresta, como um peixe na água. É o nosso ambiente, as mídias são um novo modo de estar vivo. (*apud* Riccieri, 2012, p. 68).

Segundo Riccieri (2012, p. 65), “para a nova evangelização, diversamente dos tempos apostólicos, hoje é premente recorrer ao uso das mídias porque a comunicação social já se tornou a verdadeira e própria cultura dominante deste nosso tempo”.

A autora (2012) frisa que a carta apostólica *O Rápido Desenvolvimento*, dirigida aos responsáveis pelas comunicações sociais ... se preocupa em conhecer as novas linguagens e os novos instrumentos mediante “formação e atenção pastoral aos profissionais da comunicação”. Para Riccieri, com perspicácia, ela admite que:

⁷⁷ Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/14.shtml>.

Os meios de comunicação social alcançaram tal importância que se tornaram para muitos o principal instrumento de guia e de inspiração para os comportamentos individuais, familiares e sociais. Trata-se de um problema complexo, visto que esta cultura nasce, ainda antes do que dos conteúdos, do próprio fato que existem novos modos de comunicar com técnicas e linguagens inéditas. (*apud* Ricciari, 2012, p. 66-67).

4 DAS APROXIMAÇÕES AO OBJETO EMPÍRICO

Feitas as reflexões teóricas importantes para a compreensão da pesquisa e ao serem analisadas as divergências entre os membros da comunidade católica com relação à igreja e ao mundo digital, partiremos para a descrição e análise de nossos observáveis.

A hipótese deste trabalho propõe que, com as redes de relacionamento do Círio, a maior procissão religiosa do Brasil sofre alterações devido ao surgimento e fortalecimento, a cada ano que passa, dos dispositivos digitais móveis. Estes acompanham a procissão juntamente com os romeiros. Isso se deve ao fato de que, muitos fiéis que acompanham a procissão, não mais estão ligados apenas na mesma, rezando, agradecendo, cantando e louvando durante a caminhada religiosa, como há muitos anos acontecia. Agora, estes mesmos fiéis estão fazendo tudo isto e muito mais, com seus celulares, com câmeras; *Ipads*, tablets etc. Com isto, eles têm a possibilidade de enviar fotos, vídeos, declarações, novidades, flagras e muito mais para quem quiserem, inclusive para a mídia.

4.1 No mês de outubro, em Belém do Pará...

Ao abordarmos nesta pesquisa a relação do Círio de Nossa Senhora de Nazaré com as redes de relacionamento e o que muda a partir do momento em que os internautas passam a se expor na rede, dizerem o que pensam e sentem, não se pode deixar de realizar uma breve contextualização histórica da maior procissão católica do Brasil e considerado um dos maiores eventos católicos do mundo, que reúne cerca de seis milhões de pessoas em todos os cultos e procissões.

Um pouco de história

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. A imagem original da Virgem pertencia ao Mosteiro de Caulina, na Espanha, e teria saído da cidade de Nazaré, em Israel, no ano de 361, tendo sido esculpida por São José. Em decorrência de uma batalha, a imagem foi levada para Portugal, onde, por muito tempo, ficou escondida no Pico de São Bartolomeu. Só em 1119, a imagem foi encontrada. A notícia se espalhou e muita gente começou a venerar a Santa. Desde então, muitos milagres foram atribuídos a ela⁹⁷.

Em Portugal, o Círio é celebrado no dia 8 de Setembro na vila da Nazaré. Na cidade de Belém do Pará, ocorre desde 1793, anualmente, no segundo domingo de outubro. Segundo Fausto Neto (2001), em 1997, o Círio foi pela primeira vez transmitido por satélite, “o que

⁹⁷ Disponível em: <http://www.ciriodenazare.com.br/index.php/2012-06-17-02-17-02/historico>.

teoricamente permitiu captação de imagens em todo o mundo. No mesmo ano, começou a ser transmitido pela internet, pela TV Liberal, com possibilidade de até dez mil acessos simultâneos”. (p. 5-6).

A descoberta/revelação da (imagem da) Santa em 1700⁹⁸; o modo apoteótico de demonstração de milagres na criação/adoção dos carros em 1805; a exposição da veneração por parte do poder político por carros apoteóticos em 1826; a santificação oficial do evento em 1845; a condução da Santa por carro puxado por número indeterminado de pessoas, pela invenção articulada da Berlinda e da Corda, ambos em 1855. Estes eventos fundam os elementos que estruturam atualmente a procissão do Círio de Nazaré⁹⁹.

Em 1700, a própria Santa estabelece seu lugar, o ponto para onde, se removida, sempre retornará; um pouco menos de um século depois, em 1793, fará sua primeira viagem, sagrará seu primeiro roteiro – o caminho entre sua morada e as moradas do poder político (1793) e eclesiástico (1882) do Grão Pará – vizinhos no centro da povoação de Santa Maria de Belém. Este foi o espaço do Círio por quase dois séculos, quando então, em 1972, se criaram as peregrinações. Em 1881, foi criada a procissão da festa e, em 1986, se iniciaram, com a Romaria Fluvial, as romarias especiais¹⁰⁰.

No Pará, segundo o mito fundador do Círio, foi o caboclo Plácido José de Souza quem encontrou, em 1700, às margens do igarapé Murutucú (onde hoje se encontra a Basílica Santuário), uma pequena imagem da Senhora de Nazaré. Após o achado, Plácido teria levado a imagem para a sua choupana e, no outro dia, ela não estaria mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a “Santinha”. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela.

Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. Organizado pelo presidente da Província do Pará, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. No início, não havia data fixa para o Círio, que poderia ocorrer nos meses de setembro, outubro ou novembro. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de outubro.

⁹⁸ A imagem da Santa é substituída, desde final dos anos sessenta do século passado, por uma outra imagem designada Imagem Peregrina. Desde então, a imagem original não sai da Basílica. Criou-se, todavia, uma cerimônia em que ela desce do altar principal, o altar Glória, para ficar por toda a quinzena de celebrações do Círio, no Presbitério da Basílica, mais perto do povo.

⁹⁹ Disponível em: <http://migre.me/dH7Rg>.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://migre.me/dH7VL>.

Tradicionalmente, a imagem é levada da Catedral de Belém à Basílica Santuário. Ao longo dos anos, houve adaptações. Uma delas ocorreu em 1853, quando, por conta de uma chuva torrencial, a procissão – que ocorria à tarde – passou a ser realizada pela manhã.

No segundo domingo de outubro, a procissão sai da Catedral de Belém e segue até a Praça Santuário de Nazaré, onde a imagem da Virgem fica exposta para veneração dos fiéis durante 15 dias. O percurso é de 3,6 quilômetros e já chegou a ser percorrido em nove horas e quinze minutos, como ocorreu no ano de 2004, no mais longo Círio de toda a história¹⁰¹.

Por sua grandiosidade, o Círio de Belém foi registrado, em setembro de 2004, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), como patrimônio cultural de natureza imaterial. Mérito conquistado não só pela Imagem de Nossa Senhora de Nazaré, mas também pelo simbolismo da corda do Círio, que todos os anos é disputada pelos promesseiros que enchem as ruas de Belém de fé e emoção; dos carros de promessas, que carregam as graças atendidas pela Virgem; dos mantos de Nossa Senhora, que a deixam ainda mais bonita; da Berlinda, que se destaca na multidão carregando a pequena Imagem tão adorada; e do hino "Vós sois o Lírio Mimoso", canção que embala os milhares de corações que acompanham o Círio.

Após a grande procissão, a imagem da Virgem fica exposta no altar da Praça Santuário para visita dos fiéis durante 15 dias, período chamado de quadra nazarena.

As peregrinações

A peregrinações são idealizadas como metodologia de evangelização e catequese baseada nas comunidades e nos lares. Como parte da preparação para o Círio, réplicas da imagem da Santa são transferidas de casa em casa, ensejando a oportunidade de orações e reflexões em torno de temas renovados a cada ano. Objetivamente, a inovação: a) leva ao espaço privado as oportunidades do Círio que até então só se realizavam em espaços públicos e; b) rompe com o roteiro único, dando mobilidade aos símbolos em consequência do atributo de mobilidade agora representado na Imagem Peregrina da Santa que, com isso, torna-se capaz de ir onde o povo está.

Com isso, abrem-se caminhos para as romarias especiais, iniciadas com a Romaria Fluvial, em 1986, orientadas a públicos particulares e cumprindo roteiros próprios, tendencialmente de abrangência crescente. Hoje, são sete essas procissões. Ademais, a Imagem Peregrina empreende longos trajetos para o exterior e aprofunda viagens interiores. No primeiro esforço, capitais e grandes cidades do País são visitadas nos anos de 1991, 1992

¹⁰¹ Informações disponíveis em: <http://www.ciriodenazare.com.br/index.php/2012-06-17-02-17-02/historico>.

e 1993, como parte das comemorações dos 200 anos do Círio de Nazaré; no segundo, a peregrinação se aprofunda no espaço privado, alcançando, desde 2003, instituições e empresas¹⁰².

A Berlinda

A Berlinda é um dos maiores ícones da festa católica. Ela foi introduzida no Círio em 1855, e era puxada por animais. Nos moldes dos carros europeus, fora adaptado para levar a imagem, mas no colo de alguém. Só em 1880, o Bispo Dom Macedo Costa mandou preparar uma nova, que levasse a imagem sozinha. Foi conservada a parte de Berlinda (rodas e hastes), mas, no alto, uma maquina¹⁰³ de cristal fechada, ornamentada de flores e brocados, com a imagem no centro.

Em 1925, a Berlinda foi retirada e, em seu lugar, criado um andor. E assim saiu até o Círio de 1930, em hastes nos ombros dos devotos, ou seja, deixou de ser Berlinda em cinco Círios seguidos. Em 1931, voltou a ser Berlinda, com seus rodados. Em 1963, a Berlinda de madeira, que já era a terceira, foi substituída por uma de ferro e cristal. O grande valor dela é ser um dos belos recantos de Nossa Senhora.

Figura 1- Berlinda de Nossa Senhora de Nazaré



Fonte: <http://blogdoespacoaberto.blogspot.com.br/2009/10/trasladacao-2009-ave-ave-o-senhora-da.html>.

¹⁰² Disponível em: <http://migre.me/dH7ZP>.

¹⁰³ Maquina quer dizer oratório envidraçado.

A Berlinda que arrasta a multidão pelas ruas é como se fosse um porto seguro para os romeiros, que concentrados em seu sacrifício e sem visibilidade em meio a tanta gente, são guiados apenas pelo desejo de estar o mais perto possível da imagem. A Berlinda é decorada com rosas, lírios, orquídeas, e outras, com a predominância das cores branca e amarela. Para compor tanta beleza, o Manto usado por Nossa Senhora de Nazaré é confeccionado com pedras preciosas, muitas vezes ouro, material doado por algum promesseiro.

Uma vez que a procissão se fazia sempre coincidir no período do dia em que as chuvas caíam, a Berlinda, sendo o veículo que conduz a imagem da Virgem, caiu num atoleiro, impedindo a sua condução e obrigando os presentes a utilizarem uma corda de embarcação para puxar a Berlinda para fora do atoleiro, e restabelecendo assim o fluxo da procissão.

Incorporada oficialmente ao ritual em 1885, através de simbolizações definidas pelos próprios postulados de racionalidade da fé popular, a introdução desta providência que vira, na sequência, um símbolo específico, não tendo sido uma decisão oriunda da esfera institucional religiosa, gera na década de 1920 uma reação de um antigo bispo que, unilateralmente, decreta o fim da corda, sob alegativa de 'por ordem na procissão'. Esta medida valeu protesto, e precisou, portanto, da intervenção do poder político para que a Igreja cedesse à presença do 'poder popular' autorizando, dessa forma, o restabelecimento da corda ao acontecimento. (FAUSTO NETO, 2001, p. 4-5).

A Corda

A corda utilizada na procissão do Círio de Nazaré é de sisal retorcido oleado, que pesa uma tonelada e tem 350 metros, é o elo de ligação entre os fiéis, em uma demonstração de devoção quase inacreditável.

Figura 2 – Corda do Círio de Nazaré



Fonte: http://doodor.com.br/buscando_img_foto.asp?codigo=390.

Há seis anos a corda dos promesseiros era estendida no início da Avenida Boulevard Castilhos França, onde era atrelada à Berlinda de Nossa Senhora de Nazaré. Na opinião de alguns devotos, o atrelamento da Berlinda na corda representaria o terço em volta do pescoço da Santa, já que tem o formato de uma seta.

Segundo os devotos, os milagres são muitos, desde a aquisição da casa própria, a cura de uma doença, até a vida de uma criança salva, sem explicações médicas, segundo relatos de centenas de mães que todos os anos levam seus filhos vestidos de anjos, em um dos inúmeros carros e barcas especiais da procissão: Carro do Caboclo Plácido, do Anjo Custódio, do Anjo Protetor da Cidade, dos Milagres de Dom Fuás Roupinho, Brigue São João Batista e o carro da Santíssima Trindade.

A corda é o elemento mais importante depois da Berlinda, que carrega a Santa, pois representa a ligação entre o homem e o sagrado, sem muita mediação: é o corpo oferecido em sacrifício em busca do êxtase.

Aproximadamente 15 dias antes, no sábado e, principalmente, no domingo do Círio, os romeiros devotos da Santa chegam de todos os lugares. Muitos são de outros países e estados, mas o caminho que trilham levam a um só lugar no domingo: a Igreja da Sé, no bairro da Cidade Velha, onde começou a fundação de Belém, em 1616. Na Sé, centenas de fiéis

assistem à missa que antecede a grande romaria. Muitos aguardam na frente da Catedral para garantir um lugar à Corda dos promesseiros. Do momento que inicia a procissão até a chegada da Berlinda à Basílica de Nazaré, a multidão, que faz o percurso de 4,5 quilômetros pelas principais ruas do centro da cidade, chega a 1,8 milhões de pessoas. São cerca de 6 a 8 horas de procissão, em uma temperatura média de 33°C.

Brinquedos de Miriti

O Círio de Nazaré não é só uma manifestação de fé do povo paraense. As muitas tradições populares do Pará também encontram nele oportunidade de se exprimirem. É o caso dos brinquedos de Miriti, feitos com extrema delicadeza, por artistas primitivos, do caule da palmeira Miriti. Vendidos nas ruas durante os dias de festa, há muitas gerações eles fazem o encanto das crianças paraenses com seu mundo mágico que recria, em miniatura, a fauna e a flora da Amazônia.

Figura 3 - Brinquedos de Miriti



Fonte: <http://meadmiremiriti.musicblog.com.br/2501/Brinquedos-de-Miriti/>.

O Almoço do Círio

Outro grande momento de emoção e do qual muitas pessoas – religiosas ou não – aguardam, é o almoço do Círio, com a presença das mais diversas comidas típicas do Pará.

Quando encerra a procissão do Círio, as famílias paraenses, as centenas de milhares de pessoas que lotavam as ruas de Belém, voltam às suas casas, para confraternizar em torno das mesas, onde são servidas iguarias típicas da terra paraense. É dia de muita festa, de matar as saudades, de rever os parentes e amigos distantes, que chegam a vir de muito longe, para esse

grande reencontro e para saborear um gostoso pato no tucupi ou vatapá, presenças obrigatórias em todas as mesas no tradicional Almoço do Círio.

Figura 4 - O Almoço do Círio



Fonte: <http://dicasdebocas.blogspot.com.br/2012/10/almoco-do-cirio.html>.

Além disso, não falta na mesa do paraense a “Maniçoba”, um dos mais condimentados pratos da Amazônia, talvez o mais indígena de todos. Maniva (folha de mandioca-brava), cozida por sete dias, toucinho, pé, orelha e língua de porco salgados, paio, chouriço, linguiça, charque, entre outros. E seu preparo, como já citado, dura vários dias. Servida com arroz branco, farinha de mandioca e pimenta-de-cheiro, a maniçoba tem aroma e sabor irresistíveis.

Há ainda o tucupi. Sua preparação leva pimenta-de-cheiro, camarão, goma da tapioca (também derivada da mandioca) e jambu, folha originária da Amazônia, que provoca uma suave dormência nos lábios. As cores e o aroma do tacacá, que só deve ser servido em cuias pretas, pintadas artesanalmente, dão ao prato (alguns preferem chamar de sopa) uma característica única.

Outros Círios

Vale lembrar ainda que o Círio de Nazaré não se resume apenas ao segundo domingo de outubro. No interior do Pará, antes ou depois do mês de outubro, diversos municípios exaltam os santos que consideram como os protetores das cidades. Há também Círio das Crianças, dos Idosos, dos Casais, dos Estudantes, Procissão rodoviária, Trasladação¹⁰⁴ e o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que encerra os festejos nazarenos com grande participação comunitária.

A Trasladação

Segundo Alves (2012), o trajeto da Trasladação e do Círio é mais ou menos o mesmo desde suas origens. A primeira conduz a imagem da capela do Colégio Gentil Bittencourt, vizinho à Basílica, para a Catedral, no bairro da Cidade Velha, o primeiro de Belém. O segundo faz o caminho inverso, depositando a imagem no altar da Praça Santuário, onde ela permanece durante a quinzena. Mas se este é o espaço físico da peregrinação principal e exibição da Santa aos fiéis, a festa se espalha como que simbolicamente pela cidade, onde fachadas de casas e estabelecimentos comerciais ostentam, aqui e ali, os cartazes oficiais com a imagem da Santa, anunciando o tempo do Círio.

Recírio

O Recírio é o último momento do Círio de Nazaré. É quando os paraenses se despedem de sua padroeira, na segunda-feira, 15 dias após a grande procissão do segundo domingo de outubro. Nesse dia, a cidade para. O sentimento é de saudade. É o fim do encontro entre Mãe e Filho. Pela manhã, quando é realizada a procissão, nada funciona em Belém. O comércio fecha as portas e nas repartições públicas, o ponto é facultativo. A procissão do Recírio é triste. As lágrimas na face dos fiéis simbolizam o adeus a Nossa Senhora.

Nas mãos dos romeiros, a maioria idosos, os lenços brancos saúdam a passagem da Virgem pelas principais ruas do centro da cidade. O Recírio começa após uma missa campal no Centro Arquitetônico de Nazaré às primeiras hora da manhã. Depois, a imagem da padroeira dos paraenses é conduzida em um andor pelas ruas ao redor da Praça Santuário, em frente a Basílica de Nazaré em direção à Capela do Colégio Gentil Bittencourt, onde ficará até o próximo Círio. É um trajeto curto, de apenas meia-hora, mas suficiente para os fiéis

¹⁰⁴ A Trasladação é uma procissão que antecede o Círio de Nazaré, muito popular nos municípios do Pará e do Amapá. A primeira Trasladação aconteceu em 1793. Na véspera da procissão, o pároco levava a imagem primeiro para a capela do Palácio do Governo e depois para a Catedral. Ele era acompanhado apenas por um pequeno grupo de pessoas. Atualmente, a Trasladação é praticamente um outro Círio. Ela é o mais tradicional entre os eventos que antecedem o Círio. Começou na noite anterior ao primeiro Círio de Nazaré, em 1793.

prestarem suas últimas homenagens à Santa. Durante o cortejo, saudações do tipo "Viva Nossa Senhora de Nazaré; Viva a Mãe dos brasileiros; Viva a Rainha da Amazônia; Viva a Rainha do Pará; e Viva a Mãe da humanidade", aliadas à queda de papéis picados lançados das janelas dos edifícios, dão o tom da festa para Senhora de Nazaré.

Por fim, a Berlinda encaminha-se para o altar da praça santuário para a realização da missa de encerramento da procissão. É o fim de mais um Círio de Nazaré.

4.2 A terra da Santa

Na origem, o Círio era antecedido apenas pela Trasladação. Como diz Alves (2012), no século XIX já existe notícia da procissão que encerra a quinzena da festa, o Recírio. No final do século XX, o território geográfico do Círio ampliou-se, especialmente a partir da romaria fluvial - ou círio fluvial ou ainda círio das águas -, criado pela Paratur em 1986, que desloca a imagem para o Distrito de Icoaraci, a 20km de Belém, de onde ela sai para percorrer a baía de Guajará, no sentido de Belém. (ALVES, 2012).

Há também uma intensa agenda de visitas da Peregrina - como é chamada a imagem que sai às ruas no Círio - que contempla desde órgãos oficiais e sedes de empresas patrocinadoras da Festa de Nazaré às delegacias de polícia e penitenciárias da Região Metropolitana de Belém, desde 2007 percorridas por dom Orani Tempesta, então arcebispo de Belém¹⁰⁵, e dom Carlos Verzeletti, bispo de Castanhal, com a realização de minicírios e missas nas casas penais. (ALVES, 2012).

Hoje há 11 romarias oficiais, incluídos o Círio e a Trasladação, mas acontecem, antes e durante a quinzena festiva, centenas de pequenas romarias, como peregrinações da imagem pelas paróquias e comunidades e peregrinações nas casas de fiéis, criadas em 1972.

Um aspecto interessante dessas manifestações é a segmentação, como frisa a pesquisadora Alves (2012), uma tendência dos grandes eventos no contemporâneo, que responde aos interesses dos diversos públicos, tanto pela faixa etária quanto por sua caracterização: como exemplos, os aprovados no vestibular que pagam promessa na corda na Trasladação e fazem dela uma romaria cada vez mais jovem e vibrante; crianças e velhos tornaram-se o público principal da Romaria das Crianças, por não enfrentarem as dificuldades criadas pela multidão do Círio; o cortejo de embarcações é destaque nos pacotes turísticos e corporativos; e a motorromaria atrai grupos de motoqueiros de outros estados.

¹⁰⁵ É, atualmente, arcebispo do Rio de Janeiro.

A expansão de romarias periféricas, além de acentuar o aspecto lúdico e espetacular da Festa de Nazaré, não reduz o afluxo à procissão principal, o Círio. Na verdade, elas reforçam o evento principal, como no caso das peregrinações das réplicas da imagem pelas casas, valorizando a família como expressão mais simples da Igreja e levando àquele espaço a hierofania que antes só se deslocava pelo espaço público e pelas moradas do poder, temporal ou religioso, representados pelo Palácio do Governo, onde chegou a primeira Trasladação e de onde saiu o primeiro Círio; pela Catedral de Belém, que o substituiu, e pela Basílica de Nazaré, templo que abriga a imagem e foi o ponto de chegada do Círio até a inauguração (em 1982) do Conjunto Arquitetônico de Nazaré, hoje chamado de Praça Santuário, que substituiu o Largo de Nazaré, onde se instalava o arraial da festa, na frente da igreja. (ALVES, 2012).

Idealizadas como instrumento de evangelização de adultos, as peregrinações têm sido objeto de grande atenção por parte da Igreja e da Diretoria da Festa no trabalho de preparação do Círio. Uma equipe de religiosos e leigos prepara anualmente o Livro das Peregrinações, com tiragem em torno de 100 mil exemplares. (ALVES, 2012).

A entrada em cena da televisão, com o início das transmissões ao vivo do Círio em 1961, e da internet, que transmite a romaria desde 1997, ampliam simbolicamente o território do Círio, mundializando-o, como avalia Alves (2012).

Mudanças

O Círio, que é realizado há 219 anos pelas ruas centrais de Belém do Pará, passa por uma mudança significativa, juntamente com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), que alteram não só os dispositivos comunicacionais, mas a própria linguagem destes, na mudança de plataforma. Além disso, a mudança de plataforma e de dispositivos comunicacionais é capaz não apenas de alterar o modo como nos comunicamos uns com os outros, mas também como o jornalismo e as teorias que o norteiam sofrem as alterações ou reconfigurações na rede.

Com isso, o maior evento católico da América Latina passa por uma crescente reconfiguração de divulgação de seus conteúdos nas mídias. As mídias tradicionais passam a depender, muitas vezes, das “novas” mídias, das redes de relacionamento ou redes sociais. Tendo suas informações divulgadas inicialmente nos meios de comunicação tradicionais, TV, rádio e jornal, atualmente, com o crescente avanço da internet e da Web 2.0, com suas interatividades, chats e redes de relacionamento, a instituição religiosa e o próprio Círio não puderam deixar de acompanhar essa mudança para o mundo digital. Como diz Santaella:

A ponta do iceberg da revolução digital, aquela que se apresenta mais claramente à percepção, é a internet, a rede das redes. Nos primeiros tempos da internet, meados dos anos 1990, no estágio da web 1.0, as questões mais evidentes eram a digitalização, a convergência das mídias, a hipermídia, a interface, o ciberespaço, a interatividade, todos eles componentes da emergente cibercultura. Hoje, em plena web 2.0, já entrando no estágio da web 3.0, as novas palavras-chave são: blogosfera, wikis e redes sociais digitais, estas últimas incrementadas pela explosão da comunicação móvel. Também chamadas de redes de relacionamento, as redes sociais são plataformas ou “softwares sociais” com aplicação direta para a comunicação mediada por computador. As características primordiais dessas redes encontram-se na heterogeneidade, na diversidade, nos fluxos ininterruptos de interações, nas conexões planetárias. Por isso mesmo podem ser tomadas como um dos grandes índices que nos fornecem pistas para compreender a contemporaneidade¹⁰⁶.

4.3 As redes de relacionamento como fenômeno de mediatização religiosa

A internet é uma realidade que na contemporaneidade faz parte da vida de muita gente. Não se poderia, por exemplo, hoje, tentar eliminá-la e voltar a uma época “inocente” de outrora. Até mesmo porque o próprio funcionamento do nosso mundo “primário”, dos transportes às comunicações de qualquer tipo, se baseia na existência deste mundo chamado “virtual”.

A rede mundial de computadores, hoje, é um lugar a ser frequentado para ficar em contato com os amigos que moram longe, para ler as notícias, para comprar um livro ou marcar uma viagem, para compartilhar interesses e ideias. E, como não poderia ser diferente, compreende todas as instituições que, mais cedo ou mais tarde, não viram outra saída a não ser se inserir neste “mundo novo” – o mundo digital. A Igreja Católica, por conseguinte, apesar das iniciais rejeições e desconfianças com relação à utilização dos meios de comunicação, como analisado anteriormente neste trabalho, passa a não apenas aceitar estes meios, mas utilizar, no século XXI, de maneira intensa e diária.

A festa Círio de Nazaré em Belém do Pará, por sua vez, não poderia ser diferente. Antigamente, quem não estivesse na romaria poderia acompanhá-la apenas pela televisão, rádio ou jornal, sendo receptores das informações ali divulgadas. Com o advento e fortalecimento da internet, esse quadro se altera. E a festa do Círio também muda.

No caso do Círio de Nazaré, a própria organização da festa publicou na rede de relacionamento do Facebook: “Se você acompanha a procissão, mande sua foto para nós aqui pelo Facebook ou pelo Twitter com a tag #cirio2011 ou mencionando o @CirioOficial. Participe!”. Assim, o Facebook do Círio de Nazaré Oficial incitava os fiéis-internautas a participarem da atualização da rede. O perfil contou com a colaboração dos internautas que,

¹⁰⁶ Disponível em <http://migre.me/dH84R>. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

de onde estavam, enviavam fotos de romeiros, promesseiros, corda, cantores, berlinda, personalidades, curiosidades, que imediatamente eram postadas na rede de relacionamento. Além disso, depoimentos de fiéis que acompanhavam a romaria de vários lugares do Brasil e do mundo não paravam de serem atualizados na rede.

Hoje, os fiéis (ou não), que por algum motivo não puderam comparecer à procissão, podem acompanhá-la pelo site oficial do Círio e pelas redes de relacionamento da festa católica (Twitter e Facebook), podendo, também, serem produtores de conteúdo e de informações, nesses últimos.

Aliás, não precisa não estar na procissão para acompanhar e produzir conteúdos. O romeiro pode colaborar enviando fotos de outros peregrinos que estão unidos na corrente de fé, ou expor seus sentimentos e fazer questão de dizer que, sim, “eu estive lá” durante a festa, como pode ser observado nas falas coletadas do Facebook no dia do Círio 2012. Veja abaixo:

Figura 5 – Declaração no Facebook



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

Tais exemplos demonstram um novo discurso religioso surgido nas redes digitais ou, ao menos, estes discursos, antes apenas expressados face a face, ganham, na contemporaneidade, uma dimensão outra, podendo ser vistos e comentados por diversas pessoas, em todos os lugares do mundo, sendo que, como afirma Gillmor (2005 *apud* Rüdiger, 2011), pela primeira vez na história, qualquer pessoa que possua uma ligação à internet pode ser proprietária de seu próprio órgão de comunicação. “Doravante, qualquer um pode elaborar e publicar notícias.” (2005, p. 41 *apud* Rüdiger, 2011, p. 28).

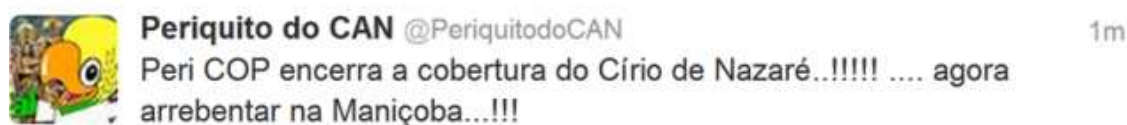
O resultado disso é a ruptura do monopólio que, neste assunto, exerciam as empresas jornalísticas e de comunicação. As pessoas não apenas estão se tornando capazes de produzirem suas próprias informações, mas estão se redirecionando para essas novas fontes de recreação e conhecimento, em que elas mesmas se transformam, com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação. (Rüdiger, 2011, p. 28-29).

Além do mais, os comunicadores profissionais, vale lembrar, continuam a ser uma parte importante, e, deve-se continuar assim, mas está a emergir um círculo mais alargado de interessados em elaborar e difundir material de tipo informativo, conforme se percebe nos

discursos dos internautas, que “cobrem”, muitas vezes, juntamente com a mídia, o Círio de Nazaré.

Tal fato pode ser exemplificado com o Twitti abaixo, de um personagem muito conhecido nas redes sociais digitais paraenses, que é o Periquito do CAN, com o seu “PeriCOP, Informa”, que trazia a cada instante informações da localidade da Berlinda nas principais ruas da capital paraense. Veja o que ele publica no momento em que o Círio 2012 termina:

Figura 6 – Relato de internauta no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Vale lembrar que a atividade jornalística consiste bem mais do que em dispor de meios técnicos, por mais que seja importante sua popularização, “mas mesmo ela será melhorada com a crescente intervenção destes sujeitos, porque ‘os leitores fazem de mim um melhor jornalista, visto que descobrem os meus erros, dizem-me o que não vi e ajudam-me a captar as sutilezas [de um acontecimento]’”. (Gillmor, 2005, p. 140 *apud* Rüdiger, 2011, p. 29).

Além disso, os romeiros são convidados pelos organizadores da festa a mandarem suas fotos para serem publicadas nas redes, como se percebe no twitti do @CirioOficial abaixo:

Figura 7 - Relato do perfil oficial do Círio de Nazaré no Twitter



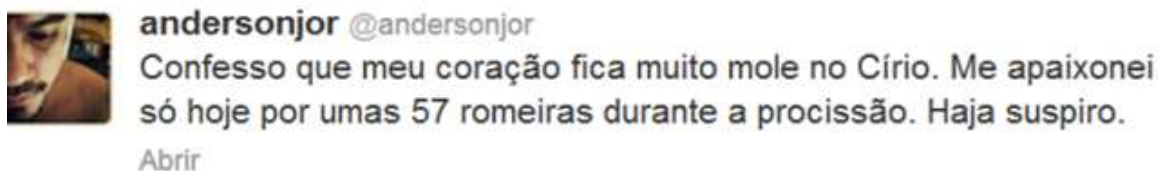
Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Há ainda a novidade de diversos aplicativos que permitem visitas virtuais pelo centro de Belém:

Figura 8 - Relato do Jornal O Liberal no Twitter

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Entretanto, há também aqueles que não estão muito ligados na questão da religiosidade na festa do Círio, mas que, utilizando-se dela e do momento, aproveitam para expor seus sentimentos, nada religiosos, nas redes sociais da internet, como pode ser visto abaixo, no Twitti do jornalista Anderson, durante o Círio 2012:

Figura 9 – Relato de internauta.

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Ademais, pode-se ter uma noção do fluxo de informações que são divulgadas durante a festa do Círio, em Belém, no segundo domingo de outubro, por meios dos twittis abaixo:

Figura 10 – Fluxo de informações sobre o Círio no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Além de tudo isso, é interessante perceber como a romaria do Círio é capaz de alterar a vida do povo paraense, até mesmo no que não diz respeito à fé e/ou à religiosidade, como analisado no twitti abaixo, sobre o não funcionamento de uma das maiores redes de supermercado da capital paraense, devido à grande festa católica, divulgado pelo principal jornal do Estado, por meio do Twitter:

Figura 11 – Twitti do Jornal O Liberal



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Outrossim, todos estes discursos dos fiéis nas redes de relacionamento abordando a festa do Círio de Nazaré nos fazem lembrar que as comunidades virtuais são, conforme lembra Rüdiger (2011, p. 4), citando Rheingold (1993, p. 5), “agregados sociais que surgem na rede quando pessoas em número suficiente se engajam em discussões longas o bastante e com sentimento humano suficiente para formar teias de relacionamento pessoal no ciberespaço”.

Um exemplo desse tipo de debate pode ser analisado no comentário do internauta abaixo, na rede de relacionamento do Facebook, onde ele defende Nossa Senhora e a festa do Círio com relação às queixas e provocações feitas por pastores e recebe, logo após seu desabafo, o apoio de uma professora que comenta a questão na sua rede social digital. Veja:

Figura 12 – Declaração de internauta



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

Ainda com relação ao Círio de Nazaré, Pe. Cláudio Pighin diz que podemos evidenciar algumas coisas interessantes nas redes sociais digitais. Ele conta:

Por exemplo, no Círio de Nazaré, parece que neste dia todo mundo se torna religioso, sendo que, sabemos, não é bem assim. Ou na Páscoa, muitas pessoas estão lá nas redes de relacionamento desejando Feliz Páscoa para todo mundo, mas muitas delas nem sabem o que é a Páscoa. Então, essas redes reforçam o eu. A referência agora sou eu e o importante é que eu me sintam bem. Antigamente, a informação era monocultural, de um para todos; agora é policultural, de todos para todos. E é a cultura virtual que permite isso.

Podemos exemplificar tal afirmação de Pighin com os comentários coletados no Facebook no dia do Círio de Nazaré 2012:

Figura 13 – Declarações no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Todas estas demonstrações de discursos dos fiéis – ou não - nas redes de relacionamento, demonstram a midiaticização da sociedade, bem como o papel da cibercultura nos dias atuais, demonstrando que o indivíduo não é mais apenas um ser passivo e que, agora, este tem o direito à voz e a dizer nessas redes digitais o que realmente pensa. Mas, nem tudo é ufanismo para alguns.

Em resposta a todas essas demonstrações de compartilhamento e proatividade das mais diversas pessoas, que estão ocorrendo nos dias atuais, proporcionadas pela internet, surgiram também várias vozes de contestação cultural ao que tem sido chamado de *web 2.0*.

Keen (2009) desponta, neste contexto, como o conservador cultural de última geração, para quem seria de nossa responsabilidade moral mais central proteger a mídia tradicional do culto do amador. Para ele, a democratização da informação pode, rapidamente, degenerar em igualitarismo radical corruptor da inteligência. “A *web 2.0* nos oferece uma cultura infinitamente fragmentada em que ficamos irremediavelmente desorientados, sem saber como concentrar nossa atenção e despender nosso tempo limitado.” (2009, p. 60).

O problema com a cibercultura, resume, seria o fato de fomentar uma gratuidade que está dizimando o profissionalismo, as normas que, relativamente à produção literária, artística

e intelectual, “não apenas lhe conferem padrões éticos mas também asseguram um nível de qualidade para o público”. (p. 77).

A revolução social das tecnologias de informação e comunicação, para o autor, está promovendo a massificação das atividades culturais com base em práticas e medidas muito medíocres, como dá prova em especial a blogosfera, principal expressão de uma era em que o conteúdo passa a ser gerado pelo usuário. A estrutura moral de nossa sociedade estaria sendo corroída, porque a web “sugere que podemos vivenciar nossos mais degenerados instintos e nos permite sucumbir aos nossos mais destrutivos vícios”. (p. 163).

Tais constatações podem ser percebidas nas redes de relacionamento, mais especificamente quando se trata da circulação do Círio de Nazaré, onde qualquer pessoa pode expor suas opiniões, desejos, anseios e sua “religiosidade”, na rede digital.

A *web 2.0*, em suma, estimula uma democratização que solapa a verdade, esvazia o discurso cívico e rebaixa os talentos, pondo em xeque “o futuro de nossas instituições culturais”. (p. 15). O fato grave, segundo Keen, seria que, por meio da nova mídia, estimulasse um circuito narcisista, em que as pessoas se esquecem de que a procura pelas informações que apenas refletem suas crenças e opiniões, via de regra, não representa um avanço cognitivo, mas a perda do contato com outras, mais neutras, objetivas e diferentes, as únicas que favorecem a conversa esclarecida ou o debate fundamentado e informado sobre qualquer assunto. (2009).

Segundo o autor, um defeito fundamental do conteúdo produzido pelo usuário é que nunca sabemos ao certo se o que lemos ou vemos é o que parece. “A internet dirigida pelo usuário não só permite como estimula a invenção de falsa identidade. No entanto, ninguém questiona por que tantos de nós estão determinados a esconder quem são ou qual é sua filiação.” (2009, p. 78). Segundo Keen, o problema para aqueles de nós que desejam saber mais sobre as pessoas com quem estão se comunicando é que, como diz o crítico de mídia Jack Shafer em Slate.com, “simplesmente há lugares demais onde se esconder agora”. (p. 78).

4. 4 Cultura da Convergência Religiosa

O Círio de Nazaré, como este trabalho expõe, passa por profundas modificações, alterações essas impulsionadas pela mudança na prática da Igreja Católica, ao se inserir em novas plataformas e dispositivos comunicacionais, como a internet e as redes de relacionamento. Contudo, não se trata apenas de uma mudança, mas de coexistência entre as diferentes mídias, uma vez que as “antigas” ainda continuam em cena. O que acontece é a

existência da cultura da convergência, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis”. (JENKINS, 2008, p. 29).

Por convergência, Jenkins conceitua:

...refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (Idem).

Tal afirmação do autor se enquadra perfeitamente na circulação dos discursos da Igreja Católica nas diversas plataformas comunicacionais, antigas e mais visivelmente nas atuais. Quando Jenkins afirma que a convergência consegue definir transformações *tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais*, o que acontece no Círio de Nazaré só confirma a afirmação do autor. Detalhamos cada uma delas:

- **Transformações tecnológicas:** são as que todos nós estamos vivenciando, com a proliferação das mídias digitais, que acabam sendo apropriadas pelas diversas organizações, bem como a instituição religiosa, que se apropria dessas transformações para divulgar sua mensagem. Tal afirmação pode ser confirmada com a imagem do atual site do Círio de Nazaré¹⁰⁷:

¹⁰⁷ Disponível em: www.ciriodenazare.com.br.

Figura 14 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré

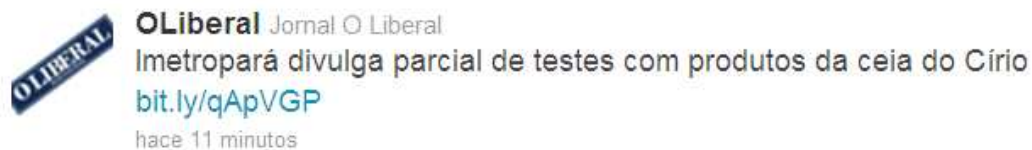


Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Percebemos, no entanto, que esta transformação relacionada à tecnologia ainda está em vias de atualização pela Igreja Católica, uma vez que a instituição religiosa caminha nessa direção do mundo digital e tecnológico, com tentativa e erro, conforme analisado nesta pesquisa.

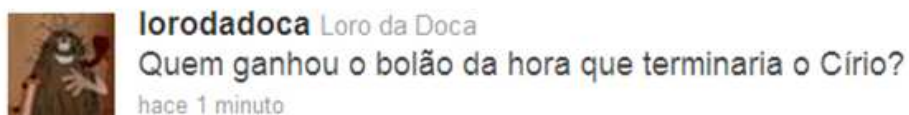
- **Mercadológicas:** são as referentes ao mercado. Em relação ao Círio de Nazaré, percebe-se a mistura do discurso religioso com o mercadológico com muita frequência, principalmente no site do Círio, onde de modo visível encontram-se fotos dos diversos patrocinadores da festa, mesclando e até mesmo confundindo o religioso com o mercadológico. Fato este percebido nos twittis abaixo e nas imagens a seguir, que mostram a questão do mercado na ceia da festa e os patrocinadores oficiais do Círio 2012, disponíveis no site oficial do Círio:

Figura 15 - Declaração no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Figura 16 - Questionamento de internauta no Twitter



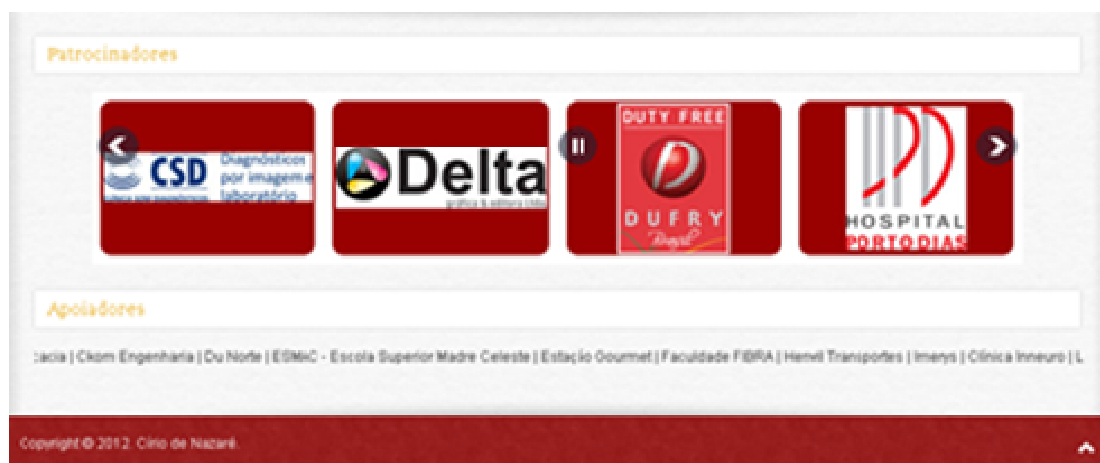
Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Figura 17 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Figura 18 - Imagem da página inicial do sítio do Círio de Nazaré



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Ademais, durante a realização da festa do Círio 2012, foram colocados os nomes dos patrocinadores também nas redes de relacionamento do Facebook e Twitter, respectivamente.

Veja:

Figura 19 - Informação divulgada pelo perfil do Círio de Nazaré no Facebook



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

Figura 20 - Informação divulgada pelo perfil oficial do Círio de Nazaré no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Ainda com relação ao mercadológico, são inúmeros os exemplos de produtos do Círio que não caberiam todos neste trabalho. Porém, vale destacar que há em Belém a loja Lírio Mimoso¹⁰⁸, que vende as mais diversas lembranças da festa católica. Camisetas, agendas, imagens de santos, terços, escapulários etc., são alguns dos elementos disponíveis na loja. Abaixo, imagens de alguns produtos do Círio que são comercializados:

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.liriomimoso.com.br/>. Porém, quando acessado, aparece a seguinte mensagem: “Fora do ar. O endereço acessado está temporariamente fora do ar! Tente novamente mais tarde ou entre em contato conosco”.

Figura 21- Camiseta do Círio



Fonte: <http://www.paroquianazareslz.com.br/archiv/camisas-do-cirio-2012-ja-estao-a-venda/>.

Figura 22 - Camiseta do Círio 2



Fonte: <http://www.airu.com.br/produto/242412/camisado-cirio>.

E tem para todos os tamanhos:

Figura 23 - Camiseta infantil do Círio



Fonte: <http://artepapaxibe.wordpress.com/2011/09/07/cirio-infantil/>.

Figura 24 - Produtos do Círio



Fonte: http://www.amapadigital.net/noticia_view.php?ID=6491.

Outro produto interessante de ser destacado é o café Santa Clara que, durante o Círio 2011, homenageou a festa do Círio em sua embalagem, estando disponível para compra até o final de outubro apenas em Belém. Veja:

Figura 25 - Café Santa Clara homenageia o Círio



Fonte: <http://www.embalagemmarca.com.br/2011/08/cafe-santa-clara-homenageia-cirio-de-nazare/>.

Teve até empresa de Gás em Belém que homenageou o Círio inserindo a Imagem da Santa como imã de geladeira para divulgação. Veja:

Figura 26 - Imã de geladeira com a Imagem de Nossa Senhora



Fonte: <http://www.uaibrindes.com.br/produto/cirio-de-nazare>.

- **Culturais:** as mudanças culturais percebidas, principalmente nas redes de relacionamento do Círio, são as mais diversas, uma vez que a festa católica mescla o religioso, o tecnológico, o mercadológico, o cultural e o social. O cultural, podemos arriscar dizer, é o mais notório, principalmente porque a festa católica do Círio é, talvez, tanto quanto um evento religioso, uma festa cultural em demasia, uma vez que não se trata apenas de uma procissão, mas de todo um envolvimento dos fiéis e da população paraense que, antes mesmo de o Círio começar, prepara-se, com as comidas típicas regionais, para o tão famoso e esperado almoço do Círio. Muitas vezes, até mesmo os que não são católicos participam do banquete.

Tais explanações podem ser confirmadas nos twittis abaixo, do Círio 2011, pelo jornalista Miguel Oliveira e, logo abaixo pelo, na época, perfeito de Ananindeua, Helder Barbalho, onde, neste último caso, percebe-se ainda o discurso político ligado ao religioso:

Figura 27 - Declaração de internauta no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Figura 28 - Afirmação de internauta no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

- **Sociais:** as transformações sociais, mescladas com as explicadas anteriormente, também podem ser percebidas nos comentários abaixo, onde a população paraense que acompanha o Círio também pode participar e mandar sua mensagem e/ou imagem para a página oficial do Círio no Facebook. Ou seja, os fiéis também passam a ter um papel significativo na cobertura do Círio nas redes de relacionamento. O que pode ser visto nas imagens a seguir:

Figura 29 - Postagem de imagens na página do Círio de Nazaré no Facebook



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

Além dos exemplos acima, podemos perceber também manifestações sociais de internautas que, apropriando-se do momento do Círio e da proliferação de mensagens sobre o

assunto nas redes de relacionamento, utilizam estes dispositivos como uma eficaz ferramenta para criticar o sistema e manifestar suas indignações com problemas sociais que ocorrem na região, como a falta de luz. Ou seja, eles externalizam os seus mundos no ambiente digital. Caso que pode ser conferido no twitti abaixo, da jornalista Flávia Ribeiro, durante o Círio 2011:

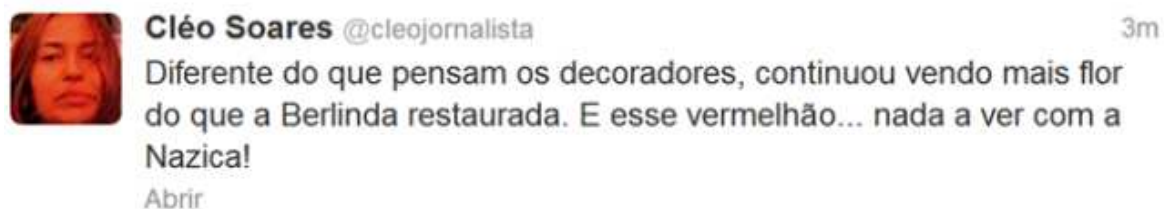
Figura 30 - Declaração de jornalista no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

E de outros que não hesitam em demonstrar suas insatisfações com algo relacionado ao Círio, como mostra o exemplo abaixo de um twitti da jornalista Cléo Soares, já durante o Círio 2012:

Figura 31 - Declaração no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Ademais, Jenkins, quando afirma que o seu livro *Cultura da Convergência* trata dos trabalhos – e das brincadeiras – que os espectadores realizam no novo sistema de mídia, lembramos do seguinte diálogo, realizado no Facebook no dia da festa do Círio 2011:

Figura 32 - Declaração no Facebook

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

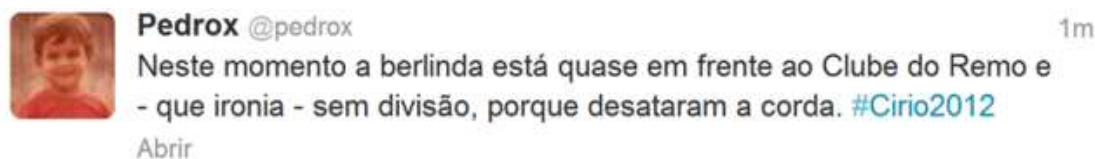
Trata-se de um comentário de uma festa pós-Círio, muito esperada por alguns. Ou seja, percebe-se que, mesmo nas redes de relacionamento, e talvez até mais abundantemente nelas, o religioso e o profano se tornam cada vez mais confusos e entrelaçados. Difíceis de serem definidos. E, nas redes de relacionamento, como o Facebook, muitas pessoas utilizam o espaço, apropriando-se do religioso, para falarem dos mais diversos assuntos, que pouco ou nada convergem com a religião. Situações essas que podem ser vistas também nos exemplos abaixo, coletados no dia da festa do Círio 2012:

Figura 33 - Declaração no Facebook

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Neste twitti acima, a autora @hannasantiago_ faz uma brincadeira utilizando a analogia do paraense, que diz “Feliz Círio”, durante a quadra nazarena, que dura cerca de um mês. Neste caso, ela faz uma brincadeira “se enganando” ao desejar “Feliz Natal”, sendo que, na verdade, quer dizer Feliz Círio ao povo paraense.

Figura 34 - Brincadeira no Twitter



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

O twitti de @pedrox é uma brincadeira com tom de sarcasmo, utilizando-se do momento religioso para falar de esporte e criticar a atuação do clube de futebol paraense Remo, que está sem divisão, só que nos campeonatos, fazendo uma alusão à própria Berlinda, uma vez que desataram a corda.

Logo, poderíamos afirmar que a *Cultura da Convergência* também abrange o campo religioso, tratando-se de um novo conceito, o da *Cultura da Convergência Religiosa*, pois, como percebemos nas análises acima, todos os critérios para que exista uma convergência, para Jenkins, são percebidos no campo midiático comunicacional religioso. O Círio de Nazaré, de modo particular, como averiguado nesta pesquisa, encontra-se cada vez mais em convergências de mídias.

Por fim, fazendo uma analogia a Fausto Neto (2001), quando este diz que há “a construção do Círio televisivo dentro do Círio religioso...”, percebe-se, com estas análises do Círio de Nazaré nas redes de relacionamento que, agora, começa a existir não mais apenas um Círio televisivo, mas a construção de um Círio virtual dentro do Círio religioso.

4.5 Novidades

Cartaz do Círio 2011

Abaixo, apresento as novidades dos dois últimos anos do Círio de Nazaré, com o seu maior e mais importante meio de comunicação, que chega a praticamente todas as pessoas na região e nas demais localidades. Trata-se do cartaz do Círio que, em 2011 e 2012, trouxe uma novidade: os fiéis em destaque, o que também pode ser analisado como uma **mudança social**, conforme avaliação de Jenkins, analisada anteriormente neste trabalho (2008).

Para exemplificar a mudança que ocorre na sociedade em estado de midiatização no Círio de Nazaré, no ano de 2011, a organização da festa elaborou mais uma surpresa para os fiéis: a oportunidade de eles terem seus rostos publicados no maior meio de divulgação da festa – o Cartaz do Círio. Foram mais de 1000 fotos encaminhadas à organização do evento religioso, sendo 500 pessoas contempladas e tendo a foto de seus rostos divulgada no cartaz. Esse é mais um exemplo da midiatização cada vez mais intensa na festa do Círio.

Figura 35 - Cartaz do Círio 2011



Fonte: <http://www.diarioonline.com.br/noticia-166231-.html>.

A apresentação oficial da primeira versão do Cartaz ocorreu em maio de 2011. A peça publicitária teve como função principal divulgar o Círio de Nazaré no Pará, no Brasil e no mundo.

Em 2011, a produção do Cartaz começou bem antes do habitual e promoveu uma interação direta com os devotos, oferecendo a oportunidade de que cada um pudesse participar um pouco da confecção deste ícone demasiado importante da festa. Desde fevereiro daquele ano, as pessoas interessadas em ter sua imagem no Cartaz do Círio podiam enviar suas fotos, após responder à pergunta “Por que você quer sua foto faça parte do Cartaz do Círio 2011?”. As melhores respostas foram selecionadas e as fotografias enviadas, incluídas na peça publicitária.

Por traz da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, foi inserido um grande mosaico composto pelas fotos enviadas através do hot site do Círio pelos devotos. “Essa foi a forma que nós encontramos de homenagear essas pessoas que fazem do Círio a maior procissão católica do mundo. O Círio é composto de pessoas. Queremos justamente simbolizar a fé do povo paraense”, explicou o diretor coordenador da Festa, César Neves¹⁰⁹.

O diretor de marketing do Círio, Oswaldo Mendes, avalia positivamente a inovação. “Conseguimos interagir com o povo católico do Estado do Pará e de diversos lugares do mundo. Uma pequena parte dos dois milhões de romeiros que participam da grande romaria estará representada no Cartaz.”¹¹⁰ Em média, 500 fotografias foram postadas em cada versão.

Vale lembrar que o cartaz é considerado um dos símbolos do Círio. O primeiro foi produzido em 1882, e até hoje essa tradição permanece. Os fiéis têm o costume de fixar o Cartaz nas fachadas dos prédios, portas das casas, hospitais, para prestar homenagem e também pedir bênçãos à Padroeira dos Paraenses¹¹¹.

¹⁰⁹ Entrevista disponível em: <http://www.portaldosal.com.br/?p=625>.

¹¹⁰ Entrevista disponível em: <http://www.portaldosal.com.br/?p=625>.

¹¹¹ Os antigos cartazes podem ser conferidos no site oficial da Basílica Santuário de Nazaré: www.basilicadenazare.com.br.

Cartaz do Círio 2012

O cartaz do Círio do ano de 2012 novamente traz à tona a midiaticização intensa da sociedade: desta vez, são os fiéis os principais protagonistas da festa, sendo destacada a multidão ao redor da Imagem de Nossa Senhora.

Figura 36 - Cartaz do Círio 2012



Fonte: <http://www.olhandobelem.com/2012/06/cartaz-do-cirio-de-nazare-2012/>.

Esta imagem evidencia nitidamente a transformação crescente da sociedade, uma vez que esta se encontra cada vez mais midiaticizada, sendo que os fins midiáticos e não midiáticos das instituições estão acoplados. Segundo Ferreira (2011), isto pode ser percebido em

diversos campos, entre eles o religioso. Esse conjunto de instituições já não é especificamente midiático, ou não midiático, mas simultaneamente as duas coisas. Isso torna mais complexo e autônomo o processo de circulação. Nesse sentido, os indivíduos também se mediatizam de forma articulada ou não com as instituições. (Idem).

A imagem do Cartaz do Círio 2012 mostra exatamente a mediação da sociedade, mas, principalmente dos indivíduos, articulados à instituição religiosa católica. Trata-se de um fato, vale destacar, totalmente novo da festa católica do Círio de Nazaré, sendo que as pessoas começam a ter significativa importância não mais apenas durante a procissão, seja pagando promessa, indo na corda ou de joelhos, mas também no principal meio de divulgação da festa, que percorre fronteiras: o Cartaz do Círio.

Nesse contexto, Verón, um dos autores que são referência na construção de hipóteses sobre a mediação, reflete, em seu esquema para análise da mediação (VERÓN, 1997), que aparecem múltiplas relações entre instituições, meios e atores individuais. Caracteriza assim os atores individuais:

Enquanto atores, os qualificamos de individuais para excluirmos atores sociais enquanto coletivos (no sentido em que se pode dizer, por exemplo, que um sindicato é um 'ator social' ou que o empresariado é um ator social). No esquema, nossos 'atores' são os indivíduos no sentido etnometodológico de membros de uma sociedade. Quer dizer, que se trata de atores individuais inseridos em complexas relações sociais. (VERÓN, 1997, p. 14).

Essa formulação remete, na perspectiva de Ferreira (2010), a esse duplo do indivíduo nos processos de mediação: por um lado, inscrito em dispositivos, (neste caso, um dispositivo midiático religioso); por outro, em contextos sociais complexos, sobre os quais refletimos acima, com relação ao Cartaz do Círio de Nazaré.

Círio no carnaval 2013

Ao avaliar os indicativos de mediação na festa do Círio de Nazaré, principalmente nos empíricos coletados em 2011 e 2012, que este trabalho faz referência, percebe-se que a festa afeta não apenas o religioso, mas muitas vezes até mesmo o “profano”. Na verdade, ambos os conceitos estão intimamente ligados, tornando-se cada vez mais complexos na contemporaneidade. Veja o exemplo abaixo, em que o Pará é o enredo da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro, no ano de 2013.

Figura 37 - Ilustração da Imperatriz Leopoldinense no carnaval 2013

Conheça o enredo e o samba da Imperatriz para o carnaval 2013

Escola de Ramos vai abordar história e cultura do estado do Pará. Círio de Nazaré, em homenagem à Nossa Senhora, fechará o desfile.

Do G1 Rio

2 comentários

Tweetar 26

Recomendar 117



O estado do Pará é a inspiração da Imperatriz Leopoldinense, escola de Ramos, na Zona Norte, para o carnaval de 2013, como mostrou o RJTV nesta sexta-feira (30), na série sobre os enredos e os sambas das escolas da elite do Rio de Janeiro. O enredo "Pará - O Muiraquitã do Brasil" levará para a avenida aspectos fundamentais da cultura paraense, incluindo a religião, a dança, a música e a culinária.

Carnavalesco da escola, Cahê Rodrigues não tira do peito o muiraquitã, o amuleto indígena usado por muitos paraenses e que ajuda a batizar o enredo. Cahê é apaixonado pelas comidas típicas do estado. "É tanta comida, tantas ervas. Os cheiros se misturam", disse.

Homenagem à Nossa Senhora, o Círio de Nazaré, uma das maiores manifestações religiosas do mundo, realizada no Pará, vai fechar o desfile da Imperatriz no sambódromo.

Fonte: Portal de Notícias da Globo.

Tal afirmação lembra o discurso de Fausto Neto (2009) quando diz que, hoje, crer não requer abstração, na medida em que a vida midiática une de formas totalmente novas o profano e o sagrado.

Em relação à religião no mundo midiaticizado, pode-se perceber a complexidade que ocorre com o sagrado e o profano, por exemplo. As relações se complexificam. E, como diz Verón (1997), quanto mais complexo é um tema, mais esforço se necessita para sua fácil absorção. Para o autor, em um âmbito geral, a midiaticização anda junto com a globalização, e é o que estamos vivendo hoje.

Já para Gomes (2010), o humano e a sociedade, nesse momento presente, implicam uma abordagem de totalidade sistêmica envolvendo o sagrado e o profano, imbricados umbilicalmente. "A midiaticização da sociedade foge, escapa, escorrega por entre os dedos, quando vista de maneira dualística. A ancoragem será sempre sistêmica e complexa. Nem o religioso e só religioso, nem o profano e só profano." (2010, p. 27). Esta análise pode ser percebida na ilustração acima, em que o religioso se une ao profano, durante a festa do carnaval 2013.

5 SOBRE A TEORIA E AS PRÁTICAS

A utilização das redes de relacionamento da internet pela Igreja Católica é, muitas vezes, bem diferente da teoria de como utilizá-la propagada pela própria instituição.

Abaixo, apresentamos um exemplo disto, com a imagem do site oficial do Círio de Nazaré¹³⁷. No link Promessas – Conte sua promessa, encontramos a seguinte imagem:

Figura 38 - Promessas, do site oficial do Círio

Faça sua promessa

Nome..

E-mail..

Assunto..

Sua promessa..

Digite o código anti

Enviar

Promessas

Sadot as anos, o Círio de Nazaré reúne milhares de pessoas. Gente que, movida pela devoção, chega a lição vinda dos mais diversos lugares do Brasil e do mundo. Mas do que uma multidão, o Círio retrata a relação de amor e fé que cada romero tem com Nossa Senhora de Nazaré. São graças alcançadas, pedidos cheios de esperança, milagres e bênçãos. Agora, você tem mais um espaço para contar suas histórias: aqui, no "Promessas". Dê a sua história e mostre a todo o mundo sua devoção pela Rainha de Amanhã.

Utilize o espaço ao lado para deixar sua promessa para Nossa Senhora de Nazaré

Acenda uma Vela

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Porém, quando localizamos o mouse no local da imagem “Acenda uma vela”, o link simplesmente não funciona. Não há como clicar. É importante frisar que o referido site foi inaugurado alguns meses antes do último Círio, que ocorreu no segundo domingo de outubro de 2012. Desta época até hoje, quando foi localizada a imagem para exposição neste trabalho, dia 06.02.2013, ainda não havia nenhuma mudança. Ou seja, o site continua igual desde o seu lançamento em 2012.

A promessa pode ser realizada, pois ao lado da imagem da vela, há um box para preenchimento dos dados do fiel que deseja realizar uma promessa, com obrigação de ser inserido o nome, o e-mail o assunto e a promessa. Depois, o internauta deve digitar um código que aparece no último quadro, para confirmar a operação. A autora desta pesquisa deixou sua mensagem algumas vezes no referido quadro e clicou em “Enviar”, recebendo a

¹³⁷ Disponível em: <http://www.ciriodenazare.com.br/index.php/2012-06-17-02-17-02/promessas>.

mensagem de que “sua promessa está sendo enviada!”. Mas, não recebeu nenhuma notificação por e-mail de confirmação de envio de promessa e não há um local no referido sítio que localize todas – inclusive a desta autora, por conseguinte – as promessas feitas e as velas que estão acesas. Ou seja, fica subentendido ou até mesmo pressuposto que, a promessa que uma pessoa envia, acaba desaparecendo e tornando-se invisível, uma vez que não é localizada em parte alguma, no site do Círio ou até mesmo fora dele.

Neste caso, percebe-se a falta de treinamento, planejamento e organização dos responsáveis pela construção e atualização do site oficial do Círio de Nazaré, pois, pela grandeza da festa católica, desacertos contínuos como estes acabam prejudicando o andamento coeso dos meios de comunicação da Igreja Católica, em particular, do site oficial do Círio de Nazaré, em Belém do Pará.

Tais fatos lembram Gomes (2010), citando José Marques de Melo, quando este diz que:

Parece-me que, superada a barreira cultural, refletindo em certo sentido a tecnofobia imperante em vários países, a principal dificuldade é de natureza econômica. Faltam recursos capazes de subsidiar os veículos massivos mantidos exclusivamente pelas Igrejas. Por isso mesmo, algumas instituições optam pela compra de espaço nos veículos leigos para disseminar programas religiosos. Outro obstáculo é de natureza operacional, pois nem sempre os dirigentes religiosos são treinados para o uso eficaz da mídia. Disso resulta muita improvisação, amadorismo e fracassos. (*apud* GOMES, 2010, p. 142).

Percebe-se, nessas e nas análises anteriores dos discursos dos internautas nas redes de relacionamento e das tensões entre os próprios membros da comunidade eclesial com relação ao discurso e à prática da utilização das mídias atuais pela igreja, que a instituição católica leva em consideração, tanto para análise quanto para a prática, em suas vivências cotidianas com os fiéis, apenas o conteúdo dos dispositivos tecnológicos, ou seja, dos meios de comunicação, sendo estes, para ela, somente instrumentos neutros, que servem unicamente como canal para divulgar e receber mensagens.

A hipótese acima pode ser concretizada com o fato de percebermos, no dia do Círio de Nazaré de 2012, que uma das preocupações do Facebook oficial da festa católica era fazer com que os fiéis inserissem em suas atualizações no Twitter a hashtag #Círio2012, para fazer com que, como no ano anterior, em 2011, a festa paraense entrasse nos Trending Topics, ou TTs, que são uma lista em tempo real das frases mais publicadas no Twitter pelo mundo todo. Só que, naquele ano, o desejo não conseguiu ser realizado. Veja imagem abaixo:

Figura 39 - Divulgação do Twitter do Círio pelo Facebook oficial da festa



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Facebook.

Todos esses exemplos indicam, como diz Alves (2012, p. 124), que “a tecnologia criou uma nova categoria, o *peregrino on line*, aperfeiçoando as formas de participação cerimonial à distância e proporcionando surpresas como o diálogo...”. Ela frisa:

Agora, todos podem ver o Círio - como prometia a TV Marajoara aos belemenses, em 1961 - de qualquer parte do mundo onde exista conexão disponível, dispensando o próprio aparelho de televisão. Podem comentar o que estão vendo enquanto estão vendo, por e-mail ou SMS; também podemos vê-los, direto de algum cenário remoto (?), conversando com quem está no estúdio. Podem, até mesmo, como aconteceu no Círio da TV Liberal em 2009, aparecer na cobertura, num vídeo doméstico, quem sabe gravado com um simples celular, invadindo assim a esfera da produção de conteúdo para a transmissão, antes restrita aos especialistas da TV e, com isso, rompendo a mediação do jornalista que lê os e-mails e entrevista os distantes. (2012, p. 124).

Percebemos, ademais, que, com o fortalecimento das mídias digitais, as interações, comentários, críticas, opiniões etc., tornam-se ainda mais evidentes, como analisado anteriormente nesta pesquisa, nos relatos dos internautas nas redes de relacionamento. E que a mídia digital é capaz de florescer a interação social dos fiéis.

5.1 O site-portal

Neste momento, descreveremos e, em seguida, faremos algumas reflexões sobre o site oficial do Círio de Nazaré¹³⁸.

O sítio possui na caixa de entrada três imagens centrais que vão sendo alternadas a cada sete segundos e, quando clicadas, são levadas à leitura do texto, como se vê nas imagens abaixo:

Figura 40 - Página inicial do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

¹³⁸ <http://www.ciriodenazare.com.br/>.

Figura 41 - Página do site oficial do Círio

Paróquia de Nazaré oferece serviço único em Belém de atendimento às famílias

Desenvolvido por Luciana Santos, assessora de comunicação da Basílica Santuário e Círio de Nazaré

O atendimento é gratuito e visa atender famílias em crises

Com o lema "Por amor à Família", a Basílica Santuário de Nazaré implantou há quase dois anos o Centro de Atendimento à Família (CAF), serviço operacionalizado pela Pastoral Familiar, direcionado às famílias com algum tipo de crise. Os dias de atendimento são: Segunda e Quarta-feira, das 16h às 20h; Terça, Quinta e Sexta-feira, das 17h às 19h, e acontecem nas salas de atendimento da Basílica Santuário. Vale lembrar que o serviço é confidencial e gratuito.



Este é um projeto piloto criado pela Arquidiocese de Belém há 3 anos e executado pela Basílica Santuário desde Maio de 2011. Dentro da Arquidiocese, a Paróquia de Nazaré é o único espaço em Belém que oferece esse serviço de atendimento familiar.

Os casos mais comuns são famílias que possuem problema com drogas, separação conjugal, violência doméstica e desentendimento com filhos. Diariamente, são atendidas em média de duas a três pessoas. Oito pessoas fazem parte da equipe de atendimento.

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

No canto superior da página inicial do site, há sete ícones, veja nas imagens:

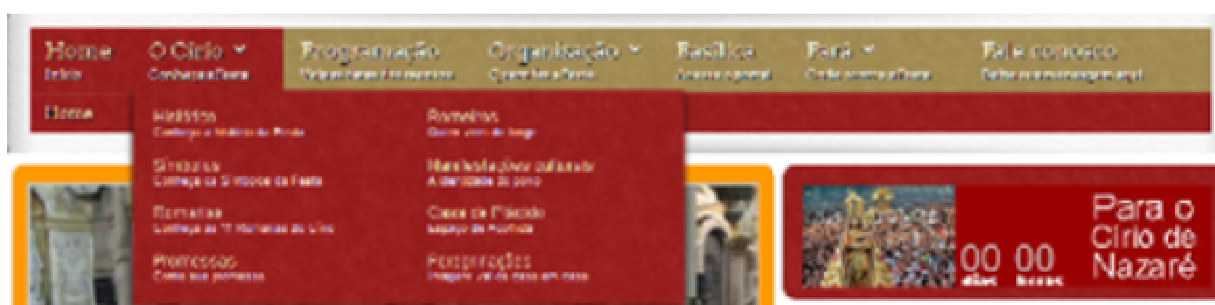
Figura 42 -Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Trata-se da home [Início]; do Círio [Conheça a Festa] que, quando localizando o mouse, aparece o link para o Histórico [Conheça a história da Festa], Símbolos [Conheça os Símbolos da Festa], Romarias [Conheça as 11 Romarias do Círio], Promessas [Conte sua promessa], Romeiros [Quem vem de longe], Manifestações culturais [A identidade do povo], Casa de Plácido [Espaço de Acolhida] e Peregrinações [Imagem vai de casa em casa], como mostra a ilustração a seguir:

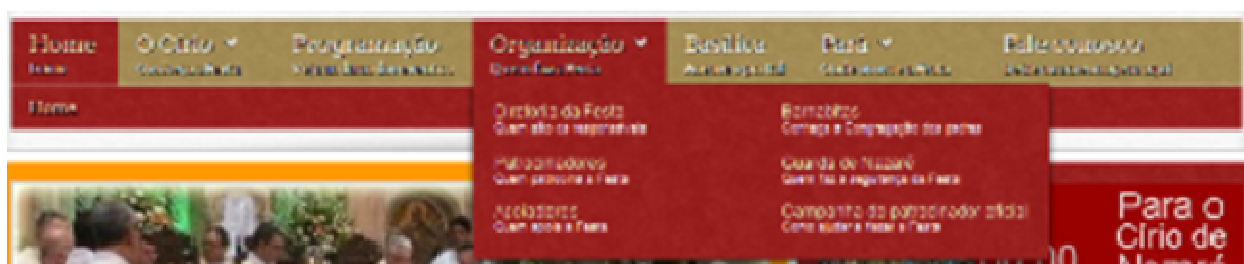
Figura 43 - Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

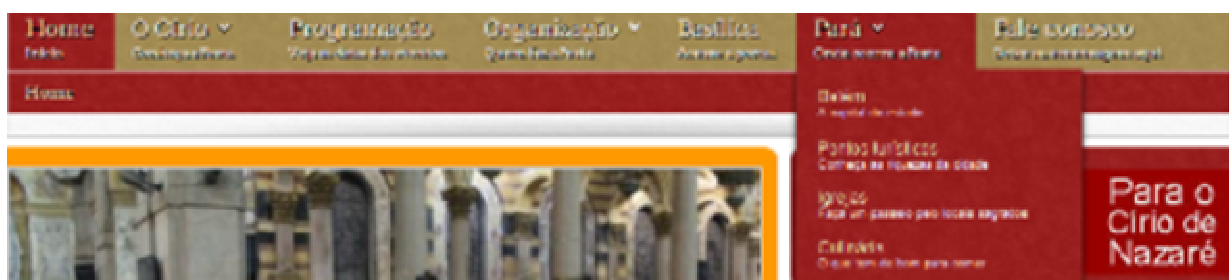
Depois, há o ícone Programação [Veja as datas dos eventos]; Organização [Quem faz a Festa] que, quando localizado o mouse, remete aos títulos: Diretoria da Festa [Quem são os responsáveis], Patrocinadores [Quem patrocina a Festa], Apoiadores [Quem apoia a Festa], Barnabitas [Conheça a Congregação dos padres], Guarda de Nazaré [Quem faz a segurança da Festa], Campanha do patrocinador oficial [Como ajudar a fazer a Festa]. Veja abaixo:

Figura 44 - Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Figura 45 - Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Há ainda o ícone Basílica [Acesse o portal]; Pará [Onde ocorre a Festa] que, quando localizado o mouse em cima da letra aparecem as sugestões: Belém [A capital do estado], Pontos turísticos [Conheça as riquezas da cidade], Igreja [Faça um passeio pelos locais

sagrados], Culinária [O que tem de bom para comer]. Por fim, há a opção Fale conosco [Deixe sua mensagem aqui].

Ainda na caixa de entrada do sítio, encontra-se, no centro, um box, com a informação da contagem regressiva, informando quantos dias e horas faltam para o Círio. Só que o mesmo encontra-se zerado, como se vê na imagem abaixo:

Figura 46 - Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Na página inicial, logo abaixo das imagens com os textos citadas anteriormente, e do cronômetro, há mais dois box com informações referentes ao Círio e ao Círio Musical, bem como diversas imagens de peregrinos, embaixo, percorrendo toda a página, conforme ilustração abaixo:

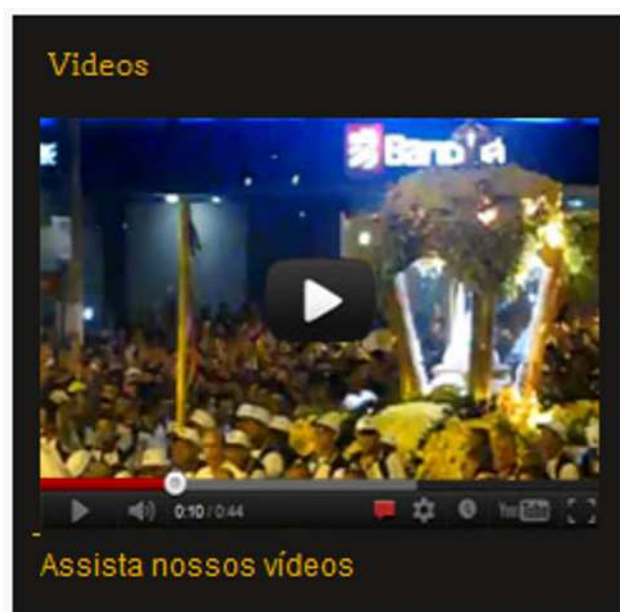
Figura 47 - Página do site oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Na mesma página do site oficial do Círio, encontra-se um ícone para acesso aos vídeos da festa cristã. Porém, quando clicado, concede acesso a apenas dois vídeos, com data de 17 de julho de 2012. Um, intitulado “Círio de Nazaré”; e o outro, “Círio de Nazaré – Profissão Repórter”. Veja:

Figura 48 - Vídeo localizado no sítio oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Figura 49- Imagem localizada no sítio oficial do Círio

Artigos

Exibir #

Título	Data de criação
Círio de Nazaré	17 Julho 2012
Círio de Nazaré - Profissão Repórter	17 Julho 2012

Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

E, quando clicados, remetem aos vídeos, como nas imagens abaixo:

Figura 50 - Imagem localizada no sítio oficial do Círio

Círio de Nazaré
Exibido por Super User



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Figura 51 - Imagem localizada no sítio oficial do Círio

Círio de Nazaré - Profissão Repórter

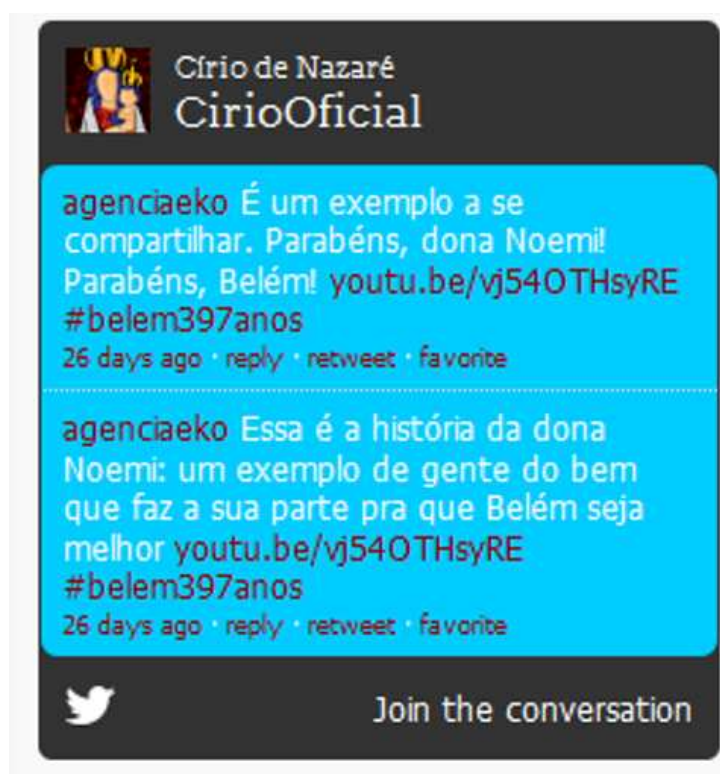
Exibido por Super User



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Mais abaixo, ainda na página inicial do site, encontra-se um box, com as postagens na rede de relacionamento do Twitter do Círio, o @CirioOficial. Veja:

Figura 52 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Na última parte do site, na inferior, encontra-se um box, com a logomarca dos patrocinadores e apoiadores da festa, como se vê na imagem a seguir:

Figura 53 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Importante destacar que o box com o nome dos patrocinadores e apoiadores fica em constante movimentação, uma vez que são diversos os números dos patrocinadores da festa. Só no referido site, encontram-se 15 nomes de patrocinadores. E apoiadores, 23.

Por fim, durante praticamente toda a parte central do site do Círio, encontram-se imagens que, quando clicadas, remetem ao texto, sobre algo do Círio ou até mesmo ligado à religião. Veja:

Figura 54 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio

06 | Fev 2013 | Paróquia de Nazaré oferece serviço único em Belém de atendimento às famílias



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

Figura 55 - Imagem localizada na página inicial do sítio oficial do Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir de navegação no referido site.

5. 2 Reflexões

Com estas imagens e acessando o site oficial do Círio, percebe-se que o mesmo ainda não se encontra em sintonia com as mudanças que estão ocorrendo no mundo digital. Quase não há multimídia no sítio, hiperlinks¹³⁹ não foram localizados nenhum, acesso às redes sociais, apenas no box disponibilizado acima, que, aliás, não dá ingresso às redes de relacionamento, apenas mostra o que está ocorrendo pelo Twitter. Menção ao Facebook? Nenhuma. Enfim, percebe-se inúmeras brechas de falta de preparo, treinamento, organização ou até mesmo de sintonia para com este mundo novo que, diga-se, já faz parte da realidade de inúmeras instituições, até mesmo religiosas, que utilizam com competência este meio de comunicação, como, por exemplo, o site oficial de Nossa Senhora Aparecida, de São Paulo¹⁴⁰.

¹³⁹ Hiperlinks, ou simplesmente links, são a alma de uma página da internet. São eles que permitem o acesso fácil entre as diversas páginas (navegação) e mesmo a movimentação rápida dentro de um texto longo. Podemos dizer que a World Wide Web (www), a parte mais conhecida da internet, não existiria sem eles. Na verdade, o hiperlink não passa de um comando como o ícone que se clica para iniciar um programa ou abrir um arquivo. Mas aqui ele abre uma página da internet, ou lhe envia a outra parte do texto, ou mesmo permite copiar um arquivo, tudo isso em uma outra pasta, computador ou mesmo outra parte do mundo.

¹⁴⁰ Disponível em <http://www.a12.com/>.

Nota-se, na análise do referido sítio do Círio de Nazaré, que a Igreja Católica ainda busca manter o controle, desta vez não mais apenas institucional, doutrinal etc., mas também, na atualidade, de suas páginas na internet, uma vez que no site do Círio, por exemplo, não há muitas interações, sendo que o internauta deve cumprir com as limitações estabelecidas pelo portal, sem muita relação, interatividade, negociações.

Ademais, é importante notar que, analisando o referido sítio católico, percebe-se que o objeto (neste caso, o site do Círio) se torna de certa forma “transparente” para a pessoa que o acessa, uma vez que, para ela, o importante é o resultado que almeja obter com a navegação. “Logo, existe um claro deslocamento do biológico para o imaterial e uma contaminação entre corpo e instrumentos tecnológicos.” (SPADARO, 2012, p. 20). Nesse sentido, a rede é necessariamente uma realidade que cada vez mais diz respeito à vida do crente e influi em sua capacidade de compreensão da realidade e, portanto, da fé e de seu modo de vivê-la.

As falas de Spadaro (2012, p. 130) se mostram pertinentes neste sentido quando ele afirma que “o limite dado pela abstração do teclado e do *mouse* parece destinado a desaparecer e, assim, a relação com o dispositivo eletrônico entendido como uma relação com um ‘objeto’. O objeto, isto é, o dispositivo físico, desaparece da percepção em favor da experiência que é capaz de nos fazer ter”. A rede, neste sentido, é, cada vez mais, entendida como uma forma peculiar de experiência e não como um substituto. Ou seja, as pessoas que frequentam a missa, provavelmente não irão deixar de fazê-lo por causa de sua inserção na internet. Mas, sim, é capaz de experimentar novas ou mesmas formas de sagrado, com uma intensidade outra, que não a presencial.

Neste caso, as pessoas que acessam o site do Círio de Nazaré, muitas vezes, não se dão conta de que entre elas e o que realmente almejam com a navegação, seja uma oração, acender uma vela, ler um artigo, etc., há a mediação não menos importante de dispositivos tecnológicos, como o *mouse*, o teclado, o próprio computador etc., que, sim, influenciam em seus desejos e objetivos, uma vez que se o *mouse* ou o teclado, por exemplo, não funcionarem, a navegação se tornará impossível e a oração, a vela acesa ou o artigo, não poderá ser efetivado. E, vale lembrar, na maioria das vezes, só quando acontece alguma falha ou ruído deste tipo, é que as pessoas percebem que existe o meio e que este é relevante para a efetivação do que buscam. Caso contrário, o dispositivo tecnológico quase sempre é transparente e/ou invisível aos olhos do internauta.

Portanto, a lógica da web pode modelar a lógica teológica e a internet já coloca desafios interessantes para a própria compreensão do cristianismo, como vemos no site oficial

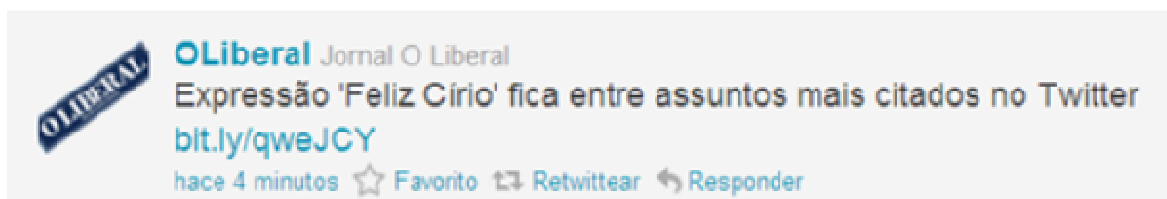
do Círio de Nazaré, evidenciando tanto a patente conaturalidade quanto possíveis – e visíveis, neste caso, - incompatibilidades.

Sendo o Círio a maior manifestação religiosa do Brasil e uma das maiores do mundo, dever-se-ia haver um preparo maior e uma mais intensa dedicação para com este sítio que, sendo recém-lançado, diga-se, deixa ainda muito a desejar. Esperemos os próximos Círios...

5.3 O Jornalismo e o Círio de Nazaré

É perceptível o fato de que o jornalismo está sofrendo constantes transformações, muitas vezes, proporcionadas pelo avanço do mundo e das tecnologias digitais. O próprio jornalista deste século deve aceitar que ele não é mais o único responsável por decidir o que é e o que não é notícia, uma vez que esse poder está, cada vez mais, nas mãos dos leitores também. Muitas das vezes, são as reações, e as ações dos leitores, os fatos que pautam a grande mídia. Frequentemente, hoje, o leitor determina a pauta, fato este que pode ser concretizado com o twitte abaixo, em que a expressão “Feliz Círio”, por adquirir inúmeros comentários na rede, acabou se tornando um dos assuntos mais citados no Twitter, no ano de 2011.

Figura 56 - Twitti do Jornal O Liberal sobre o Círio



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Ademais, foi realizada ainda matéria sobre a declaração, disponibilizada no portal de notícias das Organizações Rômulo Maiorana (Portal ORM), de Belém do Pará, no dia do Círio de Nazaré.

Expressão 'Feliz Círio' fica entre assuntos mais citados no Twitter

A fé que move montanhas faz das ruas de Belém um verdadeiro 'mar' de gente. Todos os promesseiros, romeiros e devotos de Nossa Senhora de Nazaré caminham juntos com um único propósito, chegar à Basílica Santuário e cumprir o que foi prometido.

A internet fez com que as pessoas que não puderam estar na cidade e caminhar nesta procissão se sentissem mais próximos

da 'Rainha da Amazônia'. Colaboradores que aceitaram compartilhar cada momento do percurso de 3,6 km com quem estava longe levaram a força da fé a todos.

A mobilização via Twitter é sempre muito significativa e este ano não foi diferente. Pessoas de todos os lugares dividiram sentimentos e sensações e a todo o tempo tentavam mostrar para o mundo a força da fé do povo paraense. A expressão 'Feliz Círio' ficou entre os assuntos mais citados da manhã deste domingo (9).

Não importa em que lugar esteja um paraense, ele vai sempre estar ligado ao Círio e toda a emoção que essa linda devoção causa. As onze romarias que compõem o Círio provam que é sempre um momento único: as mãos que se elevam em busca de proteção e agradecimento, a corda que une todo o povo e a fé que move milhões de pessoas pelas ruas de Belém.

Seja pessoalmente ou por meio da Internet, telefone e até mesmo por pensamento, todos os devotos estiveram, durante os últimos três dias, unidos por uma só fé, a fé em Nossa Senhora de Nazaré.

Redação Portal ORM/09-10-2011.

A notícia acima reforça, com toda a certeza, o fato de que, na contemporaneidade, o leitor, se é que podemos intitular assim, não cumpre apenas este papel. Ele passou a ser leitor, crítico, debatedor e é capaz de gerar sozinho, por que não?, a notícia.

O paradoxal é que, mesmo com o surgimento do mundo digital, com os indivíduos cada vez mais ligados à tecnologia e aos meios virtuais, as pessoas ainda continuam buscando o sagrado concretamente, em símbolos tão fortes e marcados no Círio, como a corda.

O pesquisador Silvio Figueiredo, da Universidade Federal do Pará - UFPA, explicou o porquê:

a busca do sagrado me parece uma característica do ser humano em todos seus momentos históricos e em vários tipos de cultura. Isso não mudará com a chegada de novas tecnologias, pois as religiões se utilizarão dessa tecnologia para continuar funcionando, e a virtualização, ou seja, o potencial

ainda não realizado, é bem propício ao campo da crença. Mas é sempre bom fazer a distinção entre religião e sagrado, pois rituais coletivos podem servir ao alcance do sagrado sem serem necessariamente religiosos¹⁴¹.

5.4 O Círio e a Reconfiguração da Teoria do Agendamento

Com a midiaticização da sociedade, percebe-se que a festa católica do Círio, a cada ano, também passa por mudanças significativas. A simbiose do ritual católico está cada vez mais evidente. E os fiéis passam a adquirir papel central.

Nota-se, por exemplo, a quebra do tradicionalismo da teoria do jornalismo *agenda setting*, consequência de uma sociedade cada vez mais midiaticizada que acaba por impactar em várias esferas midiáticas e não midiáticas – até mesmo no jornalismo. A partir de então, a mídia tradicional passa, muitas vezes, a depender das redes de relacionamento para divulgar a informação. A festa do Círio continua sendo pautada pelos grandes veículos de comunicação. Só que, agora, as redes digitais, com informações instantâneas, têm a capacidade de pautar com mais intensidade a grande mídia. Essa tendência tende a crescer cada dia mais.

A quebra do tradicionalismo de teoria do jornalismo só vem reforçar a ideia de que o jornalismo e o acontecimento jornalístico, na contemporaneidade, passam por progressivos processos de transformação e reconfiguração. Muitas vezes, o acontecimento é propagado e gerado – inicialmente – nas redes de relacionamento, e, posteriormente apenas, divulgado na grande mídia.

A teoria do *agenda setting* tem como postulação inicial afirmar que “os mídias noticiosos fornecem mais do que um certo número de notícias, mas também estipulam as categorias através das quais os consumidores podem tematizá-las”. (McCOMBS, SHAW, 1972 *apud* HENN, 2011). Desta forma,

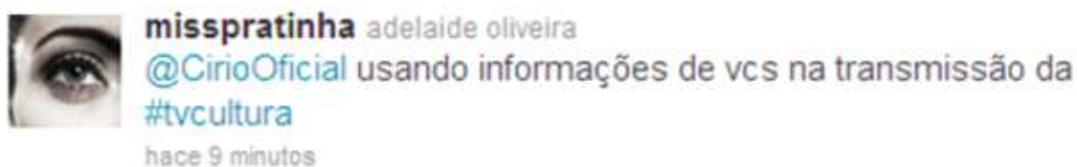
as pessoas elaboram seus conhecimentos sobre o mundo a partir daquilo que a mídia inclui ou exclui do seu próprio conteúdo. Ao mesmo tempo, a capacidade de influência da mídia sobre o conhecimento daquilo que é importante e relevante, varia segundo os temas tratados. Em outros termos, os meios noticiosos podem não influenciar os receptores ao ponto de determinarem aquilo que devem fazer mas, com certeza, estabelecem os temas com os quais a sociedade envolve-se e pensa durante algum período de tempo. (BENTON e FRAZIER, 1976 *apud* HENN, 2011).

¹⁴¹ Entrevista concedida à autora deste trabalho, por e-mail, em outubro de 2011 e publicada no sítio do IHU, disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/500485-cirio-de-nazare-um-dos-maiores-rituais-do-mundo-entrevista-especial-com-silvio-jose-de-lima-figueiredo>.

Como diz Henn (2011), isso não quer dizer que exista um fluxo unidirecional no processo de produção e de consumo da notícia. A tematização propriamente dita, e os ambientes semióticos em que ela se delinea, geram interpretantes específicos provenientes de outras redes semióticas (cultura, laços comunitários, familiares, de escolaridade e tantos outros, que estariam na categoria das mediações, como reivindica Martín-Barbero), propiciando uma pluralidade de sentidos ou de apropriações de sentidos. “Por outro lado, há mecanismos interativos, não só por conta de facilidades tecnológicas, mas pela própria repercussão de determinados temas ou acontecimentos, que podem colocar os consumidores de notícias também como agentes do agendamento.” (Idem).

A afirmação acima pode ser analisada empiricamente na rede de relacionamento do Twitter, onde a agitação no domingo do Círio de Nazaré do ano de 2011 foi constante, uma vez que essa rede, muitas vezes, até pautava as mídias tradicionais, trazendo, a cada instante, novidades e detalhes da maior romaria católica do Brasil. Um exemplo é o twitti de Adelaide Oliveira, a @misspratinha, jornalista da TV Cultura de Belém, que evidencia a mudança no jornalismo, proporcionada pelas tecnologias digitais, ao responder para o Twitter do Círio, o @CirioOficial: “@CirioOficial usando informações de vcs na transmissão da #tvcultura”. Ou seja, a mídia digital, neste caso, está pautando a grande mídia, a TV.

Figura 57 - Twitti de internauta



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

Com a explosão das redes de relacionamento, torna-se possível pensar em um acontecimento que já contenha a textura da rede. “Entende-se que já há uma gama de acontecimentos que têm a sua força de agendamento vinculada às novas formas de produção e consumo de noticiário.” (HENN, 2011). Segundo o autor, em tempos de transformações tecnológicas, com web, telefonia móvel, captação e transmissão disseminada das imagens e dos sons, o acontecimento parece sofrer profundas metamorfoses e concentra em si novos problemas.

Percebe-se que a simbiose e a mudança da divulgação e propagação do Círio de Nazaré, porém, vai muito além da quebra de tradicionalismo de teorias jornalísticas. Ela quebra com a tradição da própria religião. Um exemplo: acender vela na capela, rezar o terço

no Santuário, assistir a homilia na igreja... Todos esses atos de fé tornaram-se agora muito disputados com outros. Atualmente, com um simples clique, o fiel-internauta pode fazer tudo isso – e muito mais – sem sair de casa. Ou seja, as formas de sagrado tradicionais estão cada vez mais sendo disputadas com outras formas de ser religioso – na internet.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, abordamos a mediação da religião em um dos contextos mais complexos da contemporaneidade e que exige dos pesquisadores muita atenção no que diz respeito às questões relativas à emergência das tecnologias digitais atuais e seu impacto junto à mediação da sociedade.

Esta relação entre a mídia e a religião se torna um cenário cada vez mais visível e recorrente na sociedade atual, sinalizando aos jovens um real campo de trabalho, que se torna cada dia mais frutífero para estudo pois requer, ainda e por bastante tempo, muita pesquisa, pois há mais indagação, perguntas, que efetivamente respostas e questões já resolvidas. Como avalia Antonio Fausto Neto: “A mediação produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim”¹⁴².

Inserido na linha de pesquisa “Mediação e Processos Sociais” do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, este estudo vem agregar às pesquisas já existentes no programa, contribuindo, assim, para o campo da comunicação. Desse modo, foram movimentados conceitos e teorias, articulados e contextualizados à temática e objeto, assim como a mediação abordada a partir da circulação, dispositivos e sua relação com a cibercultura e a *web 2.0*.

Como os problemas da pesquisa convergiram no fato de saber o que muda na relação fiel - Círio no momento em que este último passa a fazer parte das redes de relacionamento e se media, bem como que nova ambiência se formava e que novo modo de ser no mundo se estabelece na mídia digital, com o Círio de Nazaré, percebemos que, de fato, há o surgimento de um novo modo de ser religioso das pessoas que acessam o site do Círio, bem como suas redes de relacionamento.

Além disso, ao analisarmos as tensões existentes entre o dizer e o fazer da Igreja Católica, com relação às práticas devocionais na internet, obtendo como observáveis as declarações de membros da instituição religiosa, notou-se que há significativas contradições e ambiguidades entre o discurso e a prática da religião católica com relação às tecnologias digitais.

As contradições foram nitidamente percebidas principalmente quando os padres foram indagados a respeito de acreditarem estar havendo ou não uma religiosidade nova, religiosidade essa proporcionada pelas novas plataformas comunicacionais, as digitais. Ou

¹⁴² Citou em entrevista disponível em:
http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2479&secao=289.

seja, se há uma religiosidade virtual. Alguns acreditam que não há, sendo, para eles, a religiosidade a mesma de outrora, sendo que ela se intensifica, com as mídias digitais. Outros, como Antonio Spadaro (2012), acreditam que existe uma nova religiosidade, originária da internet, ao frisar que nasceram na rede algumas formas de religiosidade virtual e que esse é o fenômeno de uma transformação complexa e ampla na compreensão do sagrado.

O fato é que está emergindo uma religião praticada por pessoas que realmente fazem questão de expressar publicamente sua fé e suas convicções religiosas, nas mídias digitais e nas redes de relacionamento. E é uma nova comunidade, de cunho predominantemente virtual que vai se afirmando dessa forma. Espera-se que os órgãos oficiais da Igreja Católica percebam isso e incentivem as dioceses e paróquias a formarem pessoas nessa direção.

Pelo menos, alguns membros da instituição católica têm consciência do caminho ainda extenso a ser percorrido pela igreja com relação à evangelização e à utilização da *web*. O arcebispo Claudio Maria Celli, presidente do Conselho Pontifício das Comunicações Sociais, tem uma visão crítica ao enfatizar que a Igreja Católica continua a ter “dificuldade em aprender” a linguagem da internet e continua a viver, quando muito, na idade da *web 1.0*¹⁴³.

O arcebispo Celli referiu que, das mais de 8400 dioceses católicas do mundo, “só metade tem sítio na internet”. E a maior parte “são sítios velhos”, que servem apenas para anunciar as nomeações de padres ou para reproduzir as homilias do bispo. “É uma *web 1.0*, numa altura em que o mundo já pensa mover-se na *web 3.0*.”¹⁴⁴

Em Portugal, o panorama não é muito melhor. O padre António Rego, diretor do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja (SNCSI) referiu que, dos mais de 500 títulos de imprensa católica regional, “apenas 42 por cento está online”. E a quase totalidade limita-se a copiar o que é publicado nas edições em papel¹⁴⁵.

“É isto que interessa às pessoas?”, perguntava o arcebispo Celli a propósito dos conteúdos que predominam nos sítios de internet das instituições ligadas à Igreja Católica. E ironizava: “O bispo mais ativo e sensível publica no seu sítio diocesano as suas homilias. Eu pergunto, sorrindo, quem as vai ler? Um jovem de hoje não vai ler um texto de 15 páginas.”¹⁴⁶

O teólogo jesuíta João Batista Libânio acredita que há “poréns” na evangelização feita pela internet. Para ele, o evangelho não se entende como palavra para ser ouvida, mas aceita, assumida e vivida. “A midiática deixa-a no simples nível da informação. O grau máximo da

¹⁴³ Entrevista completa disponível em: <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/igreja-catolica-ainda-nao-aprendeu-a-utilizar-a-internet-1514390>.

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Entrevista completa disponível em: <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/igreja-catolica-ainda-nao-aprendeu-a-utilizar-a-internet-1514390>.

¹⁴⁶ Idem.

palavra se realiza no sacramento e esse se vivencia no interior de uma comunidade. A midiática, em vez de gerar comunidades, tem criado ilhas isoladas no silêncio dos computadores, cujas ligações não comprometem em nada a vida comunitária.”¹⁴⁷

Libânio enfatiza: “Aconteceu. Duas pessoas entrecruzaram-se em um chat. A relação afetiva entre elas navegava veloz e promissora pelos rios da internet. Em dado momento, um dos parceiros cansou-se. Simplesmente digitou delete e tudo terminou”. Assim, segundo ele, a mensagem evangélica que entra pela midiática permanece na tela enquanto for interessante. “A qualquer momento, o passivo espectador toca, bem de leve uma teclazinha do laptop, e tudo desaparece.”¹⁴⁸

Para o teólogo, a tecnologia midiática tem obtido muito pequeno resultado no fazer a ponte do virtual para o real. “Eis o desafio pastoral. A Igreja, por natureza comunhão entre fiéis, detém dentro de si a vocação de conduzir as pessoas até o encontro em comunidade. Se ela realizar tal missão, contribuirá para transformar em profundidade a sociedade midiática, individualista, hedonista em direção à ben-sonhada solidariedade humana.”¹⁴⁹

Outrossim, uma questão importante foi descoberta com a realização deste trabalho: o fato de que a festa católica do Círio de Nazaré sofreu alterações devido à inserção e ao fortalecimento dos meios técnicos móveis na romaria, conduzidos pelos fiéis (ou não), que acompanham a procissão. Percebeu-se que estes, agora, não são também mais meros “romeiros” atrás da Berlinda. Com o advento dos dispositivos móveis digitais, como celulares, smartphones, tablets, *Ipads* etc.; os romeiros passam a registrar vários momentos que consideram importantes, para si ou para divulgarem em suas redes de relacionamento e/ou nas do Círio, simultaneamente à romaria.

Ou seja, com as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, a festa sofre alterações devido ao surgimento e fortalecimento, a cada ano que passa, dos dispositivos digitais móveis, que acompanham a procissão juntamente com os romeiros. Isso se deve ao fato de que, muitos fiéis que acompanham a procissão, não mais estão ligados apenas na mesma, rezando, agradecendo, cantando e louvando durante a caminhada religiosa. Atualmente, estes mesmos fiéis estão fazendo tudo isto e muito mais, com seus celulares, câmeras etc. Com isto, eles têm a possibilidade de enviar fotos, vídeos, declarações, novidades, flagras e muito mais para quem quiserem, inclusive para a mídia.

¹⁴⁷ Entrevista completa disponível em: <http://www.domtotal.com/colunas/detalhes.php?artId=2814>.

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ Idem.

Percebeu-se, ainda, que a Igreja Católica Apostólica Romana ainda tem um enorme desafio pela frente, com relação à utilização das mídias digitais atuais para manifestar e divulgar o Evangelho, uma vez que, entre o fazer e o dizer da instituição religiosa, há uma enorme ponte que precisa ser quebrada, uma vez que, muitas vezes, a teoria (o que ela diz) não reflete a sua prática nos meios de comunicação digitais (o que realmente faz).

Com relação ao Círio de Nazaré, percebe-se ainda que o mesmo a cada ano que passa se torna cada vez mais em vias de mídiatização, com muitas pessoas acompanhando a romaria pela internet. Por isso, criaram uma nova designação da romaria – uma romaria virtual. Veja abaixo:

Figura 58 - Twitti do Círio oficial



Fonte: Elaborado pela própria autora a partir do seu perfil pessoal no Twitter.

O que se torna notório, com a conclusão desta pesquisa, que resulta do conjunto de observações feitas durante o trabalho, é que há ainda um longo caminho a ser percorrido pela igreja, no que compete à utilização dos meios tecnológicos atuais para evangelizar. Tudo isso porque, como avalia Gomes (2010), ao considerar apenas os dispositivos tecnológicos, as igrejas perdem a dimensão do conjunto e deixam de perceber o fenômeno mais amplo da mídiatização da sociedade. Permanecem, e, como avaliado nesta pesquisa, ainda permanecem na antiga ambiência e lhes escapa a interpretação do novo que está surgindo.

Avaliamos neste trabalho, com relação ao Círio de Nazaré, que a festa alterou, no ano de 2011, teoria do jornalismo, uma vez que a grande mídia – a massiva - passou a ser pautada pelas mídias digitais, que traziam a todo instante informações da procissão.

Ademais, sentiu-se a necessidade da criação de um conceito novo, o de Cultura da Convergência Religiosa, fazendo alusão à Cultura da Convergência de Henry Jenkins, para que acrescente de maneira frutífera nos estudos posteriores do campo comunicacional, com relação ao fenômeno religioso midiático em curso.

Concluimos, como consideração final, uma vez que há ainda muito trabalho pela frente para continuar a investigação e se buscar entender o que de fato acontece com a religião e a igreja no mundo digital, que, como avalia Gomes (2011), está surgindo um novo modo de

ser no mundo, representado pela midiaticização da sociedade, como citado anteriormente neste trabalho.

Assim, para a instituição católica, o dispositivo comunicacional é tomado como instrumento e/ou suporte, devidamente naturalizado, e não como um desafio conceitual que hoje enfrentam as práticas midiaticizadas dos diferentes campos sociais.

A naturalização aparece quando os meios de comunicação são tomados como instrumentos naturais, fruto do engenho humano, que possibilitarão a difusão da mensagem cristã por toda a Terra. Em nenhum momento brota o questionamento sobre o processo específico de cada um deles nem sobre a possibilidade de que a mensagem possa a vir ser modificada em função das leis que regem os processos midiáticos na sociedade atual. (GOMES, 2010, p. 154).

Então, percebemos que a midiaticização é, como diz Gomes (2010), a chave hermenêutica para a compreensão e interpretação da realidade. Nesse sentido, a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos dispositivos tecnológicos tradicionais, o que é evidenciado nesta análise do Círio de Nazaré nas redes de relacionamento. Gomes frisa:

Por isso, é possível falar da mídia como um *locus* de compreensão da sociedade. Isso é tão imperioso que a posição, já revolucionária, do *palco à plateia*, perde o seu sentido e é superada. Agora há um teatro de arena, onde não mais se pode falar de palco e plateia, pois é impossível pensar uma realidade sem palco, uma vez que ele tomou tudo. As pessoas não distinguem mais a sua vida separada do palco, sem ele. (GOMES, 2010, p. 163).

Neste caso, poderíamos dizer que o palco, para as pessoas e os jovens desta última geração, do século XXI, seriam as mídias sociais digitais, mais especificamente as redes de relacionamento, uma vez que qualquer um, em qualquer lugar e a qualquer momento, com uma ligação à internet, pode publicar o que quiser. O palco, na contemporaneidade, passa a ser, portanto, um “palco virtual”, em que todos têm direito à voz.

Os recursos eletrônicos e, sobretudo, a internet, geraram, sem dúvida, um novo tipo de sociedade que, em seu cunho pós-moderno, está difundindo novas formas de informação e comunicação entre as pessoas que dispõem desses dispositivos. Com sua presença num número cada vez maior de famílias, de escolas e até de creches, o aprendizado, o aumento constante de informações de todo tipo e a comunicação interpessoal, porém indireta, via micro, tem contribuído para uma superação cada vez mais nítida do tipo de sociedade que caracterizava a era moderna e seus recursos culturais ou sociais.

Os estilos de convivência social, cultural e religiosa mudaram profundamente e cada vez mais se fortalece a tendência para certo relativismo e para a interculturalidade. Com as

mídias digitais, isso tende a se fortalecer ainda mais, uma vez que não há tempo nem distância. Tudo fica mais próximo, mais perto, mais fácil. É evidente, então, que o fenômeno religioso também seja afetado por esta interação, que traz consigo certo relativismo e até mesmo promiscuidade nos sistemas de crenças.

Isso gera o problema: como manter a coerência religiosa e o núcleo básico da religião à qual se pertence nesse processo inovador e irrefreável de convivência sócio técnico religiosa? Como viver o cristianismo no tempo da rede? Como ser cristão na era digital? Quais os limites, desafios e possibilidades? Todas essas questões requerem ainda, e por muito tempo, pesquisa e demasiada investigação. E é o campo de estudo que esta autora pretende se debruçar nos próximos anos.

Neste trabalho, ademais, foi percebido que, as redes de relacionamento e o sítio do Círio de Nazaré, sendo este um evento que possui tamanha dimensão, não cumprem ainda de maneira satisfatória as funções que lhe são próprias neste mundo virtual. Percebem-se inúmeras brechas da falta de harmonia da Igreja Católica em Belém, com relação à festa do Círio, para com este mundo digital que, diga-se, já faz parte da realidade de inúmeras instituições, até mesmo religiosas, que utilizam com aptidão este meio de comunicação atual, como, por exemplo, o site oficial de Nossa Senhora Aparecida, de São Paulo¹⁵⁰.

O fato é que hoje a mudança é perceptível, não apenas para a igreja, mas para todas as demais instituições que sentiram a necessidade de se inserirem neste novo ambiente comunicacional. A instituição católica, por sua vez, enfrenta enormes desafios, tanto externa quanto internamente, com relação a como pensar e agir com relação aos meios digitais. As ambiguidades, contradições e controvérsias exemplificadas neste trabalho, com relatos dos seus próprios membros, apenas exterioriza o que está evidente: o quanto os meios digitais ainda são um grande desafio, sendo ao mesmo tempo um aliado e um problema, para a Igreja Católica.

Constatamos que ainda permanecem perguntas e questionamentos para se compreender a relação da religião com as mídias digitais.

O trajeto desta pesquisa contemplou o processo de midiatização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sócio simbólicas na contemporaneidade, como é o caso do Círio de Nazaré, seu sítio e suas redes de relacionamento, com ênfase geral na relação mídia e religião. Só que, sendo este um estudo novo e complexo, requer muita pesquisa daqui por diante.

¹⁵⁰ Disponível em <http://www.a12.com/>.

Como pesquisa posterior, no doutorado, almejamos continuar e expandir esta pesquisa para ousadias maiores, percebendo mais nitidamente essa relação complexa e contraditória do discurso da Igreja Católica que, na maioria das vezes, não condiz com sua prática.

Também, como estudo posterior, faz-se importante analisar como os discursos dos fiéis-internautas vão se modificando ou se consolidando nessas redes digitais, percebendo, em um período maior de tempo (no caso, quatro anos), o que continua se alterando no quadro da religião/internet, bem como o que começa a mostrar suas raízes mais sólidas nesses novos ambientes comunicacionais – os virtuais. Isto se torna relevante para percebermos que consistência o campo de estudos acadêmicos começa a criar, nesta linha de pesquisa, ao partir da prática, que vai se consolidando com a utilização cada vez mais constante dos indivíduos nessas redes digitais.

Tratam-se, sem dúvidas, de desafios posteriores que, porém, quando melhor analisados e estudados, podem contribuir significativamente com descobertas singulares para o campo Mídia & Religião.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Carlos. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa e Rodrigo Sousa, em 15 de outubro de 2010.

ALVES, Regina. **O manto, a mitra e o microfone: a midiatização do Círio de Nazaré em Belém do Pará.** 2012. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Área de Concentração em Antropologia. Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

ALVES, Rubem. **O que é religião.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1984.

AZAMBUJA, Celso. **A técnica pode ser um instrumento neutro?** Abr. 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3760&secao=357.%20Acessado%20em:%2031%20de%20agosto%20de%202011>. Acesso em: 31 ago. 2011.

AZEVEDO, Neilton Santos. **O fenômeno religioso na pós-modernidade,** jul. 2008. Disponível em: <<http://religare.blogs.sapo.pt/35170.html>>. Acesso em: 22 maio 2010.

BARBOSA, Dom Dimas Lara. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa, em 14 de novembro de 2010.

BASÍLICA SANTUÁRIO DE NAZARÉ. **Portal.** Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGA, José Luiz. **Dispositivos Interacionais.** Trabalho apresentado no XX Encontro da Compós, na UFRGS, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.

_____. Midiatização: a complexidade de um novo processo social. **IHU,** São Leopoldo, ano 5. n. 35, 2009.

_____. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006, Bauru. **Anais...** Bauru: UNESP-Bauru, 2006.

BURITY, Joanildo. Mídia e religião: os espectros continuam a rondar... **Com Ciência,** Campinas, 10 maio 2005. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/14.shtml>>. Acesso em: 11 abr. 2010.

COSTA, Francisco de Assis; DINIZ, Marcelo Bentes; FARIA, Alexandre Magno de Melo; SANTOS, José Nazareno Araújo dos; COSTA, José de Alencar. **O círio de nazaré de Belém do Pará: economia e fé.** Amazônia: Ci. & Desenv., Belém, v. 3, n. 6, jan./jun. 2008. Disponível em: <

http://www.basa.com.br/bancoamazonia2/Revista/edicao_06/C&D_Vol_VI_Cirio_de_Nazare_de_B.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2013.

CRISTELLI, Vittorio. **Tempos de ciberpastoral?** Jun. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/43978-tempos-de-ciberpastoral>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

DÁVILA, Brenda Maribel Carranza. **Movimentos do catolicismo brasileiro: cultura, mídia, instituição.** 2005. 575 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

FAUSTO NETO, Antonio. A midiatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim. **IHU**, São Leopoldo, ano5, n. 35, 2009.

_____. **Midiatização – Prática social, prática de sentido.** Trabalho apresentado no Encontro de Rede Prosul – *Comunicação, Sociedade e Sentido*, no seminário sobre Midiatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo, 2006.

_____. **“O Círio em disputa: sentidos da fé e/ou sentidos da mídia?”** In: Conferência Brasileira de Folkcomunicação, edição, Campo Grande, 2001. Anais... Campo Grande: Folkcom; Intercom, 2001. CD-ROM.

FELINTO, Erick. **Existe a ‘Cibercultura’?** Indicações para uma Possível Cartografia do Mundo Digital”. In: *Passeando no labirinto: ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

FERREIRA, Jairo. **As instituições e os indivíduos no ambiente das circulações emergentes.** São Leopoldo, 2010.

_____. **Dispositivo como objeto de investigação.** São Leopoldo, 2011.

FIGEENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização do campo religioso: tensões e peculiaridades de uma relação de campos.** Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Fiegenbaum.PDF>. Acesso em: 24 jan. 2013.

FIGUEIREDO, Silvio José de Lima. **Círio de Nazaré: um dos maiores rituais do mundo.** Out. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/500485-cirio-de-nazare-um-dos-maiores-rituais-do-mundo-entrevista-especial-com-silvio-jose-de-lima-figueiredo>>. Acesso em: 14 out. 2011.

FOLEY, John. **Pontifício Conselho para as comunicações sociais - Igreja e a Internet.** Vaticano, 22 de fevereiro de 2002. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html#_ftn5>. Acesso em: 04 nov. 2010.

GOMES, Pedro Gilberto. **A pergunta pela pergunta nos processos midiáticos.** Unisinos, São Leopoldo, primeiro semestre de 2011.

_____. A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto. **IHU**, São Leopoldo, ano 5, n. 35, 2009.

_____. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiaticização.** São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. Decifra-me ou te devoro: sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 34, n. 94, 2002. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/608/1031>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

_____. **Espiritualidade na Internet: o surgimento de uma nova religião?** Mar. 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3107&secao=323>. Acesso em: 26 fev. 2013.

_____. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** São Leopoldo, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa, em 3 de setembro de 2010.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HENN, Ronaldo. **Acontecimento em rede: crises e processos.** [S.l.: s.n.], 2011.

INCAMPO, Giovanni. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa e Ivi Salzer, em 15 de novembro de 2010.

Instrução pastoral communio et progressio sobre os meios de comunicação social publicada por mandato do concílio ecumênico II do Vaticano. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23_051971_communio_po.html>. Acesso em: 03 nov. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2008.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

KEEN, Andrew. **O culto do amador.** Como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. **Desafios da igreja em face da sociedade midiaticizada,** jun. 2012. Disponível em: <<http://www.domtotal.com/colunas/detalhes.php?artId=2814>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

LIMA, Glaudemir. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa, em 30 de setembro de 2010.

LUNA, Riccardo. **Bento XVI no Twitter: um púlpito inacessível e sem filtros na rede,** dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/516145-bento-xvi-no-twitter-um-pulpito-inacessivel-e-sem-filtros-na-rede>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

MARUJO, Antônio. **Igreja Católica ainda não aprendeu a utilizar a internet**, set. 2011. Disponível em: < <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/igreja-catolica-ainda-nao-aprendeu-a-utilizar-a-internet-1514390>>. Acesso em: 05 mar. 2013.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 12^a. Ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MENDES, Euclides Santos. **Mediações jornalísticas na área da comunicação de massa: o ombudsman** na imprensa do Brasil e de Portugal. 2007. Tese (Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo).

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PIGHIN, Cláudio. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa, em 24 de setembro de 2010.

PORTAL DO SAL. **Cartaz do Círio 2011 traz novas fotos de fiéis**. Disponível em: < <http://www.portaldosal.com.br/?p=625>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

PUNTEL, Joana T. **Cultura midiática e igreja: uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Contribuições e desafios das mídias católicas**. 3 abr. 2008. Disponível em: < <http://www.rccrj.org.br/index.php/component/content/article/40-ministro-de-comunica-social/619-texto-contribuis-e-desafios-das-mas-catas>>. Acesso em: 24 jan. 2013.

RICCIERI, Pina. **Formação ao alcance de um clique: comunicação digital: desafios e oportunidades**. São Paulo: Paulinas, 2012.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **"Não há divórcio entre a evolução biológica humana e a revolução tecnológica."** Nov. 2011. Disponível em: < http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4218&secao=381>. Acesso em: 15 dez. 2011.

SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA APARECIDA. **Portal**. Disponível em: < www.a12.com>. Acesso em: 07 fev. 2013.

SBARDELOTTO, Moisés. Interações em rituais online: a midiatização do fenômeno religioso na internet. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 11., 2010, Rio Grande do Sul. **Anais eletrônicos...** Disponível em: < <http://www.scribd.com/doc/35066114/Interacoes-em-Rituais-Online-A-Mediatizacao-do-Fenomeno-Religioso-na-Internet>>. Acesso em: 08 out. 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do santo ofício à libertação**. O discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.

SODRÉ, Muniz. **A interação humana atravessada pela midiatização**. Abr. 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2476&secao=289>. Acesso em: 28 jul. 2011.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. **Internet é um novo contexto existencial**, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/45395-internet-e-um-novo-contexto-existencial-diz-especialista>>. Acesso em: 01.09.11.

TELES, André. **Igreja Católica, mídias sociais e evangelização na contemporaneidade: caminho (Im) possível?** Belém, 2010. Entrevista concedida a Thamiris Sousa e Ivi Salzer, em 16 de novembro de 2010.

VATICANO. **Decreto sobre os meios de comunicação social *Inter mirifica***. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 02 nov. 2010.

VERÓN, Eliséo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Diálogos de la Comunicación**. Lima, n. 48, out. 1997.

ZAGO, Gabriela da Silva. **A experiência do acontecimento jornalístico no twitter a partir de sua recirculação**. Trabalho apresentado no 9ª Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em novembro de 2011.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM PADRE ANDRÉ TELES 2010¹⁵¹

– Como você avalia a utilização das Novas Mídias pela Igreja Católica?

André Teles: É uma grande oportunidade que a Igreja é consciente de que ela precisa também alcançar esses meios. Inclusive nós tivemos no início desse ano, em nível de CNBB, um Congresso Nacional por parte de Comunicações Sociais da CNBB, que justamente teve como tema: Orkut, MSN, Facebook. Como evangelizar por meio desses meios de comunicação? E, chegaram a conclusão do incentivo feito aos padres, aos religiosos, de poderem utilizar esses meios para evangelizar os jovens, as pessoas, tanto que a partir daí se viu uma explosão de Blogs de padres; padres presentes no Facebook, no Orkut, para que pudessem, de uma forma ou de outra, evangelizar. Então, a Igreja vê com bastante positividade, na questão de poder incentivar, para que os padres, religiosos, possam utilizar esses meios de comunicação.

– Em nosso trabalho, tivemos que entrevistar alguns padres que tivessem Blog. E, para nossa surpresa, foi muito difícil encontrar um que utilizasse essa mídia. Portanto, como o senhor avalia essa situação aqui em Belém? A questão não é também cultural, geográfica? Uma vez que o senhor diz que aumentaram significativamente o número de padres que aderiram às redes sociais no Brasil?

André Teles: Eu já ia dizer isso. De fato, é geográfico. São dois fatores: O primeiro cultural e o segundo geográfico. Imagina: no início do ano foi que a Igreja incentivou a procura, então, o investimento feito para a procura desses meios de comunicação e evangelizar por meio deles. Porém, vocês sabem que as distâncias são enormes aqui na Amazônia. Para cada padre há em torno de 70 000 a 80 000 habitantes, em cada Paróquia sua, pra um padre, às vezes, ou para dois. Isso significa que ele deve atender pessoalmente 30 000 a 40 000, idealmente, deveria chegar, mas a gente sabe que é impossível. Então, é muito difícil pra nós termos um tempo para que nós possamos ficar no computador, criar um Blog,

¹⁵¹ Entrevista concedida dia 16.11.10. André Teles é padre diocesano, pertencente à Arquidiocese de Belém do Pará. Tem 31 anos, há cinco é sacerdote. É bacharel em Filosofia, Teologia e Mestre em Literatura Clássica Cristã, que na linguagem específica chama-se Patrística, que é o estudo dos padres da igreja, do primeiro ao sexto século desta instituição, realizado em Roma. Tem Twitter, E-mail, Orkut, Facebook. Tem um programa na TV católica de Belém, a TV Nazaré, intitulado *Questão de fé*, que é um programa de entrevistas sobre temas relacionados à teologia, com especialistas e também pessoas ligadas à vida pastoral da própria Arquidiocese ou da igreja. Também é diretor de estudos de Filosofia e Teologia do Seminário de Formação para os Seminaristas. E, ainda, é pároco de uma Paróquia em um bairro de um município na Região Metropolitana de Belém, Ananindeua, chamado Distrito Industrial.

ou então, no máximo nós já tínhamos isso, porém feito de um modo muito esporádico, mas não estruturalmente. Portanto, considero que uns dos fatores para essa dificuldade aqui na Amazônia são o geográfico e depois o cultural. Como nós somos poucos para tanto trabalho, então, muitas vezes, a gente não tem tempo quase nem de atender, como padres, àquelas comunidades que precisam da presença do padre e, menos tempo ainda, a gente encontra pra poder ficar no computador, fazer alguma coisa. Já é uma realidade diferente no Sul. Lá você já encontra realidades geográficas menores, ou seja, menos extensas, onde o padre, de uma forma ou de outra, foras as capitais, porque elas têm também, como São Paulo, Belo Horizonte, seus desafios como a capital Belém. Mas, de qualquer forma, os interiores são muito mais fáceis de você poder administrar seu tempo, tanto para uma possível evangelização por meio dos novos meios de comunicação, como Blog, MSN, Facebook, Orkut etc., e também de modo personalizado, no acompanhamento que ele faz pastoral das pessoas.

– Com relação às novas mídias, quais são as vantagens e desvantagens que o senhor vê com relação às mídias tradicionais?

André Teles: As vantagens, que nós percebemos, é a aproximação das pessoas em qualquer parte do mundo, ou seja, as pessoas estão muito mais conectadas, elas quebram barreiras para que possam, quem sabe, descobrir ou ter a oportunidade de conhecer certas coisas que, por metodologias tradicionais, você precisaria ir a uma biblioteca, até mesmo viajar para poder, por exemplo, talvez, ir a uma biblioteca muito mais estruturada e fazer suas pesquisas e tudo o mais. Então, eu vejo que uma grande vantagem é essa: é a aproximação maior do campo do conhecimento e da cultura. A desvantagem que nós percebemos, como Igreja Católica, é justamente a falta de personalização na relação com o outro. Isso faz com que você acabe se afastando, cada vez mais, das pessoas, assim, na relação concreta. Você não vê mais nos olhos das pessoas. Não senta pra conversar, pra perguntar: “Como é que você está?”. Porque você pode muito bem estar dentro do seu quarto; você pode muito bem criar o seu mundo, como a Internet, onde tenha computador. Você tranquilamente fica uma semana, poderia ficar uma semana no seu quarto, trancado, conversando com todo o mundo, mas, sozinho, dentro do seu quarto, na tela de um computador. Então, a gente vê que um dos grandes perigos e ameaças, diria assim, é você acabar se desenvolvendo, na dinâmica de sua vida, de uma maneira que não tenha mais capacidade de olhar no olho do outro. Não ter mais capacidade de apertar a mão de alguém. De poder acreditar que uma amizade pode ser feita também desse modo, sentando, conversando junto, discutindo junto, mas, estando junto. Hoje, por exemplo, pergunta-se muito sobre a tendência de confissão *on-line*. Já vieram até me

perguntar: “Padre, eu posso, por exemplo, de repente, conversar com o senhor e confessar pelo MSN?” Eu digo: “Não.” (Risos). Eu posso, talvez, responder alguma pergunta, alguma coisa. Ou seja, ainda a igreja insiste muito nessa questão da relação com o outro, concretamente.

– Como você avalia a tendência que as pessoas têm, hoje, de fazer quase tudo *on-line*? Como o senhor analisa o fato de uma pessoa, por exemplo, deixar de acender uma vela em uma capela para fazê-la virtualmente?

André Teles: É. É um fenômeno novo que a gente acompanha, isso de você poder, *on-line*, fazer quase tudo. De fato, acender uma vela, ou então, assistir partes de uma missa, de qualquer forma, não substitui a essência de você ir numa Igreja, comprar uma vela, acender e fazer sua oração. Ou então: ir numa Igreja e poder participar da Santa Missa. Então, a gente considera como uma possibilidade que existe. Porém, depende muito da intenção com que cada pessoa faz aquilo. Eu posso muito bem acender uma vela *on-line*, achar interessante, mas eu não consigo fazer uma oração diante do computador, acendendo aquela vela. Então, a missa que eu assisto pela Internet não substitui aquela de corpo presente, indo a uma igreja. Então, se existem pessoas que vivem, em relação a esse tipo de meio, com essas intenções, então, é grave. Eu consideraria grave o fato de que, então, aquela pessoa já está começando a entrar numa fase que ela está substituindo aquilo que é o real, por aquilo que é o virtual. E nós sabemos que, patologicamente, quando isso acontece, é patológico já. Uma das patologias é a própria esquizofrenia, você trocar o real pelo que você cria na sua mente. Portanto, a igreja vê, a partir da intenção da pessoa, com uma grande preocupação, tanto que ela insiste muito, ainda, de que os sacramentos são válidos quando você os recebe corporalmente. A missa só é válida quando você vai à igreja aos domingos; a confissão não existe *on-line*. Eu posso muito bem, como às vezes, aqui, nós acessamos uma missa que o Papa está celebrando em uma viagem ou em Roma. Mas, eu sei que não é a missa mesma que eu participaria se estivesse ali presente. Mas, é claro, nós estamos caminhando muito, ainda, nas reflexões mais estruturadas sobre tudo isso, porque, como é uma realidade nova. Existe um setor da CNBB, que é o setor das Comunicações Sociais, que está se estruturando nesse ponto de vista.

– O senhor acredita que a Igreja Católica esteja utilizando adequadamente as Novas Mídias? Está dando resultados? O que falta ainda, em sua opinião?

André Teles: Nós não temos acesso a um tipo de estatística oficial, que possa dizer se, de fato, desde quando a igreja entrou nessas novas mídias, tem dado resultado ou não. Talvez até o próprio Vaticano tenha essas informações. O Papa, por exemplo, encontrou-se com um grupo de pessoas, este ano, que estavam fazendo um Simpósio de Comunicação na Igreja. E

ele fez uma mensagem àquelas pessoas, falando do que a igreja ainda precisa fazer hoje para poder conseguir comunicar. Ou seja, significa que ele ainda fala da necessidade de comunicação. Se ele fala da necessidade de comunicação ele diz que os meios nós temos, mas ainda não conseguimos atingir um fim. É por aí que a gente sabe, então, se a igreja está conseguindo ou não, por meio daquilo que o Papa pede, interpela, apela. Eu considero como o início ainda. Nós ainda não estamos estruturados. No nosso caso, geograficamente, nós temos ainda muitas dificuldades, porque muitos não têm acesso, ainda, à Internet. Não é 100% da juventude amazônida que tem acesso à Internet. Você pode ver aí pelos *Cybers*, o quanto que eles estão lotados. Isso significa, então, que a maioria desses jovens procura a internet, mas não tem em casa. E depois, quando procuram a internet, é mais pra site de relacionamentos, mas não para uma possível pesquisa, só se a escola pede, então, você vai procurar alguma coisa. Ma, na verdade, pelo que eu percebo, a maioria dos jovens que tem acesso à Internet, não procura conhecer ou aprofundar determinadas coisas porque perde muito tempo em sites de relacionamentos.

– Em trabalho realizado em 2010, foi feita pesquisa de campo, em que foram distribuídos 600 questionários para pessoas católicas (praticantes ou não), com idade mínima de 14 anos, de Belém e Região Metropolitana. Obteve-se como resultado um dado interessante: percebeu-se que a maioria dos entrevistados, as pessoas que frequentavam a igreja, não sabiam que existiam as mídias atuais, como Orkut, Twitter, Facebook etc., da instituição religiosa católica. Outra parcela até conhecia, mas nunca tinha acessado. Como o senhor avalia esses resultados? O que falta para a Igreja Católica para que esse trabalho seja mais conhecido e acessado?

André Teles: Não é nem tanto a Igreja. Somos nós mesmos. A igreja já está fazendo a sua parte. É como se você faz uma propaganda e coloca no outdoor. Está lá a propaganda. Você fez a sua parte. Alguns lêem, outros não. A mesma coisa é a Igreja com os meios de comunicação. Ela fez a sua parte de entrar nesse meio e poder usar as novas mídias para você poder dizer: “Nós temos a possibilidade de falar com quem quisermos, por meio dessas novas mídias.” Porém, de fato, aqui esbarramos num grande problema geográfico, cultural e religioso também. Religioso que eu considero pelo fato de que, tirando as novas mídias, mas já no ponto de vista da fé, as pessoas não se comprometem muito mais com a religião. Uma boa parcela das pessoas não consegue mais encontrar respostas, o sentido de vida na religião, porque a vêem mais como uma obrigação ou uma imposição, do que como uma possibilidade de você encontrar um sentido para sua vida. Isso acaba refletindo, então, justamente na procura. Imaginemos: se tem dificuldade de vir à igreja, vai ter ainda mais em acessar esses

meios. Claro que, da nossa parte, também pode ser que necessite um pouco mais de investimento, nesse ponto de vista. Por exemplo: talvez, para a Arquidiocese, fazer formações com os padres, não tivemos ainda, sobre novas mídias e comunicação. E vários outros fatores. Por exemplo, a necessidade de nós podermos utilizar mais a Fundação Nazaré de Comunicação, por exemplo, acaba ficando com uma coisa bem restrita a alguns padres. Porque existem sacerdotes que têm pavor de câmera. E, quando me pedem para fazer algum programa com padres, tenho dificuldade enorme de encontrar um para gravar. Porque não são todos que querem enfrentar uma câmera. Então, vocês percebem os fatores mínimos? Eu considero que não sejam o que a igreja precisa mais. Sim, ela precisa, talvez, investir um pouco mais. Mas, eu tenho a impressão de que são duas vertentes, de uma única realidade que já existe, porém que não cabe a uma, mas as duas, de uma maneira recíproca.

– O senhor acredita que tudo isso seja consequência de uma sociedade que se encontra cada vez mais midiaticizada, pós-moderna, que tem como reflexo a secularização da religião e um indivíduo cada vez mais fragmentado. Nesse cenário, a religião não seria mais uma obrigação e, sim, uma opção?

André Teles: Eu considero como um grande fator e um dos fatores que leva a toda pesquisa que vocês estão fazendo. De fato, essa sociedade, hoje, pós-moderna, que nós consideramos como reflexo de uma sociedade fragmentada, subjetivista, acaba refletindo nos meios de comunicação e novas mídias. O fato de você ficar, cada vez mais, isolado e ter amizades com pessoas que nunca viu na vida, são resultados, de fato, de uma cultura, na qual, cada vez mais, estamos nos afastando de nós mesmos para poder ver outras realidades, porém, sem se comprometer com elas.

– O senhor acredita que a Igreja Católica utilizando as novas mídias faz com que surja uma nova religiosidade? Ou não tem nada a ver?

André Teles: Não. Não tem nada a ver. Do ponto de vista sociológico, antropológico, tenho impressão que muda a característica do homem, da mulher e da sociedade. Eu considero, talvez, um novo perfil, que nós encontramos, de homens e mulheres, dentro dessa sociedade. Ou seja, quando nós falávamos de ideologia, eram pessoas que lutavam por uma causa, mesmo sabendo que aquela causa era manipulada por meio do pensamento, graças ao contato que se tinha, dos partidos políticos, nos grupos sociais etc. Mas, não tendo mais isso, qual é o novo perfil agora de homem e de mulher pós-modernos? Que tipos de desejos e anseios eles têm, sabendo que se encontram em uma realidade que, cada vez mais, se afasta de si, mas que, na religião, não consideraria como algo novo, mas uma preocupação. As pessoas ainda continuam religiosas, continuam procurando a Deus, porém de sua maneira. Ou

seja, ainda continuam procurando ou o catolicismo, ou o protestantismo ou o fenômeno evangélico, sabem o que são, porém, procurando da sua maneira. Então, quando se fala em nova religião, nova religiosidade, seria uma nova característica, uma nova estrutura de religião, baseada nas novas mídias talvez. Ou seja, a missa continua a mesma coisa. O fim é o mesmo. O meio que muda. O que acontece hoje é que a gente acaba trocando: colocando o meio como fim e o fim como meio.

APÊNDICE B - ENTREVISTA COM PADRE ANDRÉ TELES 2013¹⁵²

- O senhor utiliza as redes de relacionamentos da Internet, como Facebook, Blog e Twitter? As utiliza com que frequência? Tem muitos amigos e/ou seguidores? Intera com eles?

André Teles: Comecei a utilizar as redes sociais ainda quando fazia o bacharelado em Roma. Em 2003, 2004, pela primeira vez utilizei a Internet. Naquela época, conhecíamos a rede no seminário, porém, apenas a utilizávamos para as pesquisas escolares. Dessa forma, quem poderia ter acesso somente à Internet, pela própria restrição naquela época, no caso, era o Reitor. Então, sempre quando nós precisávamos de alguma coisa na rede, nós íamos no escritório dele, pesquisávamos, imprimíamos e depois realizávamos os nossos trabalhos. Quando fui para a Itália, então, foi ali que entrei pela primeira vez no e-mail. Pedi até para um amigo meu mexicano me ajudar. E, a partir daí, então, comecei a utilizar pela primeira vez o sistema de e-mails, para poder me corresponder.

Redes Sociais na Internet

A partir daí, fui utilizando a Internet, até mesmo pela questão da Universidade, porque tudo lá era por meio da Internet. O que naquela época, para mim, era novidade. Então, fui pela primeira vez vendo o que era uma rede social digital, por meio do Orkut. Pensava que isso era coisa de adolescente. Mas, meu irmão me convenceu a entrar nessa rede social. E o que me chamou a atenção era ver pessoas que há anos não via, como amigos de infância, de escola, que depois de um tempo, mudando de escola, você não veria mais, mas ali, naquela rede social, você tinha a oportunidade de poder vê-los. E daí, então, foi que ele me convenceu e fiz minha inscrição no Orkut. A partir de então, passei a me comunicar com amigos distantes e, posteriormente, migrei para o Facebook.

Facebook

O Facebook é interessante porque a primeira vez que utilizei essa rede social foi também na Itália e, quando vim para o Brasil, na terceira vez de férias, depois de quatro anos

¹⁵² Entrevista concedida dia 08.01.13, em Belém do Pará. André Teles é padre diocesano, pertencente à Arquidiocese de Belém do Pará. Tem 31 anos, há cinco é sacerdote. É bacharel em Filosofia, Teologia e Mestre em Literatura Clássica Cristã, que na linguagem específica chama-se Patrística, que é o estudo dos padres da igreja, do primeiro ao sexto século desta instituição, realizado em Roma. Tem Twitter, E-mail, Orkut, Facebook. Tem um programa na TV católica de Belém, a TV Nazaré, intitulado *Questão de fé*, que é um programa de entrevistas sobre temas relacionados à teologia, com especialistas e também pessoas ligadas à vida pastoral da própria Arquidiocese ou da igreja. Também é diretor de estudos de Filosofia e Teologia do Seminário de Formação para os Seminaristas. E, ainda, é pároco de uma Paróquia em um bairro de um município na Região Metropolitana de Belém, Ananindeua, chamado Distrito Industrial.

que estava lá, falava aqui de Facebook, mas ninguém conhecia. Então, comecei a utilizar o Facebook muito antes de ele ser conhecido aqui no Brasil. Depois, ele acabou chegando aqui e, posteriormente, também o Twitter.

Do ponto de vista da profissão, utilizamos muito ainda essas redes sociais. E poderíamos dizer que o Facebook hoje também é um grande meio de evangelização. Tanto que a igreja já descobriu isso, e descobriu por meio de muitos trabalhos de Congregações Religiosas, inclusive, entre elas a Paulinas e Paulus, que são congregações religiosas que têm como carisma os meios de comunicação. Inclusive têm irmãs que se destinam apenas a responder questões dos internautas pelo Twitter, Facebook e mensagens de vocacionados e vocacionadas, que pensam ser religiosos ou religiosas.

Twitter

Acabo fazendo a mesma coisa que o Papa, talvez. São poucas as pessoas que eu sigo. Na verdade, utilizo o Twitter mais por curiosidade, até porque não me atraía muito a questão desta rede como uma funcionalidade, no que diz respeito ao estudo, à formação. Era mais, talvez, uma questão de ver o que você está fazendo naquele momento, os comentários e todas as outras coisas que o Twitter proporciona.

Internet e Igreja

A Internet hoje é algo que na igreja é muito utilizado, como, por exemplo, no ponto de vista informativo. Atualmente, o Papa tem um Twitter. A própria igreja, muito antes da explosão midiática e das redes sociais, já se preocupava com os meios de comunicação e a sua relação com ela. O Papa dedica uma mensagem, sempre no dia Mundial das Comunicações, em julho, falando sobre a relação igreja e Meios de Comunicação.

Publico, de vez em quando, algumas mensagens no Facebook e já ouvi vários fiéis virem me dizer: “Padre, as suas mensagens são muito boas. Eu gosto delas quando o senhor coloca”. Ou seja, a gente percebe também a força evangelizadora que tem hoje as redes sociais. Muito mais do que “exorcizá-las”, a igreja já é consciente de que as redes sociais são uma espécie de faca de dois gumes. Ou seja, você pode utilizá-las para o bem mas também para o mal. Por isso que a instituição católica insiste muito na questão da formação de como utilizar a rede hoje. Não mais dizer assim: elas não têm alguma coisa que possa ser útil. Pelo contrário. Agora, o discurso é: saiba utilizá-las de uma maneira cristã.

- Como o senhor avalia a confissão e alguns sacramentos na rede? Estes podem ser realizados on-line? Por quê? O senhor concede bênçãos on-line?

André Teles: Continuamos mantendo aquele critério da igreja, que é ensinado por meio da catequese. Ou seja, nós ensinamos aos nossos fiéis o que são os sacramentos e quais

são os efeitos desses sacramentos em nossa vida. Então, no que diz respeito ao modo como recebemos esses sacramentos, dizemos que eles sempre têm que ser concedidos presencialmente. Ou seja, existem sete sacramentos na igreja. Todos eles têm que entrar em contato por meio de uma simbologia, seja o óleo, a unção, a própria eucaristia, que você oferece para a pessoa no momento da missa em que você distribui o corpo de Cristo. Porém, uma das coisas que talvez mais são discutíveis é a questão da confissão.

Polêmica

A grande confusão que se faz hoje é essa: muitas vezes, as pessoas confundem o sacramento da reconciliação, ou chamado de confissão, que é o termo mais conhecido, com aconselhamento. São duas coisas distintas e que isso para a igreja é muito claro.

Sacramento da reconciliação

O sacramento da reconciliação é o momento em que os fiéis são conscientes do pecado que cometeram, tendo o pecado uma dimensão comunitária. Ou seja, quando eu peço, por mais que só eu saiba qual foi o meu pecado, espiritualmente sou ligado à igreja pelo batismo. Portanto, em qualquer lugar do mundo que eu for, se me digo católico, sou recebido como tal e entendem que eu sou um católico. Isso então me faz ter uma ligação espiritual. E tendo essa ligação espiritual, quando eu peço, por mais que seja um pecado pessoal e que só eu saiba, eu também levei toda a igreja comigo. Fiz com que a comunidade eclesial, a assembleia, pecasse comigo. Então, o sacramento da reconciliação ou a confissão, é justamente esse momento em que eu, com o meu pecado, peço perdão àquele que é o representante, no caso, o sacerdote, que é a mediação entre a divindade e a humanidade, e a partir daí recebo esse perdão em nome de Deus. A partir do momento em que eu recebo esse perdão de Deus, eu me reconcilio com toda a igreja. Isso tudo tem fundamento teológico. Para que eu receba esse perdão, faz-se necessário que eu esteja, para recebê-lo, pessoalmente. Ou seja, o padre impõe as mãos e tem todo um critério de rito para que você possa receber aquele sacramento.

- Então, no que consiste o sacramento da reconciliação?

André Teles: Ele consiste no fato de que o fiel se arrepende dos seus pecados, faz o exame de consciência, procura um sacerdote, acusa esses pecados, e depois, então, recebe o perdão. Basta.

Aconselhamento

Outra coisa é o aconselhamento. Fiz toda essa explicação para justamente demonstrar onde está a confusão.

Quando há o aconselhamento, em que uma pessoa procura um padre, não existe um critério estabelecido pela igreja específico no que diz respeito a ele, porque pode ser dado, justamente, pessoalmente, quando a pessoa procura um sacerdote, como se fazia, aliás, muito antes dos e-mails e das redes sociais.

Os embriões da comunicação primitiva da igreja

Por exemplo, as próprias cartas de São Paulo, no Novo Testamento, nasceram como necessidade de Paulo, já que ele não podia mais retornar às comunidades, escrever para as mesmas os conselhos que queria dar para aquela comunidade cristã. E daí, então, nascem as cartas de São Paulo. Se você pegar essas cartas hoje, irá perceber que elas são os embriões da comunicação primitiva que era feita na igreja naquela época. Então, São Paulo criou uma determinada comunidade cristã, por exemplo, Coríntios, e não podia mais retornar ao local, justamente por causa da dificuldade de locomoção naquela época. Ele, de longe, escutava notícias, porque mensageiros vinham dizer como é que estava a comunidade e ele escrevia a elas para dar conselhos, dizendo justamente como é que elas deveriam viver. Então, a igreja vivia já naquela época, à distância, os aconselhamentos necessários para que aquela comunidade pudesse, então, tirar dúvidas sobre fé, doutrina ou alguma outra coisa.

Então, o aconselhamento no catolicismo é justamente isso: é quando o padre, ou de uma maneira pessoal ou à distância, pode aconselhar alguém.

Os aconselhamentos nas redes sociais da Internet

A igreja não oferece sacramentos nas redes sociais. Mas, oferece aconselhamentos, isso sim. Uma pessoa que à distância precisa de alguma coisa, uma dúvida, um conselho, o padre oferece aquele aconselhamento. Agora, no que diz respeito aos sacramentos, ainda não existe na igreja algo que possa substituí-los de uma forma à distância, por exemplo.

Os detalhes

Existem muitos outros aspectos. Porém, são detalhes. Por exemplo, hoje já se fala de uma bênção que pode ser concedida, seguindo alguns critérios, por meio de mensagens radiofônicas ou televisivas. Mas, isso requer alguns critérios. Exemplificando: pessoas impossibilitadas, enfermas, podem, dessa maneira, participar ou terem aquela presença, naquele momento, ali e, então, já se concede essa bênção. Porém, sempre com critérios claros que a igreja explica antes. Ela, sempre quando faz alguma coisa, tem o cuidado de explicar antes aquilo que faz. Essa questão das bênçãos tem todos os critérios. Porém, não são substituições. Não substitui a presença.

Eu, por exemplo, posso ir para a missa no domingo, mas acordei indisposto e vou assistir a missa pela televisão. Esse ato não substitui o preceito dominical de você ir para a

missa. Mas, é diferente daquele que está impossibilitado que, por exemplo, não pode se locomover ou enfermo, que não pode sair de casa por recomendações médicas, etc. Nesses casos, a igreja oferece a possibilidade dessa pessoa, acompanhando a missa pela televisão e recebendo o sacramento da eucaristia por um ministro, cumprir o preceito dominical.

- Qual o erro teológico de uma pessoa com bastante fé, na frente de uma televisão, com um pão e um vinho, abençoá-los e comer o pão e tomar o vinho acreditando que eles tenham se transformado, respectivamente, no Corpo e no sangue de Cristo?

André Teles: Para que aconteça a Eucaristia, existe toda uma estrutura lógica. Ela acontece quando você oferece o Pão e o Vinho, que são matérias, fabricadas próprias para a missa. Inclusive, elas seguem todo um critério de fabricação porque não é qualquer pão e nem qualquer material que você utiliza para fazer uma hóstia. O vinho também segue o mesmo preceito. Não pode ser qualquer vinho. Então, a igreja dá alguns critérios para que o pão e o vinho, que são as matérias para o sacrifício, ou seja, matérias para a missa e para o ofertório, sejam fabricados.

Intenção

Depois, para que o pão e o vinho sejam transformados no corpo e sangue de Jesus, é necessário que o padre tenha uma intenção. Então, naquele momento na missa, a intenção do sacerdote é consagrar aquele pão e aquele vinho que estão diante dele.

Presença física

Outra coisa: para que possa ser consagrado o pão e o vinho, eles têm que estar, todos, ali no altar. Por isso que existe o altar dentro das igrejas, porque é lá justamente que se faz isso, daí existir toda a sacralidade do altar, etc.

Então, resumidamente, para que possa acontecer aquilo que nós chamamos de transubstanciação, ou seja, a transformação do pão e do vinho no corpo e sangue de Jesus, faz-se necessário:

- 1º) Que eles estejam ali no altar;
- 2º) Que o padre tenha a intenção de poder consagrar aquilo que está diante dele;
- 3º) E a partir daí, ele faz a invocação do Espírito Santo, que a gente chama, na linguagem técnica, de epiclese¹⁵³. Então, naquele momento, tem que estar ali, porque o padre pede, naquela hora, para aquele cálice e para aquelas hóstias que estão diante dele.

¹⁵³ Na teologia cristã, epiclese ou epiclesis é a oração de invocação que pede a descida do Espírito Santo nos sacramentos. Ela é especialmente importante e fundamental na missa, acontece depois do canto do Santo, em que o sacerdote pede que o Espírito Santo desça sobre a comunidade e as oferendas do pão e do vinho. O Catecismo da Igreja Católica possui vários cânones e instruções sobre a necessidade e o meio de aplicar a epiclese.

Tudo o que está fora daquele contexto, então, não é consagrado. A partir de então, não chamaria de erro. Talvez seja uma falta de formação. Porque, se você coloca o pão e o vinho diante da televisão e considera que aquele pão e aquele vinho se transformaram no corpo e no sangue de Jesus, pela sua fé, então significa que há alguma coisa que você precisa entender melhor, no que diz respeito à catequese eucarística. Porque, senão, fica uma coisa muito mágica, e a igreja se preocupa bastante com a questão de costumes e comportamentos mágicos, que nos Atos dos Apóstolos já aparece. E tudo o que vivemos hoje, portanto, tem toda uma tradição que vem de muitos anos e que tentamos manter, apesar de todas as dificuldades.

- Isso me fez lembrar a questão da descida do Santíssimo, que muitos padres realizam durante a celebração da missa e outros não. Trata-se de uma coincidência ou alguns padres são divergentes, mesmo, com relação à descida do Santíssimo para adoração dos fiéis na missa? Em que data essa descida é, de fato, autorizada pela Santa Sé?

André Teles: Na verdade, existe um critério dado pela igreja no mundo todo no que diz respeito à administração dos sacramentos. Tanto que isso aparece no que nós chamamos de Código de Direito Canônico. No quinto século da igreja, nós já tínhamos um Código de leis e normas, que os cristãos seguiam, por causa das influências do Império, quando a igreja o protelou naquela época, a partir do quarto século. Então, no Código de Direito Canônico existem todas as normas que regem a instituição católica, tanto no ponto de vista administrativo, de bens; como também no que diz respeito aos sacramentos. E, no que diz respeito a estes últimos, a Eucaristia tem todas as normas, normas essas utilizadas em todo o mundo. Agora, é claro, essas normas, posteriormente, são adaptadas à realidade, mas sempre aprovadas pela Santa Sé. Tanto que no Brasil existem determinados comportamentos que nós não vamos encontrar na Itália, na França, na Europa, na Ásia ou em qualquer continente, mas serão encontrados aqui. Porém, isso teve uma aprovação direta da Santa Sé. Nós mandamos o projeto, eles leem, a partir daí, se eles aprovam, nos enviam a autorização para podermos realizar aqui.

A descida

Nesse caso, então, no que diz respeito à descida, existe uma norma na igreja de que isso só poderia ser feito na festa de Corpus Christi¹⁵⁴, uma vez ao ano. Tanto que a liturgia

¹⁵⁴ Corpus Christi (expressão latina que significa Corpo de Cristo) é uma festa cristã, realizada na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade, que, por sua vez, acontece no domingo seguinte ao de Pentecostes.

pede (na letra em vermelho do folheto, que só os padres leem), se for possível, oportuno ou de acordo com a realidade local, então, se faça uma procissão com o Santíssimo Sacramento para que você, publicamente, por causa da festa de Corpus Christi, torne pública a fé cristã na Eucaristia. Fora isso, não se deveria pegar o Santíssimo e levá-lo para o interior da igreja e passá-lo no meio da multidão. Isso é uma coisa que algumas igrejas ou Paróquias fazem, mas que sabem muito bem que não pode ser feito, porque existem critérios para que isso possa acontecer.

– Como o senhor vê e considera o papel dos sites de relacionamento para o Círio de Nazaré, em particular, de alguns anos para cá?

André Teles: Já há três anos, faço a cobertura do Círio no estúdio da Fundação Nazaré, comentando durante a exibição das imagens. Como padre católico cristão e paraense, participo da trasladação¹⁵⁵ de toda a procissão, para justamente no dia do Círio ficar dentro do estúdio acompanhando pela televisão. Então, graças a Deus, já participei das duas realidades. No dia do Círio, é impressionante nós percebermos o quanto que a rede social ajuda muito a aproximar os paraenses espalhados no mundo todo, para aquele dia, voltados para a cidade de Belém. E é impressionante perceber que, a cada ano, está aumentando cada vez mais o número de acesso das pessoas que acompanham o Círio de Nazaré pela Internet.

- Acender uma vela na capela ou na Internet é a mesma coisa, ou seja, a mediação é a mesma, e o que importa é a fé e/ou o resultado que a pessoa irá alcançar ou não e há diferença de uma pessoa que acende uma vela virtual em relação à presencial?

André Teles: Há diferença. De fato, devemos diferenciar uma coisa da outra. Eu não posso substituir uma bênção ou um sacramento da reconciliação, com esses meios, porque nós sabemos que são meios virtuais. E o próprio nome diz: virtualidade. Rede social: porque nos socializa. Mas, com relação à virtualidade, sabemos que tudo aquilo é uma projeção, mas que, filosoficamente, se pensarmos na essência, não há uma essência. Ou então no ponto de vista da Ontologia, não existe um ser ali, porque justamente trata-se de uma criação visual que fazemos e os nossos olhos veem aquela imagem, mas na essência não está. No nosso caso, não é uma vela que está ali. Temos os megapixels em nossa tela do computador, que é

É uma "festa de preceito", isto é, para os católicos, é obrigatório participar da missa neste dia, na forma estabelecida pela conferência episcopal do país respectivo.

¹⁵⁵ A trasladação é uma procissão que antecede o Círio de Nazaré, na noite anterior a grande procissão, muito popular nos municípios do Pará.

justamente a união deles com mais alguns critérios técnicos que criam uma imagem naquele momento. É isso que a igreja, então, se preocupa de poder distinguir.

Quando você, por exemplo, “acende” uma vela na Internet, é claro, não é uma vela. Você está clicando, etc. Já é diferente de uma vela que você pega de verdade, vai em uma igreja e acende. Então, o critério da igreja é distinguir as coisas. Não é a mesma coisa. Isso é claro. Agora, existem vários pontos de vista neste sentido. Não é a mesma coisa aquela vela ali acesa com aquele clique, mas trata-se da mesma fé, que é aquela que faz com que a pessoa possa, naquele clique, pensar em Deus. E é a mesma fé que faz com que a mesma ou outra pessoa vá em uma igreja e acenda uma vela de verdade, que também tem seus pensamentos em Deus.

A sua pergunta, no meu entendimento, tem relação com a forma, e aí já entra o critério filosófico.

- Então, o valor é igual?

André Teles: Aí, o valor é algo muito subjetivo, já pertence à esfera da subjetividade.

Vou lhe dar um exemplo clássico: quando você está longe da sua família. Nesse caso, nada vai substituir o abraço do seu pai e da sua mãe. Você tem hoje a webcam, os meios sociais, que fazem com que você os veja, fale com eles. Porém, isso nunca vai substituir a relação pessoal que você tem com eles, de poder dar um abraço presencialmente em cada um. Esse mesmo discurso pode ser utilizado no que diz respeito à fé. Claro que, vendo pela Internet e pelas redes sociais os seus pais, não diminui o amor que você tem por eles. Pelo contrário, pode até aumentar mais ainda. Muito melhor do que você ficar sem vê-los, você os vendo pode até fazer com que cresça seus sentimentos por eles. Mas, é claro, existe uma diferença de quando você está longe deles e quando você está com eles. Talvez a mesma coisa possa se dizer no que diz respeito à fé e ao valor. O valor que você dá aos seus pais os vendo pela rede é o mesmo que você irá dar para eles quando você os têm, quando está junto deles.

Você percebe a complexidade da pergunta? Ela não é muito fácil de ser respondida nesse ponto de vista da fé. Então, a fé, nesse ponto de vista, dependendo do que você se depara, tem muitas outras vertentes de explicação.

Subjetividade

A diferença está na subjetividade. Ou seja, a fé é a mesma quando você acende uma vela virtual ou se vai para uma capela. Ou ela pode ser a mesma e o valor também pode vir a ser o mesmo. Porque, de repente, uma pessoa pode dar mais valor a acender uma vela na Internet porque é muito mais cômodo, porque você está no seu quarto, etc. É por isso que o

valor é muito complexo. Ele pode ser e pode não ser. O valor pode ser mais intenso ou menos intenso no que diz respeito à fé.

- O senhor acredita que, estamos vivendo um novo mundo, uma nova era digital, que a sociedade está cada vez mais midiaticizada e que isso está se refletindo também na religião? De que maneira?

André Teles: Vivemos uma nova realidade, sem sombra de dúvidas. Hoje, muitas pessoas até se impressionam quando pedem o e-mail de alguém e essa pessoa diz que não tem. De fato, estamos vivendo uma nova realidade; uma realidade que, segundo especialistas, é tecnológica, desenvolvida e assim por diante. Então, isso está entrando no dia a dia de uma maneira direta na vida das pessoas, tanto de quem tem recursos como até de quem não tem, porque para quem não tem existem os *cibers*.

Agora, quanto à sua segunda pergunta, essa mudança está influenciando na religião não no ponto de vista doutrinário, mas no ponto de vista de recurso, onde você pode utilizá-los também para poder, ainda mais, difundir a doutrina. Por exemplo, hoje você já tem sites que lhe ajudam a ter subsídios de documentos da igreja, de como fazer reuniões, dinâmicas de grupo, de como se pode ter acesso a uma comunicação de uma pastoral ou se você quer ter alguma coisa no que diz respeito ao pensamento do Papa, etc.

- O senhor acredita que está havendo um novo modo de ser religioso? Que as pessoas de dez, 20 anos atrás, a maneira como elas manifestavam o seu modo de fé, de ser religioso, o senhor acredita que hoje está sendo diferente? Ou é a mesma coisa?

André Teles: É a mesma coisa. Do ponto de vista justamente da essência da identidade religiosa, é sempre a mesma coisa. O que considero que esteja acontecendo com essa nova realidade tecnológica é a intensidade, que é maior, em relação à sua espiritualidade religiosa, porque, antes, não existindo esses meios, tinham os devocionários, a Sagrada Escritura, a Bíblia e a missa. Hoje, por exemplo, se eu sinto que preciso ler um livro ou de alguma outra coisa que possa me ajudar na minha religiosidade, então, posso ter acesso à Internet e favorecer ainda mais aquela minha espiritualidade para que ela possa se tornar mais intensa.

É nesse ponto de vista que eu considero que há, não uma nova religiosidade, mas uma intensidade maior no que diz respeito à sua espiritualidade e à sua religiosidade.

- O senhor acredita que as redes sociais atraem mais fiéis para a igreja ou fazem com que fortaleçam os que já existem?

André Teles: As duas coisas. Ou seja, elas fortalecem os que já têm fé, porque eles podem ter a possibilidade de um recurso maior de conhecimento, no que diz respeito à sua própria fé. Por outro lado, pessoas podem ter acesso à fé pela primeira vez por meio da Internet, porque são seres humanos que hoje já têm suas vidas moldadas como fonte de conhecimento por este novo meio de comunicação. Eu considero assim. Existem pessoas atualmente que pesquisam tudo pela rede. E tem muita gente que tem contato com a fé cristã, pela primeira vez, justamente pela Internet. Muitas pessoas, então, acabam tendo contato pela primeira vez ou conhecendo mais o Cristianismo, a doutrina cristã, justamente pela rede.

- No seu entendimento, deveria haver uma liturgia para a Internet?

André Teles: Não. O que a igreja está fazendo agora, é justamente elaborando documentos mais precisos e mais claros, no que diz respeito ao modo como utilizar esses recursos na liturgia. Como, por exemplo, hoje, utiliza-se o Datashow. Quer dizer, se está substituindo a folha de canto e projetando os cantos nas partes da missa, no Datashow, localizado na parede do altar. Já existem padres, hoje, por exemplo, que não utilizam tanto o breviário, que é o livro que os sacerdotes usam para fazer a leitura dos salmos durante o dia, e acabam o substituindo pelo Ipad, que já tem tudo lá. Além disso, são poucos, mas já têm padres que não usam mais o missal, que é o livro que o padre tem para poder ter todas as fórmulas da missa. Agora, esses já possuem o Ipad, onde há todas as missas do dia; onde, ao invés de virar a página, ele passa o dedo.

Ausência de precisão

Nesse ponto de vista, a igreja, então, por meio de documentos, tem que ser mais precisa no modo de como direcionar isso. Por enquanto, não existe uma voz oficial da igreja, dizendo assim: “Você pode ou não pode usar”.

- Nesse caso, não há problemas de ordem litúrgica, de um padre celebrar missa com um Ipad, por exemplo?

André Teles: Não, porque não influencia na essência. Quando uma coisa influencia na essência, aí sim há problemas. Por exemplo, o discurso que se faz sobre “é diferente fazer uma confissão pela Internet ou pessoalmente?”. É claro que sim, porque mexe na essência. Na essência do sacramento, você tem que estar presente diante do padre, para que o sacramento aconteça, em sua profundidade. Nesse caso, no que diz respeito a você lê o breviário, ou do livro ou do Ipad, não influencia na essência, mas na questão da forma, que é diferente.

Complexidade

Alguns sacramentos da igreja são um discurso. Você utilizar a mídia, hoje, e as redes sociais digitais para os sacramentos, ainda é muito discutível, porque influencia na essência deles.

Vamos considerar aquele exemplo bem clássico e simples: o abraço do seu pai e da sua mãe não vai ser substituído com a imagem que você vê deles pela Internet. O mesmo discurso pode ser trazido para os sacramentos. Ainda hoje, mesmo com toda a explosão tecnológica das redes sociais digitais, essa essência dos sacramentos ainda não pode ser substituída pela virtualidade. Que é diferente de uma oração que você faz, onde você tem um meio, que é, por exemplo, um Ipad ou a Bíblia. Ou até mesmo um livro, que você pode comprar como um aplicativo, que não precisa tê-lo impresso, mas você tendo no Ipad, pode ler tranquilamente. Quero dizer: a leitura e a mensagem não vão ser influenciadas se você utilizar o livro como página, como mensagem, no Ipad.

Concílio Vaticano II

Estamos celebrando os 50 anos do Concílio Vaticano II, que foi a abertura da igreja no diálogo com o mundo. Até então a igreja, antes do Concílio, estava muito fechada em si mesma. Então, ela apenas respondia as críticas. Não falava mais nada. Relatava sobre a doutrina, com certeza, mas não era com essa abertura que atualmente está tendo ao longo desses 50 anos. E isso influenciou na liturgia. Então, a igreja hoje procura se adaptar, não mexendo na essência da doutrina, mas se adapta à realidade que ela vive para poder ajudar melhor e acompanhar a evolução dos tempos.

Choque

É claro que haverá choque de geração, entre aqueles que foram formados antes do Concílio Vaticano II e os que foram depois. Temos padres ainda hoje que foram formados antes do Concílio e que sofrem para se adaptar às mudanças, principalmente tecnológicas, vividas na contemporaneidade.

Essência x Forma

E o seu trabalho é muito interessante, porque você, como estudante, dentro deste tema, está percebendo como a igreja, não perdendo a sua essência, está se adaptando dentro de uma realidade de redes sociais digitais e de Internet, indagando: até onde a essência permanece e até onde ela pode, quem sabe, ser influenciada? E aí já são os riscos que se pode correr, porque, como você mesma disse, teoricamente, a forma não influencia na essência, mas, quando isso acontece, ocorre um erro, que não está ligado à igreja mais. Já é subjetivo, que é a questão dos padres que descem com o Santíssimo, ou algumas outras práticas que se fazem

que, infelizmente, até vemos na televisão que, na essência, sabemos, não deveria ser daquela forma.

Essa relação forma X essência na igreja vai sempre existir. É ela que vai ser o critério para você saber o que precisa ser adaptado ou não àquilo que se vive naquela realidade. Do ponto de vista dos sacramentos, a essência sempre é a presença. Você deve receber os sacramentos sempre estando presente. Não pode receber distante. Não pode receber o perdão dos pecados distante. Não pode comungar distante. Não pode fazer uma transubstanciação, ou seja, não pode transformar o Pão e o Vinho da Eucaristia, à distância. Tem que haver o momento presencial.

Existem outras coisas que, na igreja, não tocando na essência, mas dependendo da forma, esta última pode ajudar ainda mais na essência. Essa é a questão da liturgia. Por exemplo: os padres que utilizam o Ipad como breviário, como subsídio para oração. Isto se pode encontrar também no impresso, em um livro, ou algo do tipo. Porém, o livro e o Ipad não vão substituir o conteúdo e a essência que estão tanto em um dispositivo como em outro. Há o choque de gerações? Há. Mas, se um padre está utilizando a forma de acordo como é a forma canônica, que tem que ser feita, não mudando nada, não influencia na essência. Mas, é claro, com o tempo que vamos nos adaptando. Quem sabe, um dia, já não vai ser estranho para nós vermos o Ipad substituir o missal ou o breviário e assim por diante, devido a mudança de gerações.

- Há algum tipo de religião emergindo da mídia? Qual?

André Teles: Não está existindo nenhuma, no meu entendimento. Estão existindo várias espiritualidades que dizem respeito à mídia. Hoje, muitas pessoas podem dizer que não conseguem receber uma bênção se não for pela Internet; que nunca acenderam uma vela na sua vida em uma capela, e pela primeira vez acenderam pela Internet. Então, estão existindo novas espiritualidades, eu posso dizer, que têm como fundamento justamente a mídia, a Internet e as redes sociais digitais. Existem novas formas de poder viver a espiritualidade, mas religião não. Ainda não vi pessoas que acham que só se pode encontrar Deus na frente de uma tela de um computador.

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM PADRE ARI ANTÔNIO DA SILVA¹⁵⁶

- Que tipo de serviços religiosos o senhor utiliza? Quais são as redes de relacionamento que o senhor possui?

Ari Antônio da Silva: Uso apenas o Facebook, até porque não tenho muito tempo para outras coisas, que exige muito. O que eu faço no Facebook? Todo mundo que me pede para adicionar, eu adiciono, conhecendo ou não.

- O senhor realiza bênçãos pelo Facebook, não é isso? Como isso funciona?

Ari Antônio da Silva: A bênção que dou pelo Facebook é o seguinte: o pessoal me escreve assim: “Pe. Ari, peço sua bênção”. E eu escrevo: “Querida maninha, que Deus abençoe a ti e a toda a tua família”. E isso é diariamente.

- O senhor realiza só isso? Ou realiza sacramentos, por exemplo, pela Internet?

Ari Antônio da Silva: Não. Aí é que está. Uma jornalista me perguntou se eu fazia confissão pelo Facebook. Não.

- E outros sacramentos?

Ari Antônio da Silva: Não.

- Por quê?

Ari Antônio da Silva: Porque eu preciso estar com a pessoa na minha frente. Agora, a bênção é atemporal. Quando ofereço a Eucaristia, tenho que entregar pessoalmente, a não ser que seja uma missa que é transmitida em casa, com muitas pessoas de idade que não conseguem estar lá, que acompanham pela televisão e no momento da Eucaristia, façam a comunhão espiritual. Aí é diferente. Quer dizer, eu me concentro para que Cristo entre dentro de mim. Mas, já houve casos, muitas vezes, em locais que não têm sacerdotes, e aí sim dá para se entender, mas tem toda uma comunidade. Existem muitos lugares que colocam uma televisão, o pessoal acompanha a missa, e alguém, um ministro da Eucaristia, traz e coloca junto lá, e no momento da comunhão todos comungam. Mas, as hóstias já estão consagradas.

Agora, a bênção é diferente.

¹⁵⁶ Entrevista concedida em junho de 2012, em Nova Petrópolis/RS, para dissertação. Pe. Ari Antônio da Silva é doutor em filosofia pela Universidade de Salamanca, a mais antiga da Espanha, escreve para um jornal e é autor de diversos livros religiosos. Ficou conhecido nacionalmente por, em junho de 2012, ter concedido entrevista ao G1, intitulada: “Padre abençoa fiéis pelo Facebook em Nova Petrópolis, no RS”, disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/06/padre-abencoa-fieis-pelo-facebook-em-nova-petropolis-no-rs.html>.

- Hoje, tem a vela virtual, o terço virtual etc., que são mediações. Mas, ao seu ver, são mediações diferentes, têm significados diferentes ou têm o mesmo significado?

Ari Antônio da Silva: Tem o mesmo significado. Antigamente, antes do Concílio Vaticano II, que aliás, eu sou anterior a ele, quando tinha um Santíssimo na Igreja, aquela luzinha, que se chama lamparina, se usava muito o óleo, havia um dispositivo que se colocava ali e ficava realmente aquela vela e ia consumindo só o óleo, e isso durava muito. Com a popularização da eletricidade, então, ficou mais prático colocar a luz ligada, que tem o mesmo símbolo de dizer: aqui estão as hóstias consagradas da Santa Missa. Esse é o sentido.

- O senhor acredita que a igreja, os padres, estão sabendo utilizar esses meios digitais?

Ari Antônio da Silva: Aos poucos, sim. Sempre digo que a igreja é uma comunidade milenar. Então, ela não deixa de ser uma instituição pesada. E há muitas culturas e formas de pensar, apesar que nós temos uma hierarquia e procuramos segui-la... A Igreja está caminhando. Ela não está de fora deste meio. Só que a mídia, digamos, leiga, talvez tenha mais alcance. Então, imagina mudar as coisas, é muito difícil. Por isso a Igreja resistiu antes de utilizar as mídias. O Papa João XXIII, por exemplo, deixou apavorado o Vaticano naquela época, eu me lembro, estava no Seminário, quando ele disse: “façamos o *aggiornamento*”. Quer dizer, “temos que mudar”, temos que tirar as teias de aranha, que a Igreja está cheia, porque ela é Santa e pecadora, ela está inserida no tempo e no espaço. Então, as coisas passam. E começa o Concílio, em 1962, com Papa João XXIII. Papa Paulo VI deu continuidade. E agora já tem 50 anos.

A Internet, a televisão e as tecnologias atuais são fabulosas, fantásticas. Só que são instrumentos que eu posso utilizar.

- Para o senhor, os dispositivos tecnológicos são importantes ou o principal é a divulgação da mensagem, independente do meio? Então, os dispositivos são neutros?

Ari Antônio da Silva: A pergunta é capciosa, para não dizer maliciosa. Na verdade, é como você dizer assim: eu uso a arma, um revólver, uma espingarda, uma bazuca. Por que eu a utilizo? Para me defender? Ou para matar ou ferir alguém? Então, o que você entende por neutralidade? A Internet é um instrumento. Agora, se você me pergunta se ela é neutra, eu digo: sim e não, porque vai depender de quem vai fazer uso da Internet. A ciência não tem fim em si própria. Ela é sempre provisória. O que hoje é último da geração, amanhã já tem outra. Portanto, ela não é última, é provisória, finita.

- Mas, a Internet pode causar um isolamento?

Ari Antônio da Silva: Pode e acontece. Os jovens fascinados, por exemplo, não saem mais do quarto. Hoje, tudo é via Internet. Ela é uma ferramenta, vai do modo como a pessoa utiliza. Eu posso usar a faca para cortar alimentos, mas posso também utilizá-la para ferir alguém. Portanto, a tecnologia ajuda a gente, mas é dispensável, porque no passado se vivia sem ela e se vivia bem, mas também nos proporciona conforto. E isso não é problema. Se eu atinjo 500 pessoas, por exemplo, na Igreja no domingo; via Internet, discursando, eu atinjo 5000.

Não domino totalmente a internet ainda. Agora, a gurizada, a minha sobrinha de oito anos, diz: “Tio, tu é burro”. Hoje, nós temos um novo tipo de criança.

- O senhor acredita que está havendo uma sociedade cada vez mais midiaticizada, pós-moderna, e que isso está se refletindo também na religião?

Ari Antônio da Silva: Sim, com certeza.

- De maneira positiva?

Ari Antônio da Silva: Creio que sim. Nós temos alguns problemas, que eu vivencio aqui, com crianças hiperativas, dopadas. Por quê? Porque os pais não sabem mais lidar com esse tipo de criança que está surgindo. E não temos professores devidamente preparados para trabalhar com essas crianças. Então, do que precisamos? Necessitamos adequar as nossas faculdades, e faço críticas mordazes a elas, porque se tornaram centros rentáveis de dinheiro, empresas, e deixaram de ser um centro de novas ideias, de novos projetos etc. Há exceções, claro.

- O senhor acredita que está havendo uma transição e que isto está fazendo surgir uma nova religiosidade, originária da Internet?

Ari Antônio da Silva: Não diria a palavra “nova”. Diria que o que está surgindo é uma atualização da forma de evangelizar. Se eu evangelizava até pouco tempo apenas via igreja, hoje eu saio pela praça e de outras formas, pelos telhados, como Jesus dizia. E os telhados são a internet, a televisão, o rádio. Eu, por exemplo, dou bênçãos via telefone. Se nós temos os meios de comunicação, por que não usá-los? É válido? É claro que é.

- Então, está havendo uma nova maneira de ser igreja nos dias atuais?

Ari Antônio da Silva: Estamos procurando nos adaptar aos novos tempos, sem perder a essência do cristianismo e da fé.

- E a pessoa, novamente com relação à vela, que a acende virtualmente, por exemplo. Este ato não seria um novo modo de ser religioso?

Ari Antônio da Silva: Não. A pessoa está apenas utilizando uma tecnologia nova.

- O que muda? Só a tecnologia?

Ari Antônio da Silva: Só a tecnologia. O símbolo. Em vez de ser uma vela real, será uma virtual.

- Então, todas as mediações têm o mesmo significado?

Ari Antônio da Silva: Sim, têm o mesmo significado. O que não pode mudar é a essência da fé. Isso não pode mudar.

- Pode ser que a Igreja esteja fazendo uso da Internet para fortalecer a fé?

Ari Antônio da Silva: Sim, para fortalecer e ter mais amplitude naquilo que ela diz. Ela vai aprendendo, assim como todos nós, a caminhar. E há formas e formas de fazer as coisas. Ela analisa e vê que de fato este é um instrumento importante.

Mas, por outro lado, há o problema do isolamento, que você levantou antes. Hoje, você pode viver dentro do quatro tranquilo, tendo tudo, comprando tudo e conversando com o mundo inteiro, mas não sair com ninguém. E isto não é bom. Este é o lado negativo da tecnologia, porque nós somos seres sociais por natureza. Então, no momento em que eu me isolo, está acontecendo algo que não é normal e que pode me causar danos contra a minha própria saúde.

- No seu ponto de vista, está surgindo alguma religião da mídia?

Ari Antônio da Silva: Não. A igreja continua a mesma. Só que ela procura se adaptar aos novos tempos e às novas tecnologias. Aquilo que Jesus disse continua sendo a verdade: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim”. Ao mesmo tempo, a igreja, por exemplo, tem o diálogo ecumênico hoje, inter-religioso, porque as religiões como um todo, independentemente de dizer se essa é certa ou não é, podem tocar e transformar o mundo num mundo mais fraterno, amável. Isso sim. E esse Papa atual trabalha muito com o inter-religioso e aproximação das religiões.

Não há um novo modo de ser religioso, originário da Internet. A Igreja continua igual. Só as formas de a gente transmitir isso alteram, porque isso é secundário. O que não pode mexer é na essência teológica da fé. Isso não. E nisso sou muito firme.

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM PADRE CLÁUDIO PIGHIN¹⁵⁷

- Como o senhor avalia a utilização das mídias digitais pela Igreja Católica?

Cláudio Pighin: Sou a favor dessa nova tecnologia, mas também estou com um pé na frente e outro atrás, porque nos expõe totalmente e conforme a importância de uma pessoa, esta pode ser manipulada de várias maneiras, uma vez que eu não conheço o outro lado. Não sei quem está lá. Quais as intenções que essa pessoa tem. Portanto, muitas vezes, algumas pessoas podem manipular de maneira positiva ou negativa, conforme os interesses deles que não são, às vezes, os meus interesses. É por isso que talvez precisamos aperfeiçoar essa tecnologia para evitar uma manipulação.

- Como o senhor analisa essa ideia de viver bem o tempo da rede?

Cláudio Pighin: Temos que saber conviver com essa “praça digital”, que está criando essas novas redes. E tem que haver toda uma linguagem apropriada para isso. Eu me pergunto: nós conhecemos todo o alfabeto, todo a alfabetização da nova linguagem da praça digital? Não é suficiente ter os conhecimentos que eu aprendi e que estão enraizados em minha cultura. Mas, como mediar tudo isso? Essa mediação é que está em questão, porque é ela quem define e até mesmo determina os conteúdos. Então, não é suficiente dizer: eu passei uma mensagem, mas tenho que ver como eu passei a mesma. E como o meu receptor, do outro lado, recebeu isso.

Praça digital

Qual é a praça digital e como ela é? Como devemos compartilhar tudo isso? Isso não é fácil. Então, é um desafio, creio, hoje saber viver bem. É um desafio saber conviver em uma praça digital como hoje, porque, de fato, nós não temos o domínio de tudo isto. Imagine o quanto é difícil o diálogo corporal entre duas pessoas, porque não se sabe quais os preconceitos, conhecimentos e tudo o mais da outra pessoa. Imagine a dificuldade, portanto, de uma mediação virtual, digital, em que não nos enxergamos, porque quando se enxerga, pelo menos, dá para perceber algumas mensagens gestuais, corporais, que te emitem alguma coisa. Agora, em uma praça digital, tudo isso falta. Falta o corpóreo, o tocar. E como é que eu vou saber que a pessoa que recebe uma mensagem que eu emito, a esta recebendo da maneira

¹⁵⁷ Cláudio Pighin é sacerdote, jornalista italiano naturalizado brasileiro. Possui mestrado em missiologia e comunicação e doutorado em teologia. Tem vários artigos publicados sobre o tema internet e a nova era digital, como “Internet e Conhecimento”, disponível em <http://www.comunidadecaju.com.br/index.php/colonistas-da-caju/97-conego-raul-tavares/528-padre-claudio-internet-e-conhecimento>. É autor de *Símbolos da Santa Missa na ótica da comunicação*, (Cejud, 2005) e *Homilética e Comunicação*, (Salomão Laredo Editora, Belém-Pará, 2000). Atualmente, é coordenador da Pastoral da Comunicação da Arquidiocese de Belém.

que eu gostaria? Essa ausência corpórea nos provoca a refletir, estudar, aprofundar cada vez mais essa mediação digital. Aqui está em jogo a nossa humanidade. Portanto, viver bem significa que também essa comunicação digital, comunicação na praça digital, tem que fazer prevalecer sempre o ser humano. Na medida em que ele sai exaltado, respeitado e aprimorado, então, estamos indo bem. De outro jeito, não.

Falta de preparo digital

Creio que não estamos ainda preparados para saber comunicar no virtual. Por quê? Porque temos gerações que não se entendem. Por exemplo: crianças, adolescentes, jovens e adultos, são na contemporaneidade de culturas completamente diferentes. E hoje já percebemos que, muitas vezes, eles não se entendem. Então, não estamos todos iguais para se entender. Quero dizer, se você ver uma criança hoje lidando com a tecnologia, para ela vai ser natural, porque nasceu com isso. Mas, uma pessoa adulta não. Presenciou depois. Para uns, esses novos meios são apenas instrumentos que vieram para adornar, enriquecer, mas que não fazem parte da cultura, não fazem parte da vida deles. No entanto, os jovens têm mais facilidade. Quer dizer, um jovem como você já é velho com relação às crianças, porque estas com três anos de idade, já utilizam um tablet e com a maior naturalidade. Você tem que estudar para saber lidar com essa tecnologia. Então, veja bem: já há conflitos de gerações. E como comunicar nesse conflito? Você sabe muito bem que, quando há conflito, se torna mais difícil a comunicação. Existem muitos preconceitos, e na medida em que há mais preconceitos, torna-se difícil se entender. Logo, viver bem significa se conhecer melhor. E não existe uma alfabetização para essa linguagem virtual, para essa praça digital. São jogadas meio assim... para todo mundo...

- O senhor acredita que a igreja tem refletido sobre o papel do meio e dos dispositivos para se viver bem na rede? Ou para ela o importante é apenas divulgar a mensagem através desses meios?

Cláudio Pighin: A igreja fez algumas reflexões, mas são reflexões, ainda, desencarnadas, creio. Ela está longe da realidade. Existem documentos incríveis, muitos, aliás, até com certa competência. Mas se vê que não consegue penetrar a vida das pessoas. Percebe-se que a instituição católica ainda não consegue evangelizar por meio desses dispositivos digitais e das novas linguagens. Ela tem dificuldade. Por exemplo, agora o Papa entrou no Twitter. Mas, isso demonstra também uma certa ingenuidade de quais as consequências de um twitti, de uma linguagem virtual, porque se é exposto. Boa intenção há, mas a Igreja Católica ainda é muito ingênua.

Direitos autorais na rede

Ainda tem o aspecto legal. Todo mundo sabe que a documentação do Papa não pode ser manipulada. E, na rede, elas estão sujeitas a serem lidas por muitos. Quero dizer, as mensagens do Papa, no Twitter, se tornam de todo mundo e, portanto, podem ser manipuladas como quiserem depois. Por exemplo, posso usá-las até para fins de guerra. E os direitos autorais? Eles se perdem aí. Tudo isso demonstra que não se conhece profundamente toda a lógica da rede. Ninguém estuda isso. Se se estuda, é apenas uma aproximação muito superficial.

Alfabetização virtual

Quem está ensinando uma alfabetização virtual? Ninguém. No entanto, existe. Como há um alfabeto para a escrita, deve ter também um alfabeto para essa linguagem virtual. Somos profundamente ignorantes nisso. Somos analfabetos digitais, da televisão, do rádio, digitais pior ainda...

Igreja X Internet

Os documentos pontifícios, da igreja, que escrevem sobre essa relação mídia e meios de comunicação são, muitas vezes, genéricos demais, escrevem de uma maneira muito genérica. Superficial. Tem-se que esmigalhar um pouco tudo.

- O senhor acredita que deveria existir uma liturgia apropriada para a internet?

Cláudio Pighin: Não sei, mas tem que estudar. Agora, tem que unir as várias disciplinas para tentar achar uma resposta: teólogo, litúrgico, comunicólogo, linguista e tudo o mais para poder, realmente, pensar, porque não estão pensando ainda que as últimas gerações não vão entender mais nada. Elas entendem só este tipo de linguagem, a virtual. Elas não entendem mais a nossa linguagem. Quer dizer, há evasão dos jovens da missa, da igreja. Tem só aqueles que são dos movimentos, mas, em geral, a maioria dos jovens acredita que é chatice ir assistir uma missa.

Ademais, não pensamos em uma liturgia para os diversos meios de comunicação, como a televisão, o rádio, a Internet etc. E há 25 anos digo isso: que nós precisamos estudar juntos as várias disciplinas para poder tentar estruturar uma liturgia apropriada a outros meios, que não pode ser a mesma, porque a liturgia que existe foi pensada para um determinado tipo de celebração. Não posso colocar, por exemplo, essa estrutura litúrgica depois para o mundo digital. Não tem nada a ver. Tem outro sentido. Eu não sou drástico. Creio que se pode fazer, só que tem que se preparar. Até hoje não encontramos uma resposta.

Confissão Online

Como garantir a segurança, visto que está tudo exposto? Para se ter uma ideia, conseguiram ter acesso até nos arquivos secretos. Agora, se pode eventualmente estudar maneiras para viabilizar como preparar esse tipo de confissão. Mas, não vejo reflexões a respeito.

- Mas, existem documentos da igreja que dizem que os sacramentos só podem ser realizados presencialmente, não?

Cláudio Pighin: Agora é assim. Mas ninguém está pensando, por exemplo, uma liturgia de uma missa para a televisão. O que eles fazem? Reproduzem uma missa celebrada na igreja. E isto eu mostrei na Itália, com artigos que escrevi, que desvirtua, porque o presidente não é mais o sacerdote, que é o celebrante. Quem é o presidente dessa liturgia é o diretor de imagens, porque ele escolhe as representações para colocar no ar. Então, há essa manipulação que desvirtua a liturgia.

- Então, como o senhor avalia, por exemplo, a religiosidade atual de uma pessoa, já que o senhor falou anteriormente que hoje as crianças nascem ligadas na Internet, nessa linguagem digital, que para elas não interessa ir para a missa, porque podem assisti-la virtualmente...

Cláudio Pighin: Mas, por quê? Qual é a linguagem virtual? Não é a linguagem da escrita. A linguagem da escrita como é? Tem um sujeito, verbo, predicado, tudo direitinho. Digital? Uma palavra, um número, pula para lá e para cá, de um lado para outro, não tem uma conexão lógica. Veja bem: há uma certa dinamicidade. Então, esses que estão crescendo, como é que vão aprender a catequese? Tu vais falar de Deus, mas como, se eles podem pesquisar tudo no Google? Tem que haver outras linguagens.

- E como o senhor avalia a religiosidade de alguém que deixa de acender a vela na capela, por exemplo, para acendê-la virtualmente?

Cláudio Pighin: Qual é a reação? Se perde essa linguagem do templo; é outra linguagem, fictícia.

- Há perdas e ganhos com isso?

Cláudio Pighin: Claro que se torna menos sensível à pessoa, por isso que se explicam certas violências hoje. Se você vê uma vela presencialmente, há toda uma linguagem simbólica. Primeiro que tem que ter alguém para acender; tem que pegar um fósforo e tudo requer tempo, etc. Se for virtualmente, com um clique tudo acontece. Que conceito de vida é esse? Mas, ninguém pode negar que seja uma vida. Só que não é a mesma vida daquela vela presencial.

O mundo cultural da nossa sociedade está se transformando muito rápido. E, se a comunidade eclesial não se preparar, ela vai se distanciando desse mundo cultural. É por isso que hoje se exige muito mais preparação do clero.

- Porque as pessoas não se satisfazem mais. Se elas não concordam, elas vão na rede social e dizem o que pensam...

Cláudio Pighin: Deus o livre! Elas vão dizer: “Cara, tu vens me dar essa resposta aí?” E discordam, porque leram outra coisa diferente na Internet. As pessoas podem se atualizar de uma maneira muita rápida hoje em dia, e discordar de outras, se for o caso.

- Como o senhor considera o papel das redes sociais para a Igreja Católica? Que papel elas estão tendo?

Cláudio Pighin: As redes sociais te permitem alcançar todo o mundo, praticamente, e de não isolar ninguém. Embora que, numa realidade como a nossa da América Latina, nas grandes periferias, nas favelas, não sei até que ponto essas redes sociais podem realmente alcançar a todo o povo. Mas, de qualquer forma, permitem-me de fazer desse Planeta Terra, um pequeno Planeta. É uma aldeia mesmo, uma aldeia que praticamente todo mundo pode se entender ou, mais que isso, pode entrar em contato. Não há mais confins. Para a evangelização, isso é muito importante, porque não é mais como antigamente, de ser missionário e ir além, ultrapassar fronteiras, com todo o perigo que isso acarretaria. Hoje em dia, nada. Eu, sentado em uma poltrona, posso alcançar todo o mundo.

- O senhor acredita que está existindo uma nova religiosidade, originária da Internet?

Cláudio Pighin: Pode condicionar a maneira de se expressar. O que é a religião? É o ser humano que tenta se unir com Deus. Então, a maneira de se expressar hoje é diferente e isso vai se manifestar na religiosidade. Agora, atenção: religiosidade é uma coisa; religião é outra e o credo é outra ainda. Um pode demonstrar a religiosidade e ao mesmo tempo não acreditar e não participar ativamente dentro da igreja. Eu posso ser religioso, por exemplo, e não frequentar a missa. Mas, tenho uma espiritualidade. Posso até concordar com a outra pessoa, mas depois faço aquilo que eu quero. E isso é típico da cultura digital.

Ponto de referência atual

O sistema digital é numérico. Antigamente, o ponto de referência de uma religião era a igreja, a praça. E todo mundo participava disso. Hoje em dia, não é mais o templo o ponto de referência. Eu sou o ponto de referência. Eu que vou atrás. Há alguns anos, era a estrutura igreja como referência, agora sou eu.

A fé nas redes sociais

Podemos evidenciar algumas coisas interessantes das redes sociais digitais. Por exemplo, no Círio de Nazaré, parece que neste dia todo mundo se torna religioso, sendo que, sabemos, não é bem assim. Ou na Páscoa, muitas pessoas estão lá nas redes de relacionamento desejando Feliz Páscoa para todo mundo, mas muitas delas nem sabem o que é a Páscoa. Então, essas redes reforçam o eu. A referência agora sou eu e o importante é que eu me sinta bem. Antigamente, a informação era monocultural, de um para todos; agora é policultural, de todos para todos. E é a cultura virtual que permite isso.

- Como o senhor considera o papel especificamente das redes de relacionamento do Círio para a igreja?

Cláudio Pighin: Existem muitos paraenses que, na época do Círio, estão fora do Pará. Então, essas redes são muito boas, oportunas, para eles reviverem essa presença virtual, uma vez que não tiveram a oportunidade de estarem presente corporalmente. Mas, isso satisfaz o ego da pessoa.

- Está surgindo alguma religião da mídia digital?

Cláudio Pighin: A religião faz parte, é um ponto também, está no meio disso. Ela é uma coisa entre tantas, que eu atinjo conforme as minhas necessidades. Então, não é mais uma religião que tu tens que respeitar os direitos, deveres, mandamentos etc. Mas, tem que ser algo que possa servir ao meu eu, para plasmar o meu eu, e nada mais. Então, se nesse momento me serve, ótimo. Se não me serve mais, deixa lá e vou em outra. Ou no shopping center, na praça, na praia, no clube etc.

A religião sempre existe. O ser humano precisa religar as coisas com Deus. Agora, há maneiras diferentes de se expressar. Há uma nova maneira religiosa de se expressar hoje. A linguagem mudou completamente.

- Até que ponto essas mídias digitais realmente cumprem o papel que a igreja quer?

Cláudio Pighin: Creio que há dificuldade em cumprir aquilo que deseja a igreja, porque as mídias digitais, muitas vezes, têm uma linguagem não muito fácil. Podemos comparar com a mídia, que gostaria de manipular como ela quer. Então, de ambos os lados há dificuldade. É recíproco o problema. É por isso que é urgente uma alfabetização dessa linguagem, para poder se entender.

Utilização pelos padres

Os padres estão utilizando essas mídias digitais mais por curiosidade, até por bons interesses, boa vontade, mas creio que eles não sabem ainda o que é realmente tudo isso; eles não têm ideia das consequências que isso pode ter.

- O senhor acredita que essas mídias da igreja atraem fiéis para a religião católica?

Cláudio Pighin: Eu não posso dizer porque não fiz nenhuma pesquisa a respeito. Mas, não creio que atrai. Vai, sim, fortalecendo pontos de vista das pessoas e nada mais. As redes sociais são também uma maneira de se esconder. E, com isso, muitos indivíduos se sentem livres de se expressar.

- Então, o senhor acredita que a igreja ainda é muito ingênua com relação às mídias digitais?

Cláudio Pighin: Em geral, não apenas a igreja. Esta e a sociedade ainda não encontraram uma alfabetização para a nova mídia. Como compor a mensagem nessa nova realidade se não temos um alfabeto? Como veicular tudo isso? Porque posso dizer uma coisa e a outra pessoa do outro lado entender o contrário. E existe muita ilusão. Para derrubar todo esse entusiasmo, ilusão e pessimismo, é preciso construir uma alfabetização.

Mas, se a escola não ensina essa nova alfabetização, imagina as famílias, o que elas sabem? Estas são reféns desse comércio que diz que é preciso comprar porque senão os filhos ficam embrabecidos. Eles dizem: “Os outros têm e eu não tenho”.

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM DOM DIMAS LARA BARBOSA¹⁵⁸

- O senhor tem dados de quando a Igreja Católica decidiu utilizar as novas mídias para evangelizar? Por que ela decidiu utilizá-las? Qual o objetivo principal? O senhor acha que está sendo alcançado?

Dom Dimas Lara Barbosa: A relação da Igreja com os meios de comunicação se dá ao longo da história e passa por distintas fases. É no século XX, contudo, que vai se explicitando melhor e com mais clareza o pensamento da Igreja em relação aos meios de comunicação, começando com uma Encíclica do papa Pio XI, chamada *Vigilanti Cura*, de 1936, para falar especificamente do cinema. A partir daí outros documentos pontifícios vão surgir para falar também do rádio e da TV. Sem dúvida, um documento que vai marcar muito o pensamento e a relação da Igreja com os novos meios é datado de 4 de dezembro de 1963. Trata-se do Decreto *Inter Mirifica*, do Concílio Vaticano II. Podemos dizer que é a partir deste documento que os meios de comunicação passam a ser vistos definitivamente como grandes aliados da Igreja na evangelização de tal forma que o papa Paulo VI, em 1975, chegou a afirmar que a Igreja se sentiria culpada diante de Deus se não colocasse esses meios a serviço do Evangelho. De tal forma que, com o advento destas novas tecnologias, capitaneadas pela Internet, já não havia dúvida de sua importância na evangelização. E as razões são óbvias: a insubstituível capacidade destas novas tecnologias de vencer barreiras como o tempo e o espaço para fazer chegar a todos o Evangelho de Jesus Cristo. Os meios de comunicação têm uma capacidade incrível de tornar presentes em tempo real fatos e acontecimentos que marcam a vida humana; eles aproximam as pessoas e lhes possibilitam estabelecer relações que antes eram impossíveis. Ao usar os meios para a evangelização, a Igreja objetiva levar as pessoas a um encontro pessoal com Jesus Cristo e a formarem comunidades verdadeiramente humanas. Visa ainda à propagação do bem, de valores humanos, éticos e cristãos que contribuam na construção de uma sociedade justa, solidária e fraterna. Não tenho dúvida de que tudo isso tem sido alcançado, embora a gente deseje e espere mais do que já se conseguiu.

- A Igreja já fez alguma avaliação a respeito do uso das novas mídias, como Twitter, Orkut, Facebook, Blogs, pelos membros da Igreja Católica? O senhor acha que ela

¹⁵⁸ Dom Dimas Lara Barbosa é bispo católico; bispo auxiliar do Rio de Janeiro e atual secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Foi considerado pela Revista *Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009.

está sabendo utilizar essas novas redes sociais, usando as novas linguagens originárias da Internet? Quem são as pessoas que atualizam essas redes? Existe algum tipo de formação para os que divulgam a mensagem religiosa no mundo virtual?

Dom Dimas Lara Barbosa: A Igreja tem, sim, uma autocrítica em relação ao uso dos meios de comunicação, sobretudo, a partir do surgimento destas redes sociais ou novas mídias. Não é que haja uma estatística ou alguma pesquisa científica feita pela própria Igreja ou a seu pedido. O que sentimos é que cresce, cada vez mais, o número dos que aderem ao uso destas novas mídias. Os papas João Paulo II e, agora, Bento XVI são grandes incentivadores de seu uso também por parte dos ministros da Igreja. Veja, por exemplo, a mensagem de Bento XVI para o Dia Mundial das Comunicações deste ano em que exorta os padres à Pastoral no Mundo Digital. O incentivo ao uso dos MCS sempre veio acompanhado da preocupação com a formação de todos para o uso adequado dos meios. Este tema faz parte das preocupações constantes da Pastoral da Comunicação. A impressão que tenho é que maioria de nós que não somos desta bem-aventurada “geração digital” usa estas novas mídias sempre aquém de suas potencialidades. Ninguém duvida que os jovens são os grandes protagonistas nesta área e a Igreja não deve ter medo de confiar-lhes a tarefa de serem sujeitos no uso destas novas mídias para a evangelização. Nossa grande preocupação, neste sentido, é quanto ao conteúdo e quanto à linguagem que exigem, respectivamente, a evangelização e estas mídias sociais. É preciso haver um casamento perfeito entre uma coisa e outra.

- Para a Igreja Católica, o meio, ou seja, os dispositivos tecnológicos, são importantes? Ou o fundamental é a propagação da mensagem, independentemente do meio em que ela será divulgada?

Dom Dimas Lara Barbosa: Veja bem, o surgimento de um novo meio de comunicação não elimina os que já existem. O mesmo se dá com a Igreja. Ela jamais vai entender que, para cumprir o mandato de Jesus Cristo de anunciar a todos o Evangelho, basta o meio eletrônico. Para a Igreja continuará insubstituível o contato pessoal, a vida comunitária, o encontro, que se dá na liturgia, na catequese etc. Desta forma, continuarão sempre válidas as outras formas que, ao longo da história, a Igreja sempre usou para comunicar sua mensagem, que não é sua, mas do Evangelho. Não existe, portanto, um único meio a ser utilizado pela Igreja para a Evangelização.

- Como a Igreja avalia os sites católicos que disponibilizam vela, terço, Bíblia virtuais? Como o senhor analisa a religiosidade de uma pessoa que deixa de acender uma vela ou rezar um terço em uma capela ou igreja para fazê-los virtualmente? O senhor acha que estamos vivendo uma nova ambiência? Que a sociedade está cada vez mais midiaticizada, pós-moderna, e que isso está se refletindo também na religião? Por quê?

Dom Dimas Lara Barbosa: Que a sociedade está cada vez mais midiaticizada ninguém tem dúvida e isso tem feito surgir o que o papa Bento XVI, e mesmo João Paulo II já falava, chama de ‘uma nova cultura’. Estas práticas que você cita em relação a expressões de fé são exemplo desta nova cultura. A fé, sabemos, não tem uma única mediação e cada um de nós, a partir de sua maturidade de fé, a expressa de uma forma tendo necessidade de mediações diferentes. Acender uma vela virtualmente ou lá na capela aos pés do santo é sempre uma mediação e, neste sentido, o valor é igual. Outra coisa é a prática sacramental. Aí o virtual jamais se iguala ao real. Você pode ter, por exemplo, orientação e aconselhamento espiritual virtualmente, mas receber o sacramento da confissão, portanto, a absolvição, somente pessoalmente. Isso não vai mudar. Reafirme-se que, mesmo reconhecendo o valor e a validade de práticas de piedade virtuais, ninguém está dispensado de ir à comunidade, afinal, a Igreja Cristã se define a partir da comunidade, e uma comunidade real, onde as pessoas se encontram, trocam ideias, partilham alegrias, tristezas, esperança. Isso está muito claro no Documento de Aparecida, aprovado pelos bispos da América Latina e Caribe, em 2007, quando afirmam: “Os meios de comunicação não substituem as relações pessoais nem a vida comunitária”.

– O senhor acredita que, neste novo tempo, que muitos teóricos da comunicação denominam de pós-moderno, caracterizado pela existência de um indivíduo fragmentado, consumista e hedonista, está ocorrendo uma transição, causando o surgimento de uma nova religiosidade, originária da Internet, já que, hoje em dia, muitas pessoas podem assistir uma missa pela Web, sem precisar ir ao templo?

Dom Dimas Lara Barbosa: De fato, a religiosidade é um fenômeno que marca esta pós-modernidade e que escapa à análise de muitos sociólogos. A explosão do pentecostalismo, por exemplo, não foi prevista pelos estudiosos, nem esta volta maciça para a prática religiosa que se manifesta também em outras religiões. Acredito, sim, que a presença intensa de igrejas na mídia, especialmente na TV, investindo fortemente na chamada “teologia da prosperidade”, seja uma das explicações. O uso do rádio também

pode explicar este reacender da religiosidade do nosso povo. Quanto à internet, diria que está começando agora. Embora já se perceba seu crescente uso também para a manifestação religiosa, ainda não tem o mesmo impacto que a TV e o rádio.

- Como o senhor analisa a utilização das redes sociais pelos padres, irmãs e demais membros da Igreja Católica? Acha que atrai mais fiéis para a Igreja e/ou faz com que permaneçam os já existentes?

Dom Dimas Lara Barbosa: A presença dos padres, religiosos e religiosas na mídia atende a um apelo cada vez mais insistente dos últimos papas que insistem no uso dos meios de comunicação para a evangelização. A preocupação, no entanto, não é atrair fiéis de modo a caracterizar um proselitismo que condenamos. A evangelização é tornar conhecida a mensagem de Jesus e fazer com que as pessoas tenham, na pessoa de Jesus, a referência de suas vidas. Tudo o mais é consequência. Neste sentido, a gente percebe, sim, que muitas pessoas encontram na evangelização eletrônica, seja católica ou evangélica, a segurança que buscam. O desafio que fica é sempre fazer com que estas pessoas pertençam a alguma comunidade para além da virtual.

- O Papa João Paulo II chamou os meios de comunicação de um "novo areópago", ou seja, a nova "praça", sendo uma "praça virtual", e que a igreja deveria caminhar para essa "praça". Mas, na sua concepção, a instituição religiosa tem refletido sobre a utilização correta desses meios?

Dom Dimas Lara Barbosa: Ele diz textualmente: “O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está unificando a humanidade, transformando-a, como se costuma dizer, na ‘aldeia global’”. Isto está na encíclica *Redemptoris Missio*, escrita em 1990. Neste tempo, a internet estava nascendo e não tinha força que tem hoje. Seja como for, o incentivo da presença da igreja nos meios de comunicação vem de longa data. Para ficar na América Latina, por exemplo, se você recorre aos documentos das cinco conferências realizadas pelos bispos latino-americanos, todas trazem alguma palavra que empurra a igreja para os meios de comunicação. Em relação específica à internet, João Paulo II diz que a igreja deve se aproximar dela com “realismo e confiança”. Há, na Santa Sé, um Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais e é cada vez mais numeroso o número das dioceses que criam seus departamentos de comunicação, suas assessorias de imprensa e a pastoral da comunicação. Todas estas instâncias ou organismo produzem ou reproduzem o pensamento da igreja sobre comunicação. O Pontifício Conselho, por exemplo, além de documentos sobre vários

temas ligados à comunicação, promove também congressos e seminários para discutir a presença da igreja neste areópago que é o mundo das comunicações. A mensagem anual do papa para o Dia Mundial das Comunicações é também reflexão da igreja sobre o uso dos meios de comunicação na evangelização. Tudo isso para responder à sua pergunta e dizer que a reflexão da Igreja Católica sobre os mass media é permanente.

- O senhor acha que os religiosos ainda estão receosos em utilizar essas novas mídias? Acha, ainda, que é uma questão cultural?

Dom Dimas Lara Barbosa: É difícil fazer um juízo sobre isso. Creio, no entanto, que há muitas causas que levam a isso e que vão desde o receio até à inaptidão para o uso destas novas tecnologias. Além disso, há outros fatores como o excesso de atividades de muitos padres que se gastam ao longo do dia com uma agenda que desafia os limites humanos. Há razões de ordem tecnológica, uma vez que a banda larga não é uma realidade em grande parte de nosso país e isso dificulta o acesso a uma internet de qualidade. O que precisa ficar claro é o seguinte: os padres que têm facilidade de acesso e de uso destas novas mídias para a evangelização não devem recear em fazê-lo.

APÊNDICE F - ENTREVISTA COM PADRE GIOVANNI INCAMPO¹⁵⁹

– **O senhor concorda que a Igreja Católica utilize os meios de comunicação para evangelizar?**

Giovanni Incampo: Todas as técnicas modernas são instrumentos que obedecem às orientações de quem os manuseiam. Tudo que é instrumento pode ser meio de comunicação evangelizador. O que pode acontecer é que algum manipulador distorça as informações.

– **Para o senhor, quais as vantagens das novas mídias em relação às mídias tradicionais?**

Giovanni Incampo: A escola de hoje é imagem. Antigamente, era somente a fala. Hoje, as pessoas querem ver, querem a imagem. A cultura de hoje é imagética. A igreja, portanto, não pode discriminar ou recusar as novas mídias.

– **E as desvantagens?**

Giovanni Incampo: Só com as imagens as pessoas não raciocinam. Ela toca a sensibilidade, emoção, sentimento, e só. Mas, nem sempre isso forma uma personalidade. O homem é um ser racional. Portanto, tem que usar a razão. É ela que convence, uma vez que a palavra é a que toca mais, tem mais poder de persuasão que a imagem. Esta pode ser superficial apenas. Depois que passa a emoção, acabou. A fé, por sua vez, é provocada pela palavra, e não pela imagem.

– **De que forma o senhor avalia as novas mídias como sendo instrumentos inovadores da evangelização?**

Giovanni Incampo: Quem consegue impressionar multidões, praças inteiras, são os que utilizam essas novas mídias porque se adaptaram às exigências da cultura de hoje. Eu acredito que não se pode substituir 100% a vivência, o contato pessoal, a participação viva na igreja, pelas novas mídias. Na internet, você é um anônimo, não conhece, não pode sentir o contato pessoal das pessoas. Não pode dar as mãos etc. A missa não é (ou não deveria ser) um prazer. É um grande mistério. Só que as pessoas querem prazer. É difícil convencer a se entregar ao mistério da igreja. Eis porque muitos católicos passam para outras religiões. Porque lá há o show, é um teatro, renunciando ao evangelho, à eucaristia, a Nossa Senhora etc. Antigamente, após um sermão, havia a confissão, porque todo mundo, quando acabava a missa, queria ficar. Hoje, não existe mais isso. O show satisfaz. Não há fé. Antigamente, havia conversão, as pessoas choravam. Hoje, elas se satisfazem. Vão à igreja e falam “gostei” e ponto. Depois, vão pecar, porque não tiveram, de fato, fé.

¹⁵⁹ Entrevista concedida dia 15.11.10. Giovanni Incampo tem 78 anos. É natural da Itália e há 41 anos vive no Brasil. É padre e realiza atendimento diariamente na Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

APÊNDICE G - ENTREVISTA COM PADRE GLAUDEMIR DE LIMA¹⁶⁰

– O senhor acredita que a Igreja Católica deve utilizar as novas mídias para evangelizar?

Glaudemir de Lima: Com certeza. Porque a igreja deve acompanhar a evolução da sociedade. Não pode parar no tempo. Caso contrário, ela não vai conseguir passar a mensagem. E os meios de comunicação são inteiramente eficazes no mundo de hoje.

– Para o senhor, quais as vantagens das novas mídias em relação às mídias tradicionais?

Glaudemir de Lima: Eficácia e velocidade da transmissão da mensagem. Além da grande quantidade de pessoas que a igreja pode atingir em tão pouco tempo.

– E as desvantagens?

Glaudemir de Lima: Nem todas as pessoas sabem usar essas ferramentas da comunicação hoje. Muitas usam como meio de alienação.

– Qual é o posicionamento da Igreja Católica em relação a essas “novas formas de evangelização”, proporcionadas pela Internet e pelas redes sociais?

Glaudemir de Lima: Nos tempos atuais, a igreja está totalmente aberta para essa evangelização *on-line*. Houve uma resistência. Ela demorou a compreender a importância dos meios de comunicação para a evangelização. Só que hoje é diferente. Há uma mudança e ela já aceita e utiliza os meios de comunicação para divulgar a mensagem.

– Como o senhor avalia a evangelização atual via Internet?

Glaudemir de Lima: Percebo que, com o advento da Internet, melhorou muito a comunicação entre as Paróquias. Temos acesso aos documentos da igreja facilmente. As informações que o Papa divulga, por exemplo, antes demoravam a chegar até nós. Agora, podemos acessar simultaneamente no site do Vaticano a mesma informação. No próprio site do Vaticano podemos acessar o Jornal Observatório Romano (L'OSSERVATORE ROMANO) e ficar atualizados rapidamente, imediatamente, de forma mais precisa.

– Como o senhor avalia a utilização das novas mídias pela Igreja Católica aqui em nossa região, em Belém. Acredita que está dando certo?

Glaudemir de Lima: Como Arquidiocese, não. Particularmente, sim. De maneira individual, os padres acabam participando, criando Blogs, Orkut, Twitter. Mas, de modo

¹⁶⁰ Entrevista concedida dia 30.09.10. Glaudemir de Lima tem 37 anos e há sete é sacerdote. Atualmente, é pároco da Paróquia de Santa Paula Frassinetti, na Cidade Nova VI, em Ananindeua.

conjunto, como Arquidiocese, percebo que não há uma valorização nesse sentido, em fazer com que os membros eclesiais utilizem a Internet e as novas mídias para evangelizar.

– O senhor acredita que os dispositivos tecnológicos são importantes ou o que interessa é a divulgação da mensagem?

Glaudemir de Lima: Para mim, não importa o meio. O que interessa é a ideia, a mensagem. Todo meio é eficaz, o que existe é uma hierarquia de cada um deles.

– Como o senhor avalia o futuro da igreja em relação à Internet? Acredita que a evangelização pode se tornar cada vez mais virtual?

Glaudemir de Lima: Não acredito que as mídias digitais possam alavancar. Vai demorar muito, pelo menos. A igreja nunca vai abandonar o púlpito. Além disso, é uma utopia da ciência dizer que um dia tudo será virtual.

APÊNDICE H - ENTREVISTA COM PADRE JOÃOZINHO¹⁶¹

- Você tinha falado que não tinha uma Paróquia específica, que o seu Blog é a sua Paróquia. Hoje em dia ainda é assim?

Joãozinho: Eu não sou um padre diocesano, sou um padre religioso. Os padres de congregação religiosa normalmente não têm paróquia. Por exemplo, a minha função ordinária é ser diretor de uma faculdade de teologia e filosofia. Eu também sou professor, escritor, comunicador, evangelizador missionário, então eu não tenho uma Paróquia. Portanto, eu não tenho um povo de todo dia. Eu já trabalhei em Paróquia no início do meu sacerdócio, mas hoje eu não tenho um povo, eu sou um padre de público emprestado. Eu chego aqui em Belém e “peço emprestada” aquela multidão que me vê pela televisão, que me ouve pela rádio, pela internet e passo para elas a minha mensagem em forma de canção.

Desde que a mídia permitiu esse tipo de interatividade, por exemplo, no Blog e agora mais recentemente no Twitter, eu percebo que há um grupo frequente de mais ou menos 13 mil pessoas que acompanham o meu trabalho passo a passo. É interessante que chego aqui em Belém e as pessoas dizem: “Eu sou a Aninha do Twitter”, como se nós já fôssemos velhos conhecidos, pois ela acompanha o meu trabalho.

Daí convém analisarmos essa realidade do ponto de vista teórico da teoria taxológica ou interacional, que mostra que houve uma superação em nível teórico e tecnológico de uma comunicação sujeito-objeto, aquele esquema de comunicação tradicional que via a comunicação como uma mensagem transmitida por um emissor e captada por um receptor. E, entre eles, a mensagem, os meios de comunicação tradicionais, TV, jornais e rádios ainda produzem esse tipo de comunicação. Porém, esses meios tradicionais começaram a perceber que isso já não satisfazia o homem pós-moderno. As pessoas hoje em dia querem relação e a internet veio para consolidar esse modelo interacional ou modelo taxológico. Eu percebo que, no Blog, isso acontece muito. Eu escrevo e as pessoas reagem com um comentário. Às vezes, eu coloco o próprio comentário como um post e as pessoas começam a reagir entre elas mesmas e isso cria opinião política, religiosa, moral, opinião em todos os campos da vida

¹⁶¹ Entrevista concedida no dia 15.10.10, em Belém. João Carlos Almeida – Pe. Joãozinho – é sacerdote há 21 anos. Mestre em Teologia Sistemática, Joãozinho é atualmente diretor da Faculdade Dehoniana, em Taubaté/SP e Dr. em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É sacerdote da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, os Dehonianos, que trazem em suas fileiras personalidades da mídia como Pe. Zezinho, que foi seu professor; Pe. Léo, que foi seu colega de estudos e Pe. Fábio de Melo, que foi seu aluno. Pe. Joãozinho já escreveu vinte livros. É responsável pelo Blog <http://blog.cancaonova.com/padrejoaozinho/>, que é um dos três, dos 350 da Canção Nova, mais acessados e comentados diariamente. Além de ter, no Twitter, (@padrejoaozinho) quase 50 000 seguidores que acompanham seu trabalho diariamente.

humana. Isso cria uma comunidade cristã virtual, uma espécie de “Paróquia virtual” (entre aspas, pois não tem sacramentos), que reage entre si.

O interessante é que, desde que surgiu o Twitter, que eu considero a mais inteligente dentre as redes sociais, quando ligado com o Blog, aumentou na potência de 10 tudo que eu fazia antes, porque no Twitter, ao contrário do Blog, tudo é muito rápido, as pessoas se sentem mais próximas de você. No diário *on-line*, você tem que ponderar os comentários, lê-los e aprová-los ou não... O meu Blog está sempre entre os mais atualizados e comentados. Dos 350 Blogs do site Canção Nova, ele está sempre entre os primeiros, o que significa que eu recebo cerca de 2000 visitas e 50 comentários por dia, e cada visitante dá cerca de cinco cliques no mouse, o que significa que o visitante entra e começa a “passear” pelo Blog. A maioria dos diários *on-line* são um pouco estáticos, o blogueiro escreve diariamente, e tem certo número de visitas, as pessoas lêem e vão embora, então dão apenas um “clique”. Quando as pessoas começam a baixar a barra de rolagem, clicar para a página anterior e procurar os assuntos de sua preferência no mecanismo de busca do Blog, ela começa a utilizá-lo como um universo de pesquisa. Eu tenho observado um crescente interesse nesse tipo de pesquisa. O meu Blog foi criado em agosto de 2007 e é atualizado praticamente todos os dias, já é uma coisa incorporada ao meu cotidiano. Agora são aproximadamente 9h20 da manhã e eu ainda não atualizei com o post de hoje. Mas, ele já está atualizado desde às 6 da manhã com um post automático, No entanto, eu fico inquieto sabendo que ainda não escrevi nada. Ontem à noite teve um show aqui em Belém e as pessoas querem ver uma foto ou um comentário meu. No dia em que os mineiros foram libertados no Chile, imediatamente, eu coloquei os meus comentários.

Agora, em tempo real, o Twitter é a melhor das ferramentas. Ele possui uma portabilidade maior, pois as pessoas já migraram com o ele para o celular. Ontem mesmo tinha várias pessoas assistindo ao show e twitando. Eu não podia fazer isso, pois estava ocupado cantando, mas, quando cheguei em casa, vi que várias pessoas já tinham entrado no Twitter durante o próprio show pelo celular. O meu Twitter é atualizado com cerca de 30 comentários diários. Esse hábito me levou a descoberta de algumas coisas que você deve fazer e outras que não deve. Essa nova mídia mesmo nasceu como uma espécie de mini-Blog e algumas pessoas começaram a usá-la como se fosse uma espécie de MSN, um lugar para ficar batendo papo, coisa que ela não é! Algumas pessoas querem essa interatividade ao extremo e não é exatamente para isso que ela serve. O Twitter começou com a pergunta “o que você está fazendo?”, e as pessoas começaram a usar para escrever coisas como: “estou tomando café”, “estou no banheiro”... O que torna a ferramenta extremamente

desinteressante. Então, o próprio Twitter amadureceu e mudou a pergunta para “o que está acontecendo?”. Essa pergunta é emblemática e mudou a postura das pessoas diante das redes sociais. Agora, não interessa mais o que eu estou fazendo, mas sim o que está acontecendo. Sai da pessoa, vai para o seu entorno e para a sua cabeça. Por exemplo, eu posso estar lendo jornal e achar alguma notícia interessante e imediatamente “retwittar”¹⁶² a informação. Normalmente, as pessoas se seguem por ter algum link de interesse com a pessoa, um vai mandando informações para o outro e vai se criando uma rede de interesses, de informações, de opiniões.

- Porque o senhor resolveu usar o Twitter? Há quanto tempo o criou? O senhor começou a usar as redes sociais com o Blog?

Joãozinho: O Twitter eu criei a menos de um ano. Sim. Eu comecei com o Blog, em 2007. Um dia eu recebi um telefonema da Canção Nova perguntando se eu gostaria de ter um Blog e eu achei interessante, tinha acabado de defender um doutorado em Roma e estava meio “fora do ar”, ainda não queria assumir programa de televisão, mas precisava de um canal de contato com as pessoas e não sabia direito o que era um Blog. Eu não tinha experiência e estava imaginando um site comum. Qual a diferença? Um site é mais estático, para mandar uma atualização demora mais... O segredo do Blog, e das redes sociais em geral, é a senha pessoal e intransferível, todos sabem que a responsabilidade pelo que está escrito é do autor e de mais ninguém. Ou seja, sumiu a figura do editor e, conseqüentemente, das editoras. Nesse espaço, o produtor de conteúdo também é editor e consumidor, ou seja, é a figura do “prossumidor”. Todos que estão nesse meio também têm suas próprias opiniões e podem interferir no cotidiano umas das outras. Essa é a lógica nova.

- O interessante é que o seu Blog não fala só de religião. Mas, e temas polêmicos, como pedofilia, aborto, camisinha etc., como são tratados nesse espaço *on-line*?

Joãozinho: O meu Blog é um espaço muito livre, de uma pessoa que tem a cabeça aberta e disposta a debater tudo. Muitos confundem o padre com a igreja, como se o padre fosse um “papagaio” que precisa repetir tudo que está escrito nos documentos da igreja. Eu não sou assim. Não sou um simples alto-falante que repete tudo que a igreja diz. Não. Eu tenho capacidade crítica, eu tenho consciência. Deus me fez pensante. Se eu não pensar, eu estou pecando segundo a identidade pela qual eu fui feito. Santo Agostinho dizia: “Se Deus me fez pensante, pensar é um jeito de louvar a Deus.” Então, eu louvo a Deus por meio da

¹⁶² A prática de “retwittar”, ou passar adiante algo escrito por outro usuário, é quando você divulga os textos e links de outros internautas, sendo possível que eles façam o mesmo com seus twitts. Assim, seu nome será divulgado e você pode ganhar mais seguidores.

reflexão. O próprio São Pedro, na carta dele, dizia que nós devemos dar a razão da esperança. Por que você crê? Então um padre não é um papagaio. Mas claro que eu tenho compromisso com a verdade, e a verdade não é aquilo que eu produzo racionalmente e subjetivamente. A verdade existe objetivamente e eu estou perseguindo-a. Então você vai encontrar todas essas coisas no Blog de forma bastante livre. Procuro viver e refletir de maneira alinhada ao pensamento da igreja católica. Não me interessa fazer polêmicas por polêmicas, porém o Blog tem sido provocativo. Acho que é da minha própria natureza fazer a linha do provocador. Às vezes, provoco algumas polêmicas que chegam a ter 400 comentários, com os participantes discutindo dentro do Blog e aí, nesse caso, eu preciso esconder o post, pois chega um momento que o Blog fica maior do que você, o debate escapa das suas mãos, ninguém presta mais atenção no post inicial e começa uma discussão entre eles, o diário *on-line* ganha vida própria. Foi o caso da política. Eu vinha fazendo comentários ponderados, ajudando as pessoas a refletir, defendendo a existência de um segundo turno, o que de fato aconteceu, e a religião foi um fator determinante, o que merece um bom estudo, pois os marqueteiros haviam menosprezado esse item, em um país eminentemente cristão, e os candidatos estão um pouco perdidos, pois não sabem lidar com a religião, já que não são pessoas muito religiosas, eles não têm uma cultura religiosa. Observando isso, eu comecei a refletir, como sempre faço. E, então, aconteceu um fenômeno interessante, em abril, quando não tinha nenhum candidato definido, mas já se dizia que possivelmente a Dilma Rousseff seria a escolhida pelo Lula. Então, eu escrevi um post assim: “Quem é Dilma Rousseff?” e pedi para as pessoas pesquisarem sobre quem era ela e dei um link para começar. A princípio, não teve grande repercussão, com pouquíssimos comentários. Mas, quando chegou o mês de setembro, um grande Blog de política descobriu o meu post e postou um link desse texto. Então, várias pessoas que frequentam aquele Blog clicaram no link e chegaram ao meu, lendo um post de abril com os olhos de setembro. Teve mais de 300 comentários, de pessoas me acusando de fazer campanha contra a Dilma, escrevendo coisas como: “Como pode uma pessoa não conhecer a Dilma depois de toda essa campanha?”. Eu percebi que a grande maioria das pessoas não olha a data da postagem e lêem tudo como se tivesse sido escrito hoje. Essa atemporalidade do Blog me preocupa. Os partidários dos candidatos começaram a usar textos meus fora do contexto. Então, eu resolvi apagar todas as postagens sobre política e só voltar depois que as eleições terminassem.

- Qual foi o seu objetivo principal ao criar o Blog?

Joãozinho: O Blog é um grande meio de evangelização, mais até do que a TV, pois o que eu falo a pessoa tem que estar assistindo no momento, e no Blog você pode entrar a hora

que quiser e ler o que quiser. Como hoje há uma tendência na juventude de fazer várias coisas ao mesmo tempo, ela pode estar assistindo ao programa na TV e ao mesmo tempo twitando. E o meu objetivo é justamente atingir esse público jovem. Eu olho sempre para frente, para o futuro. Não quero mais trabalhar com a TV tradicional, quero fazer Web TV, por isso estou fazendo uma vez por semana um programa na twitcam. Provavelmente, daqui a 15 anos, a internet vai colocar a televisão no bolso, pois o que eu faço tem praticamente custo zero, bem diferente dos meios tradicionais, que têm gastos muito altos. Eu tenho acesso a fazer um programa de televisão por já ter uma história. Mas, um padre iniciante não vai ter a mesma entrada. No entanto, com a internet, o que eu faço qualquer padre pode fazer.

O meu principal objetivo, com o diário *on-line*, é criar uma comunidade interativa, pois eu acredito que ser cristão é congregar, é criar comunhão, que é o que salva, o que dá vida, que areja a mente, aquece o coração. Por exemplo, o Círio de Nazaré de vocês é uma congregação, a corda é uma congregação, todos querem pegar nela, ela congrega. O Blog é como uma “corda do Círio virtual” que une as pessoas. Estão aparecendo alguns mecanismos que são interessantes. Por exemplo, eu linquei o Twitter com o Blog. Tudo o que eu posto no diário *on-line* vai para o micro Blog. Como hoje o meu Twitter tem um público maior que o Blog, eu não dependo mais do site da Canção Nova, dependo só de mim.

- Gostaria de saber se a igreja realiza formação com os padres para utilizar essas mídias digitais...

Joãozinho: Não tem treinamento nenhum. As pessoas têm que ser alfabetizadas digitalmente. Eu já tenho o hábito de escrever, mas têm muitos que não têm esse hábito, são preparados apenas para falar e não sabem escrever bem. Esse é o grande problema. A Canção nova, por exemplo, tem digitalizado os sermões, o que já ajuda alguns padres. Eu acho que a igreja vai avançar quando tiver um grupo que dá formato digital para aquilo que ele fala, pensa, escreve. Se a pessoa não é interessante na vida real, ele não vai ser na virtual. O Twitter mostra isso. Há pessoas que não são conhecidas e têm milhares de seguidores. Por exemplo, “o criador”, ninguém sabe quem ele é, mas todo dia ele sai com uma que vale duas, tem uma inteligência, uma criatividade que atrai muitas pessoas. Outros já têm muitos seguidores por serem famosos. Mas a internet traz alguns perigos, como a superexposição. Eu já não digo onde estou, pois, além de seguidores, eu também tenho perseguidores.

- Como o senhor analisa a utilização dessas novas mídias pelos padres, irmãs e demais membros da igreja?

Joãozinho: A onda das mídias sociais é recente, não apenas na igreja. Hoje, as empresas, corporações, estão começando a dar muito mais atenção às redes sociais. Ela não é

uma bolha. Veio para ficar e apenas responde a essa intuição da teoria interacional: as pessoas querem interagir cada vez mais. A TV digital vai levar isso para o mundo da TV. Agora, o grande problema dos padres e das religiosas é o medo da tecnologia. Medo de não saber manter isso. Muitos ainda confundem site com Blog, são analfabetos digitais.

– O senhor acredita que as pessoas que acessam o seu Blog são ligadas à igreja?

Joãozinho: Não. Cada vez mais entram pessoas que não têm qualquer ligação com a religião católica. Eu, por exemplo, tenho um grupo grande de evangélicos que frequentam o meu Blog.

– O senhor acha que isso faz com que a igreja, então, adquira mais seguidores?

Joãozinho: Eu acho que essa preocupação é medíocre e proselitista. Quem prega para atrair pessoas tem uma pregação fraca. É uma motivação muito frágil. Naturalmente, se você pregar bem, vai ter seguidores, independente de religião. A conversão é apenas um efeito que não é buscada diretamente.

– O senhor diz que, cada vez mais, entram pessoas de outras religiões no seu Blog. Como o senhor tem acesso a esses dados?

Joãozinho: O meu Blog é católico e dá para perceber pelos comentários que as pessoas fazem a religião que elas pertencem. Por exemplo, se eu escrever sobre Maria, eu aprovo os comentários de vários evangélicos. Eles começam a discutir que os católicos adoram Maria e estes começam a discutir com eles.

- Se alguém fizer uma pergunta no comentário, o senhor sempre responde?

Joãozinho: Infelizmente, eu não tenho muito tempo, esse é um limite meu. Eu utilizo mais o Blog e o Twitter e não gosto de ferramentas como o Facebook, pois acho que ele não tem foco. Ele não sabe se é um Twitter, um Orkut, um MSN... Ele quer ser tudo ao mesmo tempo e não é nada. Eu não acredito que alguém possa ter várias redes sociais ao mesmo tempo e consiga alimentá-las diariamente. Você vai ficar o dia todo na internet. Eu já acho que estou ficando tempo demais e tenho que aperfeiçoar o meu tempo para fazer outras coisas, como escrever os meus livros.

- Muitas pessoas ligadas à Igreja Católica, até mesmo os jovens, não sabem que a igreja utiliza as novas mídias. O senhor acredita que há algum problema?

Joãozinho: Aqui em Belém tem a comunidade Shalom, que já estava twitando comigo há uma semana. Eu estava acompanhando todo o Círio pelo Twitter e o rapaz que estava no palco já estava se comunicando comigo antes de eu o conhecer, via Twitter, e quando cheguei ao palco éramos velhos conhecidos.

Outra coisa interessante é que os Twitters institucionais são menos interessantes que os pessoais. As pessoas não gostam de seguir as suas faculdades, sua empresa. Aos poucos, as redes sociais vão invadindo a vida das pessoas, elas vão receber automaticamente, via SMS, as comunicações com a Paróquia. Por que não fazer um cadastro, com o número de celular dos paroquianos, e mandar todas as informações diretamente aos fiéis?

Agora, algumas dessas novidades virtuais tecnológicas nós não sabemos até que ponto vão permanecer e até que ponto elas são uma bolha que vai sumir. Por exemplo, com o Second Life, todos achavam que todo mundo ia criar um personagem. Só que hoje ninguém fala mais nisso. Diferente do Twitter, que veio para ficar, o Orkut mostra sinais de cansaço. No Brasil, o Twitter é muito forte, é o país que mais utiliza o micro Blog no mundo e ainda não tem a versão em português. Enquanto no resto do mundo eles ainda preferem o Facebook.

- O senhor acha que a igreja está refletindo sobre a utilização dessas novas mídias?

Joãozinho: Eu acho que ela está refletindo mais do que usando. Eu tenho provas disso. Por exemplo, entre em qualquer loja das Paulinas e procure livros sobre comunicação, comunicação virtual, redes sociais etc. É um amontoado de teorias que vêm dos melhores escritores, que provavelmente não utilizam o Twitter, que não têm Blogs, mas têm a teoria. Lévi-Strauss, Pierre Lévy, todos esses teóricos estão muito bem pautados na reflexão da Igreja Católica, mas eu não vejo uma prática. É como um cozinheiro que sabe escrever como fazer receitas maravilhosas, mas não sabe fazê-las na prática. A maioria das cozinheiras nunca escreveu um livro de receitas, mas sabe cozinhar muito bem. Já eu prefiro fazer na prática, mas também estou escrevendo um livro sobre isso. Estou agregando conhecimento teórico. Saiu um livro meu no início do ano, “Imagem & Semelhança de Deus na Mídia”, pela editora Loyola, onde eu trato um pouco da presença da igreja na mídia, em uma reflexão teológica. Ainda falta a parte virtual que vai sair em outro livro que estou escrevendo em parceria com outras pessoas e prefiro manter em segredo.

- Como o senhor analisa uma pessoa que deixa de frequentar uma Paróquia para fazer (quase) tudo virtualmente?

Joãozinho: Veja bem, o charme do virtual é o real, tudo tende ao real. O virtual é real, só que ele tem limite de toque, de encontro, de abraços, de afeto. Então, eu percebo que as pessoas que têm uma assiduidade virtual, querem o real. É muito melhor a vela real. É muito melhor a voz e o violão ao vivo do que no twitcam. O toque. A nossa conversa aqui poderia ter sido via Skype, via MSN, via e-mail, mas nós estamos aqui ao redor de uma mesa tomando café, o real é melhor. Entretanto, o virtual potencializa tudo isso, se eu não posso ir a

Lourdes, eu posso acender aqui de Belém uma vela a Lourdes. Mas, curiosamente, o virtual não acaba com o real, pelo menos não deve acabar. Apesar de que há pessoas que se tornam escravas do virtual e não querem sair do próprio quarto. São aquelas meninas branquinhas, as chamadas baratas virtuais, que ficam ali no escurinho e não conseguem falar nem com os familiares. Por exemplo, conheço um casal que trabalha com internet e mora na mesma casa e se comunica via MSN... Na minha faculdade, todos os funcionários têm que estar no Skype. Nós conversamos o tempo inteiro via Skype. Quando terminar a entrevista, eu vou dar aulas na faculdade, via Skype. Mas, ontem, a minha secretária pediu para eu ir até ela assinar um documento. Eu falei: “Eu não posso. Você sabe onde eu estou?” Ela perguntou: “Você não está na sua sala?” Respondi: “Sim. Estou aqui na minha sala, em Belém do Pará, a milhares de quilômetros de distância...” Esses são os limites do virtual.

– Havia perguntado ainda pouco sobre a utilização correta dos meios e o senhor falou que as pessoas sabem a parte teórica, mas desconhecem a prática. Por exemplo, entrevistei o padre e pesquisador Pedro Gilberto Gomes, que comentou que a igreja não dá o embasamento para que os padres criem seus Blogs...

Joãozinho: Ele tem Blog ou Twitter? Não. Está aí o exemplo. Ele escreve livros de receita muito inteligentes, mas não funcionam. Não funcionam porque a pessoa não pratica. Ele tem um referencial teórico muito limitado do virtual. Esses livros giram todos em torno do mesmo assunto, uma ladainha já conhecida, teórica. E não é por ser uma teoria bem construída que se torna o melhor referencial para discutir a questão. Uma coisa é você discutir a partir da teoria, outra a partir da prática. Ou seja, o indivíduo não tem Blog nem Twitter e discute sobre o assunto? Eu relativizo muito esses teóricos de plantão.

- Muitos padres que têm Blog na igreja não sabem utilizar a linguagem virtual que, sabemos, é diferenciada da impressa, da analógica. Nesse sentido, o senhor não acha que há a necessidade do indivíduo se educar, se adaptar? Joana Puntel escreveu sobre a necessidade de se adequar a essa linguagem...

Joãozinho: Ela tem Blog ou Twitter? Não. É mais uma teórica que eu não encontro na internet. Eu sou um crítico dos críticos e eles sabem disso. Não é possível que alguém faça uma teoria que não seja a partir da prática. A Teoria da Libertação inaugurou um método que é fazer uma leitura da fé a partir do compromisso, da prática. Uma pessoa que não tem a prática tem uma teoria manca, limitada. Então, quando eu vou ler as teorias a respeito do mundo interacional, do mundo virtual, dos Blogs, eu percebo que muitos teóricos de plantão ainda têm compromissos analógicos, falando de frente para os livros, mas de costas para o

futuro. Eu acho muito interessante, eu leio e absorvo muito do que eles escrevem, mas, convenhamos que muitas dessas coisas seriam muito mais úteis se partissem da prática.

- Por que o senhor acha que muitas pessoas dentro da própria igreja desconhecem que ela utiliza esses meios de comunicação?

Joãozinho: A cultura virtual é recente e está crescendo exponencialmente, mas não é todo mundo que tem essa cultura. Mas terá. O futuro passa pela internacionalidade virtual e quem viver verá...

APÊNDICE I - ENTREVISTA COM PADRE PEDRO GILBERTO GOMES¹⁶³**– Como o senhor avalia a utilização das novas mídias pela Igreja Católica?**

Pedro Gilberto Gomes: A Igreja Católica se jogou de cabeça na mídia. São vários os exemplos. De TVs, podemos citar a Rede Vida, Aparecida, Canção Nova etc., isso sem contar as independentes. Essa tradição, a Igreja sempre teve. Só de rádios, ela possui cerca de 200. Estamos vivendo um momento de transição na sociedade. Uma mudança de época, que está colocando a humanidade em outro patamar. Isso é representado por uma sociedade em midiatização, que está criando uma nova ambiência. A expressão material disso são as novas mídias. As pessoas se interagem. A rádio aqui do Rio Grande do Sul, por exemplo, faz a programação geralmente com os ouvintes que mandam mensagem pelo celular.

– Para o senhor, qual o problema de uma “nova ambiência”, caracterizada por uma sociedade cada vez mais midiatizada?

Pedro Gilberto Gomes: O problema é que a Igreja Católica está entrando no mundo dessas novas mídias sem fazer reflexão. Ela entra como um dispositivo tecnológico apenas para passar a mensagem. Só que acaba esquecendo que os meios também são importantes, uma vez que não são neutros. A compreensão da mensagem depende do meio, sim. Tudo isso para a igreja é instrumento. Ela se importa só com o conteúdo e todo o resto é secundário. Assim como a igreja utilizou as mídias tradicionais, ela agora utiliza a Internet. Só que agora para ela há uma novidade: pela internet, a igreja pode atingir um milhão de pessoas. Que bom. Não digo que isso é errado. Só não é tão fácil assim. Essas novas mídias estão atingindo um novo modo de fazer religião.

– Para o senhor, então, há uma nova maneira de ser igreja nos dias atuais, proporcionada pela Internet?

Pedro Gilberto Gomes: De fato, há um novo modo de ser religião. A minha inquietação é que tipo de espiritualidade está emergindo dessas novas mídias. Quando o devoto do Círio de Nazaré deixa de ir à Capela acender uma vela para fazê-la virtualmente, que consequências têm isso? Que tipo de religiosidade desenvolve uma criança que passa todo dia em casa lendo a Bíblia pela Internet, sendo tudo virtual? A Igreja não pode ficar de fora disso. Eu só acho que ela não está fazendo uma reflexão sobre como utilizar; pensando o

¹⁶³ Pedro Gilberto Gomes é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), especialista em Teologia pela Universidad Católica de Santiago. Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde exerce o cargo de Pró-Reitor Acadêmico. É Diretor da Editora da Universidade. Ainda é membro da Equipe de Reflexão de Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

que está surgindo; que modo de se fazer religião se estabelece; quais as consequências. Nesse momento, estamos dando um salto quântico, que faz parte da história, com as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC).

– O senhor acredita que os membros da Igreja (padres, bispos etc.) estão preparados para enfrentar essa “nova” realidade, com uma evangelização cada vez mais midiaticizada?

Pedro Gilberto Gomes: Não. Para os padres, bispos etc., isso (a evangelização *online*) não há dificuldades. Não faz parte do universo de preocupação deles, porque, para eles, não é problema e, sim, solução. Se o jovem não vai à igreja, “eu vou até eles”, diz a igreja. Ou seja, para eles, é solução para o problema. Não é que ela não esteja preparada, é que ela ainda não se atentou para isso, porque esse é um problema que ela não se coloca.

– Essa realidade que se vive hoje e que é muito questionada pelo senhor, é fruto de uma sociedade pós-moderna?

Pedro Gilberto Gomes: A verdade é que sabemos que os conceitos antigos não estão dando mais conta de explicar muitas coisas. Temos ainda muita dificuldade em olhar nosso objeto. A rede é um conjunto de buracos com limites. Se baixarmos muito, não conseguimos enxergar a rede, só o buraco. Se fizermos um *zoom* alto, conseguimos ver a rede. O certo é que vivemos hoje em uma sociedade que, de um lado, possui um hiper-relacionamento e, de outro, encontra-se em extremo individualismo. Não devemos ir contra a pós-modernidade, mas saber o que de fato está acontecendo. Não sou contra as novas mídias, mas devemos discutir, pensar, avaliar e entrar sabendo que vão haver diversas interpretações, independente do que, por exemplo, o padre quer.

– Por que o senhor diz que a igreja, ao se “aventurar no mundo da mídia”, ainda permanece na antiga ambiência?

Pedro Gilberto Gomes: Porque ela utiliza os dispositivos tecnológicos apenas como instrumentos para transmitir a mensagem.

– Para o senhor, que tipo de religião está emergindo da mídia?

Pedro Gilberto Gomes: Não sei ainda. O fato é que, para os padrões antigos, é uma religião individualista, com consumo *a la carte*. Estou certo de que está começando a surgir uma coisa nova, que a gente não tem percepção ainda do que é.